



Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia- PPGPSI

Vinicius Padilla

A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus

Manaus –AM

Janeiro, 2013

VINICIUS PADILLA

A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus

Dissertação apresentada a
Faculdade de Psicologia da
Universidade Federal do
Amazonas para obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva

Manaus

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Serviço de Documentação

Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas

Ficha Catalográfica

(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Padilla, Vinicius

P123p A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus / Vinicius Padilla. - Manaus: UFAM, 2012.
127 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Amazonas, 2012.

Orientadora: Prof^a. Dra. Iolete Ribeiro da Silva

1. Representações gráficas 2. Pichação 3. Juventude 3. Grafismo urbano I. Silva, Iolete Ribeiro da (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 003.6.079(811.3)(043.3)

VINICIUS PADILLA

**“A PICHAÇÃO COMO FENÔMENO SOCIOAMBIENTAL NA CIDADE DE
MANAUS”.**

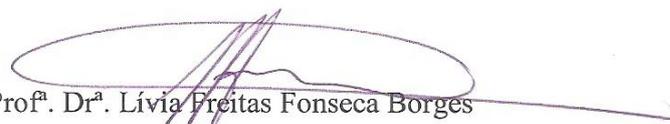
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas,
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovada em 04 de Fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA:


Prof^ª. Dr^ª. Iolene Ribeiro da Silva

Ufam -Universidade Federal do Amazonas - AM


Prof^ª. Dr^ª. Livia Freitas Fonseca Borges

UnB -Universidade de Brasília


Prof^ª. Dr^ª. Lidia Rochedo Ferraz

Ufam - Universidade Federal do Amazonas - AM

AGRADECIMENTOS

A Deus e todos os Orixás que me deram força neste longo e difícil percurso que percorre até aqui.

Aos amigos da Associação Filosofia Itinerante (AFIN) que tanto auxiliaram nas composições e entendimentos produzindo encontros que aumentaram sempre minha potência de agir, além de propiciar uma genuína amizade e ação na cena da vida. Katiane, Lucicléia, Paulo, Alci “Jabuti”, Marcos “Gatinho”, Miguel “Saterê”, Evanilson “Biscoito”, Geisiane, Anderson, Melyse “Mel”, Ana “Meu bichinho”, Larissa e as crianças afinantes Hayssa, Jamile, Vitorinha “Olhinhos de mar”, João Benedito, Kalian “Chumbinho”, Aruã “Café da manhã”, Naianaquê, e todos os que comporam conosco neste percurso.

Aos meus pais Roberto e Suzan Padilla e meus irmãos Rafael e Rodrigo por estarem sempre presentes e pelo auxílio existencial, afeto, e um grande apoio neste anos de convívio.

A sempre terna orientadora Iolete Ribeiro da Silva que é dotada de grande paciência e sabe nos encorajar, apoiar e guiar com muita humanidade e competência, fazendo com que nós produzíssemos este estudo.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) que além da bolsa proporcionou que este trabalho chegasse ao fim.

Aos pichadores e grafiteiros que tornaram esta pesquisa possível e que atuaram durante muitas noites durante este período.

As professoras Livia Freitas Fonseca Borges, Lidia Rochedo Ferraz que aceitaram participar da minha banca.

Aos amigos do Laboratório Desenvolvimento Humano no Ambiente Amazônico, da Universidade do Amazonas e da Faculdade de Psicologia (FAPSI).

RESUMO

PADILLA, Vinicius. A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus. 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

A pichação é um fenômeno que ocorre com jovens nas grandes cidades e centros urbanos. A presente pesquisa estudou esta prática por um viés socioambiental a partir dos significados e motivações dos pichadores. A principal base teórica deste trabalho é a psicologia socioambiental de Ernest Fischer, a teoria dos *affordances* de James Gibson e a análise de ensignação espacial de Jean Baudrillard. Concebemos ainda que os praticantes da pichação são jovens e através da teoria sociohistórica, não entendemos esta juventude como uma fase, mas sim como uma prática atuante na sociedade. Este estudo teve como objetivo geral investigar os aspectos sócioambientais presentes na prática da pichação no espaço urbano e como objetivos específicos caracterizar as diferentes formas da pichação, que ocorrem em diversos lugares da cidade; analisar as formas de escolha dos espaços e as formas de apropriação pela pichação; verificar as motivações e significados dados pelos jovens que praticam a pichação. Para realização destes a pesquisa utilizou de abordagem multimétodos no intuito de conceber a pichação de forma mais ampla e utilizando a catalogação fotográfica, entrevistas semi-estruturadas, registro em diário de campo. Estudou-se mais de 2.000 fotos com pichações em relação aos tipos de mensagens e lugares de pichação. Obteve-se como resultado que a maior parte das pichações (97%) traz mensagens comunicativas ou não-reflexivas e tiveram como lugares mais comuns lojas, indústrias e centros comerciais (33,9%), residências e propriedades privadas (28,8%) e espaços de uso público (15%). Nas entrevistas ficou claro que os jovens pichadores analisam sua prática como uma forma de vandalismo, necessidade de reconhecimento, envolvimento coletivo na cena, literatura social, protesto, prática ilegal. Além disto, eles veem na figura do pichador alguém que possui vontade de se destacar, mas que se sente incompreendido, marginalizado, diferente e consciente de sua ação e limites. Descobriu-se ainda que os principais motivos que levam os pichadores a agir são busca de liberdade, influência dos grupos, forma de se sentir produtivo, necessidade de contestação, protesto, transformação, adrenalina, proibição, interação com a cena de pichadores, desejo, entre outros. Por fim percebeu-se que a pichação trata de uma relação socioambiental bastante complexa onde os pichadores agem dialeticamente, modificando o espaço da cidade ao mesmo que se transformam no contato com este.

Palavras Chaves: Pichação, Espaço Urbano, Juventude

ABSTRACT

PADILLA, Vinicius. The *pichação* as a socialenvironmental phenomenon in the city of Manaus. 2013. 127 p. Dissertation (Master's degree)- College of Psychology, Federal University of Manaus, 2013.

The *pichação* is a phenomenon that occurs among the young in the big cities and urban centres. This current research studied this practice from a socialenvironmental slant after the meanings and motivations of the *pichador*. The main theoretical basis of this report is the social environmental psychology of Ernest Fischer, the affordances theory of James Gibson and the analysis from the filling of the spaces with signs of Jean Baudrillard. We also conceive that the practicing of the *pichação* are young people and through the sociohistoric theory, we don't understand their youth as a phase, but as an active practice in the society. This study had as general objective to investigate the socialenvironmental aspects that are present in the practice of the urban space *pichação* and as specific objectives characterize the different ways of *pichação*, that occurs in several places of the city; to analyze the manners of choosing the spaces and the forms of appropriation through the *pichação*; to verify the motivations and meanings given by the young who practice the *pichação*. For this achievement, the research used the multimethod approach in order to conceive the *pichação* of a wider manner using the photographic cataloguing, semi-structured individual interviews and record on field journal. It was studied more than 2.000 photographs with *pichações* according the types of messages and places of *pichação*. It was achieved as result that most of the *pichações* (97%) brings communicative or non-reflexive messages and they had as most common places: stores, industries and business districts (33,9%) houses and private property (28,8%) and public use spaces (15%). In the interviews it became clear that the young *pichadores* analyze their practice as a form of vandalism, need of recognition, collective involvement into the scene, social literature, protest, and illegal practice. Besides, they see on the figure of the *pichador* somebody who feels misunderstood, marginalized, different, and conscious of one's actions and limits. It was also discovered the main motivations that lead the *pichadores* to act are the quest for liberty, influence of the groups, a way of being productive, need of contestation, protest, transformation, adrenaline, prohibition, interaction with the scene of *pichadores*, desire, among others. Finally, we realized that the *pichação* is about a very complex socialenvironmental relation where the *pichadores* act dialectically modifying the space of the city at the same time they transform themselves through the contact with that.

Key-words: *Pichação*, Urban Space, Youth

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Quantidade de pichações fotografadas	54
Tabela 2-	Tipo de pichações fotografadas	56/57
Tabela 3-	Lugares das Pichações fotografadas	63/64

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Escrita na parede preservada em Pompéia	15
Figura 2-	Manifestação de estudantes em 1968, em frente à Faculdade de Direito da USP.....	16
Figura 3-	Trem pichado em Nova York	17
Figura 4-	Pichação reflexiva (denotativa)	58
Figura 5-	Pichação comunicativa (fática)	59
Figura 6-	Pichação pornográfica	60
Figura 7-	Pichação Ofensiva	61
Figura 8-	Pichação em residência	65
Figura 9-	Pichação em prédio	65
Figura 10-	Pichação em Local Abandonado na Av. Grande Circular, Zona Leste.....	66
Figura 11-	Pichação na Sede da Previdência Social no Centro de Manaus	66
Figura 12-	Pichação em loja no Bairro da Cachoeirinha, Zona Centro-Sul	67
Figura 13-	Escola Estadual no bairro da Cidade Nova, Zona Norte de Manaus	67
Figura 14-	Igreja no bairro Novo Aleixo	68
Figura 15-	Parede do Prédio da Instalação da Província do Amazonas, Centro.....	68
Figura 16-	Terminal de ônibus 1 na Av. Constantino Nery, Centro	69
Figura 17-	Placa de uma construção, Bairro Dom Pedro, Zona Centro-Oeste.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Objetivo Geral:	13
Objetivos específicos:.....	13
CAPITULO 1- A PICHANÇA COMO UM FENÔMENO SOCIOAMBIENTAL DOS ESPAÇOS URBANOS	14
1.1. - O fenômeno sociohistórico da pichação	14
1.2- A pichação como problema jurídico do estado de direito constituído	19
1.3.- A pichação como problema socioambiental.....	21
CAPÍTULO 2. A JUVENTUDE	25
2.1 Juventude, adolescência e sociedade	25
2.2 Ser jovem, envolvimento social e pichação.....	28
CAPÍTULO 3- O ESPAÇO URBANO	32
3.1. O pichar e a ensignação nos espaços urbanos	34
3.2. A pichação e as produções no espaço urbano	38
4. METODOLOGIA:	42
4.1. Tipo de Pesquisa.....	42
4.2. Local da Pesquisa	43

4.3. Participantes da pesquisa.....	43
4.3.1. Critérios de inclusão dos sujeitos	45
4.3.2. Critérios de exclusão dos sujeitos.....	45
4.4. Procedimentos de construção dos dados	45
4.5 Procedimentos para análise dos dados	48
4.6. Cuidados éticos.....	51
5. RESULTADOS	53
5.1. As diferentes formas da pichação nos espaços da cidade.....	53
5.2. A pichação a partir das motivações dos pichadores e seus significados	73
5.3. O Espaço urbano e os lugares de pichação.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
APÊNDICES	122
ANEXOS	126

INTRODUÇÃO

No espaço urbano das grandes cidades, é cada vez mais notável a multiplicação das pichações, que se fazem presentes em diversos lugares públicos e privados, como viadutos, prédios, muros, portas, placas, ônibus, trens ou postes. Além de ser uma problemática social, a pichação é considerada um problema ambiental, uma vez que propicia uma transformação no espaço e cria certas formas de produção que podem ser caracterizadas como poluição visual.

Os grafismos urbanos, em geral, costumam ser diferenciados entre pichação e grafite (que recentemente deixou de ser ilegal). Apesar disto, muitos artistas de rua e diversos estudos não distinguem a prática da pichação e do grafite (como, por exemplo, RAMOS, 1993; KESSLER, 2008; ANDREOLI, 2004), uma vez que ambos são produções e estão em um imbricamento de suas histórias e práticas. Uma demonstração do hibridismo desta definição é a existência do bomb também conhecido como estilo *grapixo*, *wild style* ou ainda *hip-hop* - que utiliza algumas letras da pichação com cores e formas estilizadas do grafite. Entretanto, para a sociedade civil e para a grande mídia, a diferença do grafite (prática artística) e da pichação (transgressão) é feita de uma maneira perceptível. Deste modo, mesmo conhecendo os entrelaçamentos das duas práticas, utilizaremos como objeto de estudo apenas o fenômeno da pichação, não adentrando no grafite.

O que é intrigante primeiramente na pichação é a forma de ocupação espacial que esta possui. Vemos nas grandes cidades diversos locais (muitas vezes quase todo o centro da cidade) repletos destas inscrições, o que faz deste fenômeno espacial algo de relevância social. Notamos também que estes jovens dão significação a suas experiências sociais e urbanas, a partir de algo incômodo e perigoso, e que esta construção poderia ser direcionada a

produções de outras realidades que talvez fossem mais valorizadas e envolvessem uma maior parte da sociedade. É comum notarmos certos entendimentos sociais nos quais a pichação apenas como uma forma de vandalismo ou crime e que de nenhuma forma pode ser associada como contestação ou uma produção socioafetiva destes jovens no espaço da cidade.

Para ampliarmos esta limitação cognitiva, nosso estudo constatou que o motivo que leva estes jovens a buscar esta forma de vivência não é algo unívoco. Alguns estudiosos entendem a pichação apenas como efeito da exclusão social e, portanto, para reduzir esta prática, seria necessário envolver estes jovens em projetos de intervenção diretos, fazendo com que esta realidade social dos jovens pudesse ser modificada. Todavia, este fenômeno traz formas de relações sociais complexas que reúnem jovens em uma atividade ilegal. Deste modo a pichação deve ser discutida mais profundamente para que não se feche em uma única conclusão.

Quanto sua forma a pichação, é uma linguagem feita pelos jovens que se organizam em diversos modos, e que produzem numa mensagem inscrita. Esta literatura da paisagem urbana mostra que os pichadores buscam, à sua maneira, dar significado e funcionalidade a estes espaços pichados, fazendo com que haja uma resignificação visual dos limites e territórios. Neste sentido, os locais pichados e a cidade são o suporte onde há a produção e visualização destes significados. Isto demonstra que a ocupação dos territórios é feita a partir de uma intencionalidade que vai além de uma simples forma de conduta ilegal.

Mesmo assim, notamos que a pichação é uma prática nada apreciada pela maioria da sociedade sendo considerada juridicamente uma prática ilegal. Entretanto, esta prática parece estar longe de ser banida ou ao menos reduzida. Isso por que se trata de um fenômeno desterritorializante, no sentido que a pichação tira do território bem delimitado as suas funções e o transforma em espaço coletivo, em um processo subjetivo que veremos posteriormente. Por este motivo, vários estudos têm se dedicado a compreender o que está presente nesta prática, que passa a ser um fenômeno urbano contemporâneo das grandes cidades.

Na cidade de Manaus, embora ainda de forma um pouco menos intensa, se compararmos com outros centros urbanos, é comum vermos as pichações, feita por diversos grupos de pichadores, gradativamente crescendo em número. Ao nos depararmos com esta expressão socioambiental urbana alguns questionamentos nos ocorrem: o que leva uma pessoa a pichar os diversos lugares na cidade? Como os pichadores atuam nessa prática? Quais os sentidos e significados dados a essa prática? Portanto, um estudo da pichação como um problema urbano e ambiental é algo necessário, uma vez que pouco se conhece em Manaus sobre a organização deste fenômeno.

Estes diversos questionamentos devem nortear a presente pesquisa no intuito de melhor compreender o comportamento psicossocial no ambiente urbano, e de modo particular a prática da pichação. Abaixo vemos os objetivos desta pesquisa

Objetivo Geral:

- Investigar os aspectos sócioambientais presentes na prática da pichação no espaço urbano.

Objetivos específicos:

- Caracterizar as diferentes formas da pichação, que ocorrem em diversos lugares da cidade.
- Analisar as formas de escolha dos espaços e as formas de apropriação pela pichação
- Verificar as motivações e significados dados pelos jovens que praticam a pichação.

CAPITULO 1- A PICHANÇA COMO UM FENÔMENO SOCIOAMBIENTAL DOS ESPAÇOS URBANOS

1.1. - O fenômeno sociohistórico da pichança

A existência da pichança é um fato que, embora tenha aparecido como fenômeno das grandes cidades há apenas algumas décadas, tem raízes mais amplas na existência da humanidade. A transformação dos espaços a partir dos riscos nas paredes é uma prática muito antiga.

Durante a pré-história as paredes das cavernas eram cobertas por pinturas que contavam as histórias e anseios de determinado grupo lutando com as enormes feras que lhes serviam de alimento. Esta forma de expressão cultural foi muito importante para o estudo da vida na pré-história.

Como explicita Tuan (2005) o conteúdo destas pinturas sugere a ansiedade existente no convívio com estes espaços selvagens. Desta forma, pintar traz uma esperança da superação desta realidade e já se mostra uma atividade coletiva. Nossos antepassados utilizaram, mesmo que para um fim diferente, uma mesma linguagem gráfica de forma visível em lugares públicos para expor seus anseios.

Obviamente não se trata de uma intervenção considerada socialmente invasiva, mas percebemos que os habitantes das cavernas demonstravam indícios de que viviam situações que necessitavam ser expressas ou socializadas de forma diferente da linguagem oral. Ao se utilizarem do artifício da pintura em parede como forma de dar sentido a uma situação vivida, deixavam presente suas produções de forma mais abrangente e por um tempo maior.

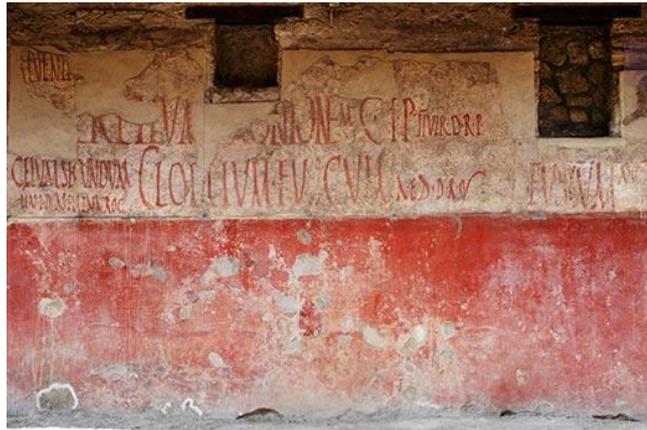


Figura 1- Escrita na parede preservada em Pompéia.
FONTE: Smithsonian Mag

Em algumas cidades antigas, os muros também eram utilizados como um meio de expressão dos moradores. Mesmo antes de Cristo há registros de escritos nas paredes. Na cidade de Pompéia, por exemplo, que fora conservada em consequência da erupção vulcânica do Vesúvio em 79 d.C., é possível ver os muros pichados com xingamentos, cartazes eleitorais, poesia, e várias outras coisas. A prática da pichação como ofensas e transgressão aos bons costumes também foi utilizada pelos padres durante a inquisição quando eram pichadas as paredes de instituições que não lhes eram simpáticas, além de cobrirem as bruxas com piche como forma de castigo. (GITAHY, 2002)

Durante a Idade Média, as cidades trouxeram semelhanças em vários pontos com as cidades modernas, principalmente no que se refere aos limites do espaço público e do privado. Nesse período histórico, romperam-se espaços coletivos presentes na idade antiga, e várias atividades passaram a ser feitas num espaço mais privado. Os espaços tornaram-se propriedades, territórios onde se prima muito pela segurança e a privacidade. A própria cidade era rodeada por grandes muros que limitava o acesso de pessoas em seu domínio, e qualquer forma de invasão ou apropriação do espaço alheio era um crime grave (LE GOFF, 1998).

Percebemos que há toda uma transformação da constituição das propriedades privadas e dos muros que as cercam. Os muros que cerceiam as propriedades privadas e públicas são um limite físico e psicológico que rege a vida dos cidadãos e que margeia as barreiras em até que ponto se é permitido e onde passa a ser uma transgressão.

Com o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna houve uma consolidação da propriedade privada, das monarquias e da busca por novas conquistas mercantis. O espaço da cidade passará por uma reorganização das cidades a partir da Revolução Francesa. (LE GOFF, 1998).

Com a abertura dos portos e o aumento na quantidade de espaços e produtos das grandes cidades, cria-se uma nova estrutura social. Segundo Foucault (2003) a cidade passa a ser cada vez mais vigiada, e o estado de direito vigente torna-se um estado de controle sobre as pessoas. Para isto utiliza os espaços das instituições sociais (família, escola, espaços de trabalho, prisões, manicômios) para que as ações e ideias sejam cada vez mais controladas, podendo utilizar deste controle para realocar aqueles que demonstram comportamentos diferentes e inadequados de volta aos padrões morais constituídos.

Uma das maneiras utilizadas como transgressão a este controle socioespacial é a pichação, que além de mostrar que há formas de manifestação além daquelas permitidas, pode ser uma afirmação a um grupo com outros valores.



Figura 2- Manifestação de estudantes em 1968, em frente à Faculdade de Direito da USP

No entanto, a pichação teve, em alguns momentos, um papel mais politizado e libertário. Nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo, foi utilizada principalmente como uma forma de protesto contra as grandes ditaduras que ocorreram na América Latina (Foto 2), feita pelos movimentos populares contra as condições opressoras sofridas pelos pobres, estudantes,

artistas, sindicalistas, mulheres e trabalhadores tendo como um dos marcos iniciais a França em maio de 1968, onde estudantes e trabalhadores pichavam mensagens de protesto, amor e humor (RAMOS, 1993).

Em quase toda Europa pós Segunda Guerra Mundial, os regimes ditatoriais criaram um clima que leva os jovens à transgressão. O próprio Muro de Berlim, símbolo de uma globalização bipolar, e que fora derrubado na década de 80, teve diversas pichações (RAMOS, 1993).



Figura 3- Trem pichado em Nova York

Todavia, a pichação (também conhecida como pixo) se deu como um fenômeno urbano paralelo ao grafite mais presente nas grandes cidades e passou a se intensificar no início da década de 70, nos Estados Unidos, nas comunidades negras da cidade de Nova York, onde os trens do metrô eram pichados num ato de rebeldia. Dos trens, os pichadores passaram para os muros, que eram pichados com *spray* ou aerosol e continham desde riscos e letras até mensagens políticas. Neste cenário a pichação e o grafite provêm de uma mesma raiz, uma vez que ambos intervêm e transgridem o espaço urbano, e se integram de certa forma, ao movimento hip-hop como manifestação da cultura periférica. (RAMOS, 1993; CARMO, 2001).

Nandrea (1999), em uma análise mais ampla das inscrições urbanas, demonstra a existência da pichação indica que um corpo esteve naquele espaço onde não deveria estar, um

espaço que não lhe pertence. É considerada, portanto, uma invasão física de um espaço público ou privado. Estas dinâmicas, contudo, são diferentes dos novos tipos de violação, colonização e territorializações que são permitidas e aceitas no apagamento eletrônico das fronteiras feitas pelo capitalismo através da globalização.

Assim a pichação nos força a testemunhar algo que se encontra nas entranhas de uma estrutura social excludente, e assim podemos ver o que está no lado de fora. O entendimento de que há uma mensagem social através da prática da pichação é aparentemente desconsiderado pela sociedade. É inquestionável que a presença destes pichadores evidencia uma produção socioambiental razoavelmente complexa, e que precisa ser melhor compreendida.

Além disso, participação dos jovens pichadores na “cultura da rua” é uma forma de criação de uma identidade em um espaço segregado e esquecido dentro das relações urbanas da cidade. Esta identificação com o espaço periférico, no caso da pichação e do grafite, vai além da periferia, uma vez que esta prática migra para todo o perímetro urbano e a cultura da periferia passa a ser a própria inscrição nos mais diversos espaços.

Entendemos como possível que, esta atitude de pichar uma propriedade considerada privada ou um espaço coletivo, seja uma forma de revoltar-se contra sua condição de subexistência e, ao mesmo tempo, afirmar-se como pertencente a um determinado grupo e a uma cultura periférica. Sendo assim, o que se convencionou pela ordem econômica-social vigente como propriedade privada em oposição à coletivização, cria um processo de isolamento e individualização do espaço, o que de certa forma é combatido pelos pichadores que querem ser vistos, pretendendo apropriar-se de certo espaço para deixar sua mensagem. Apesar de saberem que esta forma de expressão é temporária, podendo ser apagada, os pichadores têm a necessidade de serem notados, tanto por grupos de pichadores, quanto pela sociedade em geral.

A partir deste ponto de vista, podemos conceber que as condições de vida sub-humanas dos bairros onde moram os pichadores envolvem problemas como a falta de água, higiene, um transporte coletivo ineficiente e inoperante, entre outros. Isto demonstra que pode

haver um descontentamento com a condição de viver na cidade e principalmente em bairros que se tornam esquecidos e relegados. cremos que a pichação também é um efeito disto, mas que a mesma provém de uma necessidade de envolvimento, expressão e busca dos próprios jovens.

Olhando por outro lado, esta expressão como literatura social, que é a pichação, traz ao espectador, certas formas não constituídas de signos, o que cria várias mensagens a serem interpretadas e, assim sendo, o sentido da pichação seria dado pelo leitor, que proporcionaria uma significação de uma mensagem social. Em outras palavras, o fenômeno da pichação não teria um sentido unívoco, já que sua análise e aceitação seriam relativas a uma subjetividade. (RAMOS, 1993; ANDREOLI, 2004; MILLIE, 2008).

Além da significação destes grafismos da pichação serem múltiplos, segundo Andreoli (2004) as pessoas envolvidas na pichação também têm diversos motivos e provém das mais diversas classes sociais e noções de mundo, não podendo ser reduzidas a um pequeno grupo ou a um ideal, uma vez que envolve uma multiplicidade de formas sociais.

Neste sentido este estudo propõe-se a expor as diversas formas e intenções da pichação em Manaus, bem como as implicações urbanas da pichação. Assim como qualquer outra relação social do homem com o ambiente, a pichação mostra-se como um fenômeno complexo, envolto em uma teia semiótica de relações entre seres humanos e o meio-ambiente.

1.2- A pichação como problema jurídico do estado de direito constituído

O estado de direito a partir de suas leis e instituições forma uma subjetividade e uma moralidade que orientam a vida social e os bons costumes. Juridicamente a pichação é um crime. Uma das primeiras e poucas doutrinas cíveis de direito, a de Mancuso (1992), trata a pichação a partir de vários aspectos. Primeiramente o aspecto social onde a pichação segundo a visão do jurista não mostra uma mensagem e não adere sua causa a sociedade, desrespeitando a propriedade privada e o patrimônio público. Ela também não usa o assentimento do proprietário e não permite o livre arbítrio para aquele que irá ver a imagem. Outra análise que ele expõe é a terminológica onde a palavra pichação é usada erroneamente

já que não é feita com piche e que tenta ser eufemizada com o termo grafite. Para o jurista a pichação não tem fundamentação, sendo uma transgressão pela transgressão. Percebe-se nestas concepções toda a intransigência no discurso legal do estado sobre estes jovens pichadores e suas práticas.

Quanto à questão jurídica da pichação, no estudo de Mancuso (1992) são levantadas algumas questões. A primeira é que ela atrita com o direito de propriedade previsto no art. 5, XXII da Constituição Federal e principalmente quanto ao uso e disposição do bem objeto, que é exclusivo de seu proprietário, conforme disposto no Código Civil art. 1231 (número corrigido por nós para o novo Código Civil). Para a reparação (penalidade) da pichação o jurista concorda com a prática jurídica do penalista Paulo José da Costa Júnior de que ela deve ser feita pela prestação de serviços para comunidade. Esta colocação se baseia no fato de que sujar (conspurcar) um muro não está enquadrado no crime de dano (Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia) previsto no artigo 163 do Código Penal brasileiro. Este artigo por sua vez é comumente utilizado pelos pichadores que colocam o número 163 em suas pichações.

Como uma parte dos pichadores são menores de idade segundo o jurista aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90 - artigos 112, 116, 117) onde se impõe prestação de serviços à comunidade (por período não excedente a 6 meses) e reparação ao dano.

Apesar de este estudo acima ser inovador ao tratar juridicamente a pichação, atualmente já existe uma lei que legisla a questão da pichação: a lei de crimes ambientais (9605/98) que teve recentes alterações pela lei 12.408/2011. Em seu artigo 65 ela dispõe que pichar ou por outro meio conspurcar edificações e monumentos urbanos é um crime ambiental com pena de detenção de três meses a um ano e multa. Caso esta ação seja realizada em monumento ou coisa tombada em virtude de valor artístico, arqueológico e/ou histórico a pena aumenta para seis meses a um ano e multa. A nova redação desta lei resolve que a prática do grafite é permitida com intuito de valorizar o patrimônio público ou privado através de uma manifestação artística com o consentimento do proprietário ou órgão público. A lei também proíbe a comercialização de *spray* aos menores de 18 anos e obriga que as latas

informem que pichação é crime. Apesar de nosso foco não envolver a pichação como forma jurídica e sim social é importante frisar este aspecto legal que envolve a pichação.

1.3.- A pichação como problema socioambiental

Além de a pichação ser considerada um problema legal, é comum vermos diversos entendimentos teóricos sobre a pichação. Pode entendê-la como um fenômeno antissocial no ambiente (MILLIE, 2008), como uma apropriação selvagem do espaço (FISCHER, S/D), ou ainda como uma característica do próprio ambiente que acaba propiciando esta ação sobre este meio em uma relação completa que Gibson (1977) *apud* Oliveira e Rodrigues, (2006) determinou *affordances*. Nossa análise entretanto se baseará na psicologia social do ambiente de Fischer (S/D) e em parte dos estudos de Bleger (1976).

Muitas vezes se entende a pichação como um problema antissocial no ambiente onde a mesma interfere irracionalmente nos direitos das outras pessoas do uso e apreciação de suas casas e comunidades, além de não ser adequado ao entendimento social das normas (MILLIE, 2008). Entretanto, ao analisarmos este comportamento apenas como um efeito ou conduta desregrada e antissocial destes jovens, deixamos de analisar outras causas da pichação como um fenômeno social que se dá em determinado tempo e espaço.

Os estudos sobre a conduta humana nos espaços foi um dos interesses de Bleger (1976), sendo que para ele a ação do homem no mundo se dá a partir de diversos âmbitos que se inter-relacionam como psicossocial, sociodinâmico e institucional e a partir de cada um deles ser estudados a conduta nos espaços. Desta forma estas relações ocorrem a partir de níveis de relações entre o sujeito e estes diversos âmbitos.

Bleger (1976) tem como base de sua relação sujeito-ambiente a teoria do campo de Kurt Lewin (1936). Esta afirma que a pessoa é inseparável do ambiente, estando ligada a ele por todos estes âmbitos, sendo chamado ambiente psicológico tudo o que rodeia o indivíduo e de Espaço vital o conjunto do indivíduo e seu ambiente que contem a totalidade dos feitos que promovem a ação humana. (LEWIN, *IBID APUD* BLEGER, *IBID*). Desta forma as ações humanas no ambiente, incluindo a pichação, se mostram concebidas neste espaço vital. .

Vemos que apesar de ser um estudo cujo alguns pontos se mostram superados, é interessante vermos que esta teoria está relacionada o que veremos a seguir com Fischer (S/D).

Ampliando o sentido ambiental da pichação, é importante entender como Fischer (S/D) trata a relação sujeito-ambiente e o fenômeno da pichação em sua análise social do ambiente. Nesta abordagem analisa-se o espaço a partir da relação dialética (principalmente no nível microsociedade) entre homem-ambiente, onde os lugares são moldados pela presença humana ao mesmo tempo em que somos moldados por eles. Em outras palavras, enquanto percebemos o espaço, este se torna significativo e passa possuir normas pontuadas socialmente que influenciam o comportamento humano, portanto a interação social feita pelo homem é mediada pelo ambiente. Se pensarmos a pichação a partir desta análise dialética veremos que esta forma de intervenção espacial é carregada de significados. Não apenas na decifração das letras, mas no próprio ato de pichar, uma vez que este é um uso social em relação às qualidades daquele ambiente psicológico socialmente visto.

Um dos aspectos teóricos que Fischer (S/D) aborda e que podemos compreender pelo fenômeno da pichação é a questão do território. Um território é espaço com um forte apelo físico que possui também uma função e organização social. Sendo o território constituído de um aspecto físico, quando ele é ocupado pelas pessoas, passa a adquirir significados a partir de sua personificação e apropriação conforme o desejo de seus ocupantes, que utilizam os limites, fronteiras e marcadores para controlar e dar sentido àquele espaço. A partir deste conceito, Fischer (S/D) analisa a pichação como um traço de revolta contra o território, desrespeitando estes limites e demonstrando uma apropriação selvagem daquele local de que se é excluído. A pichação seria uma forma de se apropriar de um espaço que lhe foi negado e seria de certa forma uma reação contra a privação e demarcação de certos territórios. Assim podemos concebê-lo como uma prática desterritorializante, já que há uma quebra nas formas de organização já constituídas.

Contudo, se estudarmos as características físicas e os aspectos culturais de determinado território, que Fischer (S/D) utiliza, veremos uma divisão dos territórios em três tipos, que muitas vezes na prática são de difícil classificação: o território primário, que se mostra instável e bem identificado, dando uma característica de refúgio e personalidade; o

território secundário, que está além dos significados de público, privado e institucional, mas que possui normas mais ou menos formais que limitam os usos destes espaços; e os territórios públicos, que são ocupados, temporariamente por pessoas ou grupos e, em teoria, pertencem a todos, sendo regidos pelos bons costumes e normas sociais.

Na pichação, os territórios pichados podem ser tanto público como primário. Quando ela ocorre no território público, é uma apropriação de um espaço de todos e, no primário, é uma apropriação de um espaço pessoal. Contudo, para os pichadores, tanto os espaços primários quanto o público lhes dão a oportunidade de quebrar esta organização já constituída. O problema de compreendermos a pichação apenas como uma invasão física de um território, é não focarmos no fenômeno subjetivo representado por esta prática. Há algo em certos espaços que atrai estes praticantes, ou seja, determinado arranjo espacial faz com que haja elementos atrativos para que uma marca seja deixada. A transgressão não é apenas de uma propriedade pública ou privada, mas também em uma subjetividade impositiva presente nos espaços limitando a presença e as atividades neste espaço social determinado. A pichação é uma transgressão espacial e moral.

Nesta compreensão dos limites espaciais invisíveis mas perceptíveis, a teoria de Gibson (1977) *apud* Oliveira e Rodrigues (2006) afirma que o comportamento humano é regulado através da percepção sobre o ambiente que lhe circunda. Este ambiente é repleto de informações significativas e vai criar possibilidades de o meio ser utilizado de determinada forma. Assim sendo, a percepção do espaço não é algo passivo, sendo um apanhado das informações significativas que vão ser específicas de possibilidades comportamentais no ambiente (GIBSON, *IBID APUD OLIVEIRA E RODRIGUES, IBID*). Esta percepção dos elementos que o ambiente possui, e que torna possível certo comportamento é o que se denomina *affordances* (palavra inglesa sem tradução). Assim, o ambiente tem características que podem oferecer aos seres determinados comportamentos, tanto bons quanto ruins.

Esta subjetividade, que está presente em um espaço, possibilita uma rica e significativa abordagem onde não se percebe uma simples qualidade ou propriedade de certo ambiente, mas que traz diretamente uma possibilidade de ação. Um muro de uma casa em branco, um viaduto recém-inaugurado, um órgão público expressam *affordances* diferentes no ato de

pichar. Esta análise não envolve somente uma esfera social, mas principalmente ambiental. Por isso alguns ambientes são mais interessantes para o grupo de pichadores deixarem uma mensagem do que outros. Neste caso, há características de ambientes que socialmente e historicamente se renovam e que criam *affordances* onde seriam melhores ou piores locais para pichar. Em outras palavras, como a pichação também expressa uma funcionalidade variada, certos ambientes trazem características mais apropriadas para determinados tipos de mensagens. O monumento de uma praça, por exemplo, pode ser um local mais interessante para uma pichação de uma crítica social; ou o topo de um prédio pode trazer elementos para que sejam pichadas assinaturas de um grupo ou de um pichador, como uma ideia de ascensão ou status. Estas *affordances* que certos espaços urbanos carregam e que implicam em uma maior possibilidade de uso social de um determinado ambiente será um dos tópicos usados em nossa análise. Deve haver um cuidado ao se usar a noção *affordances* para não tomar o comportamento como passivo e sim entender que há uma constante construção de signos no espaço que produzem determinados tipos de comportamentos.

CAPÍTULO 2. A JUVENTUDE

2.1 Juventude, adolescência e sociedade

Em diversos estudos sobre a pichação (ABRAMOVAY, 2010; CARMO, 2001; KESSLER, 2004; MEDEIROS, 2008; PEREIRA, 2010; SALES, 2007) temos uma constatação: a pichação é um fenômeno coletivo dos jovens e que estes a utilizam como um meio de expressão de sua juventude e concepções. No entanto, antes de analisarmos a produção juvenil da pichação, é necessário esclarecermos o que vem a ser a juventude.

Primeiramente devemos ter uma ideia clara dos limites conceituais entre a juventude e adolescência, uma vez que estes se entrelaçam e assim conseguiremos posteriormente situar melhor a prática da pichação.

A adolescência é uma fase da vida que necessitou de diversos acontecimentos sociais e culturais para ser considerado um período distinto no desenvolvimento humano. Com o tempo a criança deixa de ser vista como “um adulto em miniatura”, e a adolescência passa a ser entendida como um período preparatório para a vida adulta. Este conceito de adolescência como zona de transição também começa a ser estudado dentro da psicologia por Halls que já trabalha com esta noção de estágio evolutivo (SPRINTHAL e COLLINS, 2003). Os estudos de Halls foram seguidos pela teoria do desenvolvimento psicosexual de Freud, onde a adolescência é um período inconstante, imprevisível e turbulento que serve para que haja adequações ao padrão heterossexual (SPRINTHAL e COLLINS, IBID).

A ciência passa a estudar a adolescência como um período onde ocorrem as mudanças físicas e neuro-hormonais, além de uma maturação cognitiva, onde o adolescente passa a ter

uma capacidade cognitiva mais ampla e abstrata, fazendo com que o pensamento seja baseado em hipóteses e que se pense em perspectiva a partir das relações sociais. Além disso, a adolescência passa a ser uma fase de experiências mais amplas na vida coletiva (SPRINTHAL e COLLINS, 2003).

Como propõe Erikson (1972), a adolescência ainda pode ser entendida como uma crise de identidades no intervalo entre a vida escolar e o acesso do jovem ao trabalho especializado. Em outras palavras desenvolver-se nesta fase é buscar uma identidade que seja capaz de integrar um ego bem organizado dentro de uma realidade social, para que o estilo pessoal de cada um coincida com os valores significativos para uma comunidade maior. Neste sentido, a crise não é algo negativo, pois traz uma forma de ingressar em uma vivência social definida e auxiliar na regulação das normas e valores compartilhados.

Como foi bem desenvolvido por Coutinho (2009), houveram várias concepções e vivências de adolescência durante a história humana desde a cultura helenística- romana, passando pela idade média, renascimento e o ideal romântico do séc. XIX, e há em quase todas elas uma noção de que a juventude passa por um período de transição marcado pelos rituais sociais de iniciação.

Atualmente, a adolescência é vista como uma zona de transição para a vida adulta, onde os adolescentes estariam sujeitos a esperarem sua maturação social de uma forma socialmente improdutiva até terem a possibilidade de se tornarem adultos. A partir desta visão, a existência seria pontuada em períodos que possuem determinadas características e por isso existiria uma normalidade presente nas idiossincrasias das pessoas desta faixa etária. (DAYRELL, 2003).

Esta concepção acaba criando diversos problemas e neste sentido Dayrell (2003) descreve várias imagens equivocadas quando se prende a juventude em modelos pré-estabelecidos como: considera-se o jovem em uma transição ou um 'vir a ser' o que acaba negando o presente vivido; tem-se uma visão romântica da juventude, onde esta seria um tempo de liberdade, de prazer e de comportamentos exóticos, uma época para o hedonismo e irresponsabilidade; adolescência presa somente a partir das atividades culturais; ou vivida

como momento de crise de identidade e resolução de conflitos assim como propôs Erikson (1972).

Estas ideias inadequadas e modelos dificultam um entendimento mais amplo da juventude e impede que os jovens possam se tornar realmente participantes da vida social e responsáveis pelas mudanças e escolhas feitas socialmente. A juventude, por estar em confluência com a noção de desenvolvimento cronológico da adolescência e puberdade, é um fenômeno complexo, não tendo em seu conceito algo definido ou infável. Por esta razão devemos tratá-la de uma forma mais ampla para que haja diversas formas de ser jovem e destes agir socialmente. Desta forma, nós entendemos que a vida deve ser considerada como uma produção contínua e indivisível, ou seja, não se deveria limitar a vida em diferentes fases.

Para tanto, devemos entender que o ser humano se constitui a partir de suas relações em sociedade, ou seja, através uma construção socio-histórica (DAYRELL, 2004) onde o desenvolvimento ou não das potencialidades vai depender das qualidades das relações do meio que se insere e das experiências que estes possam somar em outros meios.

Percebe-se que a juventude nesta visão mais ampla não se resume a uma faixa etária e nem a uma série de comportamentos a serem identificados. A juventude é uma construção social, uma produção de um ser na coletividade, que vai atuar conforme adquire experiências e entendimentos da vida com os outros. Assim existem diversas juventudes que serão produzidas conforme estas vivências.

Um dos fatos que agravam esta noção social de juventude é o fato do Estado não considerar estas diversas vivências e prioridades do jovem. Assim julga os jovens como seres alienantes e não participantes financeiramente e/ou eleitoralmente da sociedade. Entretanto entendemos que isto não impede uma relação do jovem com a sociedade, e pelo contrário, faz com que haja maior envolvimento dos jovens em grupos sociais ou apenas em grupos de jovens.

Este envolvimento em grupo pode se dar de várias formas, inclusive em atividades como a pichação. Esta forma de sociabilidade juvenil em grupos, para alguns, se alonga pela vida toda, na busca de pertencer a uma coletividade, mostrando o espírito gregário do homem (GAUTHIER, 2005).

Desta forma a união a um destes grupos se dá por diversos fatores pessoais e sociais que abordaremos nos resultados. Na prática da pichação, no entanto, pode haver o envolvimento com outros âmbitos como o tráfico de drogas, roubos e furtos, uso de narcóticos. Não obstante a estigmatização dos pichadores e de sua atividade não auxilia em sua compreensão, pois impossibilita entender os jovens pichadores como uma produção contínua e como parte de uma realidade social.

2.2 Ser jovem, envolvimento social e pichação

Como constatamos, a juventude não é uma fase definida, caracterizada pela transição da infância para a fase adulta. Ela é um período de construção e interação social. Existem diversas formas de ser jovem, mas todas envolvem uma relação complexa com o outro (PEREIRA, 2010).

Mas qual será os outros papéis que estes jovens têm no processo de produção social? E quais seriam as melhores formas de envolver e levar os jovens a participar socialmente? Conforme o estudo de Gauthier (2005) deve-se primeiro criar certas condições para que os jovens se tornem cidadãos ativos entre elas: Suprimento das necessidades básicas (saúde, educação, transporte, entre outros); Mudanças das mentalidades e estruturas sociais; Envolvimento da sociedade como um todo, dando possibilidade destes jovens agir e encontrar seus lugares.

Estes pontos são muito importantes uma vez que tratam a questão da juventude a partir de uma temática social, onde os jovens não são passivos e nem possuem esta ou aquela característica (como a rebeldia, o desinteresse, entre outros). Vemos também que as diferentes formas de ser jovens são construídas a partir das vivências sociais e a partir de políticas

públicas que envolvam todo o corpo social. Neste sentido ser jovem é sempre ser jovem na/com a sociedade.

Porém, mesmo com toda uma legislação que busca cumprir o bem estar dos jovens, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2005), sabemos que, em nosso país e em nossa cidade, há diversos locais onde nem as necessidades básicas são supridas. Desta forma, é difícil que haja uma mudança de mentalidades e criação de outras possibilidades para os jovens. Com isso pode haver falta de perspectiva da juventude, que acaba buscando outras formas de organização, como as atividades ilícitas.

A falta de atividades socializantes nos bairros e experiências não gratificantes nos espaços coletivos que fazem parte do cotidiano destes jovens como a escola, rua, centros comunitários podem levá-los a se aproximar da pichação. Assim sendo, eles não são marginalizados pelo ato da contestação da pichação, mas pela condição social que os interpela (RAMOS, 1993). Contudo não se deve analisar apenas este fenômeno jovem como um efeito social, mas também como uma forma de produção escolhida por estes no intuito de se envolver coletivamente.

Por isso a pichação, em vários estudos teóricos, é vista como uma forma de sociabilidade juvenil, uma maneira que constrói a maneira de ser jovem dos envolvidos (ANDREOLLI, 2004; BARCHI, 2006; KESSLER, 2008; PEREIRA, 2010; SALES, 2007). Mesmo sendo uma forma de envolvimento considerada marginal e ilegal, a pichação muitas vezes nos ajuda a ver a capacidade destes jovens em agir coletivamente. Desta forma, Gauthier (2005) nos mostra que diversos trabalhos com jovens, como o de Parazelli, atestam um potencial de socialização presente nas atividades marginais, onde os jovens podem considerados atores com capacidade de expressar impulsos de solidariedade e apego a certas expressões. Isto demonstra também que o jovem não perdeu todo seu interesse na sociedade

Vemos que a pichação se mostra como uma forma de organização dos jovens que, embora seja transgressora, gera a solidariedade e até mesmo, conforme descreveu Pereira (2010), humildade entre os praticantes que demonstram haver uma organização de respeito e eticidade entre os praticantes.

Portanto, a pichação é uma atividade juvenil marginalizada, que foi criada em parte pela própria condição de desestrutura social, mas que se modifica em sua produção e traz um histórico em diferentes momentos e finalidades, conforme trabalhado anteriormente.

Este fenômeno da pichação além de ser social é grupal. Estes jovens que são invisíveis pela sociedade adotam um nome para si e se juntam a um grupo de pichadores. A pichação cria desta forma um mundo paralelo com sua organização própria em diversos grupos. Embora este estudo não se foque no aspecto coletivo das *crews* de pichadores, ou de uma identidade de pichador em grupo, é importante frisar que esta interação social em grupo representa a busca humana pela interação social, dentro dos interesses de coesão.

No estudo de Abramovay (2010) vemos que esta pertença a um grupo de pichadores envolve diversos riscos na busca de um reconhecimento, do prazer, da autoestima ou poder social junto com as subjetividades dos grupos, a criação de espaços e valores paralelos voltados às produções destas *gangs*, como nos casos dos *maras*, *pandillas* e *bandas* da América Central. Esta criam um espaço social complexo e paralelo, repleto de memórias subterrâneas que não fazem parte da história oficial. O interessante é que na pesquisa desta autora as gangues de pichadores tem como objetivo ocupar espaço; serem reconhecidos; ter fama, assim como obter sucesso em relacionamentos sexuais e afetivos, e adquirir prestígio. Algo que embora seja comum em diversos grupos sociais é conseguido pelos pichadores pela ilegalidade, violência e sociabilidade.

Assim percebemos que os pichadores muitas vezes buscam os mesmos signos de status e prestígio dentro de um grupo social paralelo. Por isso é comum ver os pichadores usarem a internet para ampliar sua rede social, exibindo suas fotos e de suas pichações sem nenhum receio, pois assim ele se tornará conhecido dos diversos grupos e de interessados. Muitas vezes há exaltação em seus “perfis na internet” do uso de drogas (principalmente da maconha), do crime organizado (na exibição de fotos com armas), ou apenas da pichação, dependendo da escolha pessoal do pichador e/ou de sua gang. Mesmo assim não se pode estigmatizar esta escolha, uma vez que ela é de cunho pessoal e não grupal.

A participação em um grupo é algo importante para os pichadores, que muitas vezes falam em “levantar sua gangue” pichando em todos os lugares seu símbolo. Nestes grupos mutáveis, que são parte de seu tempo e sociedade, percebemos a pichação como um fenômeno mundial, que ocorre em praticamente em todas grandes cidades, seja em países desenvolvidos ou não. Aparentemente o espaço urbano traz características que levam os jovens à pichação.

CAPÍTULO 3- O ESPAÇO URBANO

O urbano é um conceito de difícil delimitação, uma vez que envolve diversos âmbitos. Primeiramente, há dois aspectos ligados a cidade (os físicos e os subjetivos). Esta separação existe etimologicamente em dois radicais que envolvem a noção de cidade: a *polis* e a *urbe*. A primeira é uma palavra grega, que traz a totalidade das esferas da vida dos gregos, tanto espiritual, quanto humana, tanto individual, quanto em coletividade. A *polis* engloba toda a produção humana sendo uma subjetividade que perpassa a cidade e seus habitantes. Ela representa ainda toda a organização do Estado grego, da educação, do viver entre os diferentes povos que ocupam as cidades (JAEGER, 2001).

Já a palavra *urbe* de origem latina se refere à cidade a partir do espaço físico construído e está ligada ao rito e plano de fundação das cidades, quando a partir de todo planejamento, e edificação da cidade se fará presente (HAROUËL, 2004).

O espaço urbano que trabalharemos envolve estas duas dimensões de cidade, a *urbe* física com suas ruas, e a cidade construída e organizada socialmente da *polis*. Obviamente que ambos os aspectos estão diretamente ligados. A construção física influi na produção subjetiva e vice versa.

Um exemplo disso é o exposto por Harouel (2004) sobre o surgimento, dentro da arquitetura, do urbanismo progressista obcecado pela modernidade e racionalidade planejada e que se fundamenta no *zoning*, um zoneamento da cidade em áreas comerciais, áreas industriais, áreas residenciais. Toda esta segmentarização faz com que os bairros residenciais sejam esvaziados durante os dias, e os jovens que residem por lá ficam soltos para assumir

certos espaços ao redor dos bairros, favorecendo a delinquência juvenil além da criação de *guettos* e enormes conjuntos habitacionais verticais e desumanos. Da mesma forma, a maneira como as pessoas agem modifica a organização do espaço, conforme veremos melhor abaixo.

Todavia, há uma dificuldade terminológica e conceitual em definir o que vem a ser o espaço denominado urbano, que muitas vezes está limitado a fatores ou particularidades de cada região (CASTELLS, 1983; HAROUEL, 2004; SANTOS, 1996). Conforme o estudo de Castells (IBID), vários fatores foram usados durante a história para delimitar o espaço urbano, em dicotomia com o espaço rural, como a concentração populacional, hierarquia funcional, importância administrativa, uma arte específica, trabalho científico, comércio com o exterior, existência de classes sociais, entre outros. O autor sintetiza o espaço urbano, da maneira como conhecemos, como um processo de produção do sistema capitalista, onde esta organização do espaço da cidade se dá entremeada na organização socio-econômica do capital. Castells (ibid) ainda coloca a questão da urbanização a partir de quatro dados fundamentais: 1) o ritmo acelerado da urbanização; 2) o crescimento urbano concentrado nas áreas subdesenvolvidas (hiperurbanização); 3) o aparecimento de novas formas urbanas como as grandes metrópoles ; 4) a urbanização articulada socialmente com novas formas do modo de produção capitalista. Neste caso, sabemos que esta organização subjetiva da cidade influi diretamente em sua organização espacial, criando espaços desvalorizados de segregações como as periferias, os *guettos*, as favelas, entre outros.

A urbanização brasileira ocorreu de diferentes formas, de acordo com os diferentes momentos sociopolíticos da história. Até a década de 1960, a maior parte da população brasileira morava na zona rural. Entretanto, esta situação teve um grande desenvolvimento com um hipercrescimento nas duas décadas seguintes quando a população urbana brasileira chegou aos 77% (numero que fora três vezes menor em 1940) graças ao aprimoramento dos meios técnico-científicos (SANTOS 1996).

Esta realidade recente da vida nas cidades a partir do fenômeno da hiperurbanização que ocorreu nos países em “subdesenvolvimento” como o Brasil, fez com que haja uma maior dependência político-econômica dos centros financeiros e que reflète diretamente no aumento dos problemas sociais e má qualidade de vida para grande parte da população. O Estado

permite que se criem bairros com condições desumanas, sem que tenham garantia nem das necessidades básicas. Assim sendo, a pobreza não é apenas relativa ao modelo socioeconômico vigente, mas também do modelo espacial que se constrói (SANTOS 1996).

Neste sentido a urbanização descontrolada cria espaços que dificultam o desenvolvimento saudável das crianças e jovens, uma vez que elas estão sujeitas muitas vezes à violência, às drogas (uma vez que em geral o tráfico está presente nos locais mais longínquos), a inexistência de atividades sócio-educativas, serviços públicos de má qualidade, falta de confiança em si e nas suas potencialidades, falta de perspectivas, entre outros.

Sabemos que mesmo com todas estas dificuldades que os jovens passam, percebemos a juventude como uma fase bastante ativa e de profundas vivências. Os jovens têm uma grande capacidade de serem protagonistas, entretanto, frente a tantos problemas que vivenciam em seus bairros suas cidades, se sentem inseguros. A vivência em grupos, ao mesmo tempo em que lhe dá mais segurança, muitas vezes o desingulariza, principalmente quando a identidade do grupo prevalece e se torna unânime (COUTINHO, 2009). Assim, a pichação é produzida geralmente por jovens que pertencem a grupos que, por sua vez, compartilham esta prática (PEREIRA, 2010; RAMOS, 1993). O ato de pichar ocorre principalmente nos espaços urbanos, uma vez que os pichadores usam a cidade como suporte para a sua prática e para a sua produção (RAMOS, 1993). Neste sentido, percebemos a pichação como um fenômeno que existe em todas grandes cidades do mundo, com os mais diversos significados e que passam a fazer parte da fisionomia e imaginário urbano.

3.1. O pichar e a ensinação nos espaços urbanos

Como já vimos anteriormente, o ser humano mantém uma relação sgnica com o espaço, pois ao entrar em contato com ele cria ou enfraquece significados ao mesmo tempo em que interage e é influenciado pelas características já constituídas espacialmente. É importante lembrar que o signo também é chamado de *representamn* sendo uma representação que se tem do objeto. Devemos compreender que sempre o signo está ligado em uma relação triádica com o objeto e o sujeito (PEIRCE, 1977).

No caso da relação homem-espaço, estes significados são construídos a partir das representações espaciais, criando a aquilo que Lynch (1999) chama de imagem do ambiente, que molda as formas de agirmos espacialmente. Assim sendo, as formas de relações que se mantêm com o espaço podem se dar de duas maneiras conforme expõe Fischer (S/D). Primeiro como um quadro funcional, onde o ambiente é um fator de influência e condicionamento do comportamento seguindo modelos de organização funcional. Esta funcionalidade cria formas de relações a partir desta delimitação prévia dos espaços. Neste sentido, ao mudarmos a organização de um ambiente, mudamos as relações e condições de vida daqueles que tem contato com ele. Seguindo esta ideia, a pichação existe devido a uma organização de um ambiente urbano com suas características socioeconômicas definidas e é por esta razão que Fischer afirma que a pichação é uma apropriação selvagem do espaço urbano, que ocorre devido à exclusão social.

As relações e construção de significados com o espaço também se organizam como espaço vivido (social e individualmente) onde as pessoas em suas vivências espaciais produzem uma relação dialética. Percebemos então que os lugares estão carregados de significados ligados às representações sociais que se fazem deles. Deste modo a vivência do espaço cria certas características e ocupações que se tornam próprias daquele local e que moldam as relações que por lá ocorrem. No caso do pichador, ao apropriar-se de certo muro ou outro espaço da cidade, ele sabe que as pessoas que moram ou têm algum contato com aquele espaço vão ter que conviver e significar a sua prática, tornando de certa forma um espaço vivido. A própria intervenção que a pichação cria no espaço passa a ser vista e analisada em várias dimensões (morais, jurídica, estéticas, afetivas, entre outros) e os espaços pichados passam a partir das vivências a englobar estes valores e influenciando nas ações e usos deste espaço. Uma praça pichada, por exemplo, pode dar um aspecto de abandono e deixar de ser frequentada ou ainda pode ser freqüentada por pessoas que façam outro uso social daquele espaço, que não seja o esperado para uma praça.

Contudo, sabemos que a pichação pode ser utilizada com diversas intenções em diferentes espaços. Uma pichação pode conter elementos a partir de uma análise político-social ou pode trazer diversas assinaturas que reflète a identidade do pichador (*tagging*) no

maior número possível de espaços. Neste sentido, o espaço vai ser significado conforme o tipo de pichação.

Todavia, para entendermos a pichação no espaço, primeiro devemos analisar este espaço como signo (*representamen*) entremeadado com a produção sociocultural dos humanos. Pierce (1977) coloca três categorias do signo. O ícone remete a uma representação direta e que traz o objeto através de sua observação a descoberta de outras características. Entretanto, o ícone se remete apenas à semelhança com o objeto. O índice é afetado pelo objeto e mantém com ele e com a pessoa que serve o signo uma conexão dinâmica. O índice seria algo que se ligasse ao objeto por um indício (onde há fumaça nos remetemos ao fogo, por exemplo). O símbolo se refere ao objeto como forma de lei e convenção.

Uma pichação pode representar em sua relação com o espaço os três tipos de signos. Ela é um símbolo de um alfabeto e ideogramas compartilhados por aquele grupo, sendo também índice de que alguém esteve por ali e que traz em si uma mensagem e ainda pode ser vista para a maioria como um ícone desta produção urbana, onde se assemelha a outros estilos de todo o mundo. Nesta complexa teia semiótica a pichação é um fenômeno que se apropria de determinados espaços para impor suas mensagens ininteligíveis para a maioria e para manter seus praticantes no anonimato. Muitos podem se perguntar qual é o tipo de comunicação que se almeja quando alguém que não se revela como emissor e deixa uma mensagem social muitas vezes ilegível aos receptores.

Esta forma de transgressão não está interessada em ser um símbolo para a maior parte de pessoas, mas sim de se apontar como um índice de uma “realidade” urbana que se constrói em uma legalidade excluinte, mas cuja própria constituição pode ser melhor entendida socialmente a partir da ilegalidade; em outras palavras, para entendermos os mecanismos do poder, devemos estudar a resistência e as microlutas cotidianas (FOUCAULT, 1984).

Um pichador em sua atuação exerce uma forma de ação no mundo orientada por suas vivências, valores e concepções que também sofrem influência de sua existência em sociedade. Sua relação com o espaço urbano dependerá das representações que este possui e das características próprias do espaço que remetem a determinada ação, as *affordances*.

Neste sentido há alguns lugares dentro do espaço urbano que possui affordances que delimitam a ação dos pichadores que escolhem aqueles locais para deixar suas mensagens. Mas por que razão o espaço atrai estes tipo de comportamento? Será apenas um reflexo da disparidade socioeconômica como mostra Ramos (1993) ou da manutenção de uma sociedade com modos de produção que pode levar a sua própria destruição conforme coloca Guattari (2003)?

Baudrillard (1996) coloca a pichação do espaço urbano a partir de outro entendimento tanto social quanto sógnico. Para ele o ato de pichar pode provocar uma desterritorialização de um espaço que se mostra todo pautado de signos (BAUDRILLARD, IBID). A matrícula simbólica que é a pichação recusa o discurso organizado e se forma na troca coletiva dos grupos, a partir de uma libertação da individualidade privada e do nome próprio. Assim esta prática desterritorializa um espaço urbano codificado e o devolve-o ao território coletivo, exportando o *guetto* pelas artérias da cidade. No entanto ao se tornar um ritual simbólico cria um vazio em sua mensagem desmantelando toda rede de códigos, desfazendo a ordem dos signos e arquitetura. E assim como a cidade é o lugar onde os signos são executados, a pichação vem esvaziar estes signos.

Quanto a organização urbana nas práticas sócias, Baudrillard (1996) coloca que a subjetividade da cidade cria nas periferias um encarceramento e um centro de triagem, onde o sistema se reproduz de formas econômicas, espaciais e principalmente sógnicas, criando a destruição simbólica das relações sociais que lá ocorrem. Todavia esta noção de encarceramento vai além dos espaços periféricos e acaba atingindo todas formas de relações sociais como veremos abaixo.

O mais importante no entendimento deste estudo portanto é que a organização da cidade vai além do espaço físico, e adentra nos signos. Estes signos por sua vez encarceram os seres urbanos, produzindo no espaço/tempo da vida urbana com os *guettos* subjetivos. Nos *guettos* cada ser independente da localização geográfica/urbana é separado e indiferentemente ensinado pelas formas de comportamentos inscritos na mídia, onde o importante é ter sua televisão, seu automóvel, sua individualidade alienante.

(BAUDRILLARD,IBID). Desta forma o *guetto* e a cidade são mais do que o físico, mas uma produção subjetiva e social operada pelos signos.

Passando para uma visão mais macro, a organização complexa da cidade, com sua realidade espacial segregadora e caótica conforme descreveu Santos (1996), faz com que haja uma grande especulação capitalista que produz os espaços vazios e que cria as zonas periféricas, desprivilegiadas e desvalorizadas. Além disso, frequentemente existentes nos espaços segregados estão os fatores de influência negativas (que não são apropriadas às necessidades humanas e que causam diversos problemas psicossociais) como a densidade, o amontoamento, e o ruído que produzem impactos e problemas diretos a partir das vivências nos espaços (FISCHER, S/D).

Isto acontece pois existe sempre houve uma cidade econômica com espaços valorizados a partir do capital em detrimento da construção de uma cidade social, o que de certa forma é um processo que se transforma desde a Antiguidade, como explica Lefebvre (2008). A cidade política (dos documentos, sacerdotes, guerreiros, nobres) existe e exclui o espaço das cidades “comerciais” dos mercantes e pobres, sendo esta um espaço livre, um espaço do encontro político (da polis). Este processo prossegue historicamente criando áreas excluídas na passagem para a cidade comercial e a cidade industrial, e atualmente entrando em uma zona crítica, produto do capitalismo, que produz formas de relação imobilizadoras e organizadoras do controle constituído (LEFEBVRE, IBID)

Esta redução social produzida pela cidade econômica e que empurra grande parte da população para as margens da cidade, produzindo a pobreza e marginalidade poderia explicar em boa parte o problema da pichação e seu significado transgressor. Entretanto há outras colocações menos sociológicas a serem levantadas.

3.2. A pichação e as produções no espaço urbano

O espaço pessoal é aquele que está mais ligado a uma dimensão psicológica do espaço, uma vez que se assenta na experiência e relação direta com o espaço imediato. Dentre as funções do espaço pessoal estão a preservação do espaço mínimo e da intimidade. Um dos

locais que mais preserva a função do espaço pessoal é a residência ou o habitat. Assim socialmente sabemos que há a presença de outros espaços como o social e cultural que diferencia as formas de relação. (FISCHER, S/D)

Em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento sabemos que a construção conquistada do espaço pessoal, principalmente ligado a moradia é uma questão bastante séria e complexa. Muitos espaços que outrora eram improdutivos foram “invadidos” e posteriormente se tornaram bairros periféricos. Isto é um fato bastante comum nas grandes cidades como Manaus e demonstra que há uma formação desigual das políticas públicas e das práticas do Estado.

As pessoas que ocupam esta área lutam para conseguir um espaço de moradia. Entretanto estas lutas não são sempre um desejo de construção de um ambiente coletivo. Muitas vezes o espaço pessoal não se envolve com a coletividade. Neste sentido é muito comum vermos que a construção dos bairros periféricos ocorre muito mais por um título de propriedade do que por uma produção coletiva do espaço. Isto é bastante claro nos bairros periféricos já constituídos e com os serviços básicos como água, luz, postos de saúde, mas que são tomados pela violência, pelo tráfico de drogas, pela desorganização. Muitas vezes se espera muito do Estado sem haver um sentido coletivo do espaço. Por esta razão é necessária uma constante produção social do espaço, onde seja produzido espaços e atividades através do trabalho imaterial. Entretanto esta passividade é maior nos bairros burgueses onde há uma individualidade muito grande amparada pelos valores do sistema econômico capitalista e pelas instituições do estado que buscam quase sempre manter uma imobilidade socioespacial.

Nas grandes cidades isto pode ser somado ainda à crise do ativismo de bairros, nas Organizações não governamentais (ONGs), nas Sociedades de Amigos de Bairro e favelas (SABs), nas Pastorais e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) conforme o vemos no estudo de Souza (2005).

Esta falta de organização socializante, somada aos problemas socioespaciais e ao descaso e má administração do Estado, propicia o aumento da privação, do sofrimento psicossocial e da violência, além de deixar que outros tipos de atividades ilegais apareçam.

No caso dos jovens, este descaso é percebido de uma forma mais preocupante e por isto que Abramovay (2010) coloca os jovens como uma classe muito vulnerável a violência e a criminalidade. Além disto sua situação de marginalidade se dá paralelamente com a fixação e estigmatização territoriais produzidas através dos espaços segregados (ABRAMOVAY, IBID).

Com isto quando estes jovens não se sentem produtivos economicamente e não estão envolvidos com a organização das atividades de suas comunidades, concebem sua vida de forma alheia da realidade social. Neste sentido eles criam suas formas de ser jovem em grupos que compartilham e determinam suas produções. Diferente de outros grupos, os pichadores marcam diretamente os lugares, modificando (e para a sociedade conspurcando sem razão) o espaço público. Também não conceberemos estes pichadores a partir da noção de uma degradação moral dos jovens da classe operária conforme explicado pela teoria marxista em Souza (2005).

Da mesma forma não podemos tomar esta questão apenas como uma questão de rebeldia, ou de uma consequência social da produção de uma marginalidade. Também não podemos abominar ou julgar a pichação apenas pela degradação ou legalidade, pois ao estigmatizar gangues e seus integrantes, se exclui a possibilidade de estabelecer uma política de direitos para os mesmos e aproveitar o seu potencial, inclusive para decolar outras trajetórias. Devemos entender que a pichação é uma produção, uma forma de uso social do ambiente e que embora ilegal envolve diversos jovens que utilizam seu tempo e energia.

Assim, pichação é uma produção urbana, um tipo de escrita proibida numa realidade já constituída, e que pode ser interpretada como uma forma de não aceitação do estabelecido (CARMO, 2001). Partindo desta premissa de abertura e compreensão podem haver outras atividades transformadoras feitas pela e com a juventude. Desta forma, na organização sociopolítica comumente feita pelo Estado e muitas vezes da sociedade isto não é uma prioridade ao contrário, por exemplo, das experiências de outros países contadas por Gauthier (2005). Assim a pichação não produz por si só formas consideradas necessárias para as vivências em coletividade, mas como já discutimos à própria sociedade civil e o Estado

falham neste sentido, uma vez que caso não falhassem não haveria tantas privações no viver nas cidades.

Logo este estudo pretende entender a pichação não apenas através da transgressão, mas também buscar entender pichação como uma mensagem social transpositiva dos códigos já constituídos, uma vez que estes jovens apontam uma mensagem escrita por vozes veladas, meios mudos e anônimos para sua expressão. Da mesma forma como expôs Abramovay (2010) não buscaremos etiquetar o pichador como pobre vitimizado e nem como um criminoso, mas como um jovem que fez uma leitura da realidade e escolheu um meio de se expressar, ou canalizar suas forças na pichação na crença de suas vivências e transformações.

Contudo entendemos que estas vozes poderiam ser expressas de outras maneiras que ultrapassassem ainda mais suas condições, a partir do protagonismo e da criação artística e social, que por sua vez entrariam em produções que fortaleçam o sentido social e proativo do ser jovem e viver na cidade.

4. METODOLOGIA:

4.1. Tipo de Pesquisa

Este presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa com um enfoque predominantemente qualitativo. Obviamente esta escolha foi relativizada como nos mostrou Minayo e Sanches (1993), pois os métodos quantitativos ou qualitativos são usados dentro dos limites de suas especificidades. Além do excelente histórico apresentado sobre a metodologia qualitativa, os autores abordam algumas características deste tipo de método de pesquisa. Primeiramente, apesar da busca histórica e científica por uma uniformidade e padronização dos estudos de comportamento, o método qualitativo se baseia pela subjetividade, onde não se busca chegar a uma lei universal sobre determinado tema. (MINAYO e SANCHES, IBID).

Outra característica que se buscou desenvolver nesta pesquisa e que é tocada pelos autores como uma característica deste método, foram os significados que os seres humanos constroem ao lidarem com os objetos de estudo das ciências humanas, uma vez que a maneira como o ser humano concebe o mundo é proporcional à forma de agir e organizar suas ideias pela linguagem (MINAYO e SANCHES, 1993).

Este estudo trata de uma pesquisa de tipo descritivo, exploratória e analítica. Conforme explana Gil (1999) uma pesquisa descritiva visa à descrição das características de certo fenômeno e as atitudes, crenças e opiniões dos participantes deste fenômeno. Assim busca amplamente compreender o fenômeno tratado, enquanto que sua parte exploratória pretende esclarecer de maneira geral um grupo de conceitos para formatar a problemática a

ser pesquisada. Por fim se busca analisar da forma mais ampla o fenômeno estudado e a partir dos dados e teorias o pesquisador discutirá e tecerá conclusões.

4.2. Local da Pesquisa

A pesquisa foi feita em locais públicos da cidade de Manaus (como praças, vias públicas, etc...) conforme foi combinado com os participantes. Esta não especificação do local de pesquisa se deu pela necessidade dos sujeitos se perceberem em um ambiente seguro, familiar e onde estejam abertos a falar, já que as atividades praticadas por eles são rejeitadas e admoestadas socialmente e legalmente.

Entretanto foram combinados com cada entrevistado um local para ser realizada a pesquisa, pois tivemos o entendimento que devido à prática ilegal dos sujeitos é necessário estar aberto para discutir com eles o local exato da entrevista. A especificação do local da entrevista foi explicitado em cada transcrição.

Apesar de ter sido realizada em locais públicos, a coleta de dados ocorreu em ambientes e horários menos tumultuados para que se preserve a identidade e o bem estar dos entrevistados. Em geral sabe-se, a partir das outras pesquisas citadas nestes trabalho, que os pichadores se reúnem a noite geralmente em algumas áreas centrais da cidade e de lá saem para pichar. Desta forma a coleta de dados desta pesquisa foi feita em sua maioria de madrugada em locais no centro da cidade.

4.3. Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram os jovens pichadores moradores do espaço urbano da cidade de Manaus. Esta escolha focando os jovens se baseou principalmente nos estudos teóricos que pudemos fazer e que mostraram que grande parte dos pichadores são jovens pertencentes a grupos que se reúnem durante a noite (CARMO, 2001; KESSLER, 2004; MEDEIROS, 2008; PEREIRA, 2010). Como um estudo sobre o fenômeno da pichação em Manaus é de certa forma inédito não houveram parâmetros para se delimitar algumas características como a faixa etária dos praticantes da pichação, sexo ou grupos sociais. Desta

forma este foi um estudo exploratório que contribuirá para dar informações do perfil destes jovens e delineará a contribuição para futuras pesquisas.

A amostra da pesquisa foi regulada pela acessibilidade, definida por Gil (1999) como um processo pouco rigoroso, onde se toma a amostra a partir da quantidade de indivíduos que se consegue ter acesso e admitindo-se que estes representem um universo válido. Este tipo de amostra é válida em estudos exploratórios e qualitativos. No caso desta pesquisa com pichadores foi difícil saber o universo presente na cidade por causa também das transformações na cena dos pichadores como discutiremos nos resultados. Devido à ilegalidade da pichação o número sujeitos da amostra foi reduzido. Além disso houve uma grande dificuldade de contato com os pichadores que muitas vezes se mostraram bastante desconfiados, tendo muitos se recusado a terem qualquer tipo de contato.

Em relação à faixa etária dos sujeitos, devemos lembrar que a juventude não é uma fixação ou delimitação de uma fase da vida, mas como já frisamos anteriormente uma construção socio-histórica e que por isso só pode ser concebida em um entendimento das subjetividades que permeiam os espaços e constroem as realidades sociais. Entretanto a faixa etária dos sujeitos esteve dentro das políticas públicas contempladas pelo governo federal, estudando assim os jovens entre 18 e 29 anos. O limite de 18 anos refere-se à maioridade (plenamente capaz) conforme exposto no código civil.

Devido à situação de ilegalidade na qual estes jovens estão envolvidos, em nenhum momento foi colocada em questão a identidade dos participantes e nem mesmo as iniciais, utilizando apenas o nome que usam em sua assinatura como pichador. Neste sentido ao mesmo tempo em que se buscou não adotar uma atitude invasiva, esforçou-se também por reconhecê-los a partir da identidade social que eles mesmos escolheram como pichadores, assim como foi feito em outros estudos como Oliveira (2009), Pereira (2010) e Sales (2007).

Primeiramente houve uma tentativa com mais de 300 contatos de pichadores através de redes sociais da internet (Orkut e Facebook), mas não se obteve sucesso. Foi necessário então usar como intermediário os grafiteiros para se ter um contato inicial, estabelecer a confiança e só então poder coletar os dados. Nestes contatos foram informados que todos os

dados e tópicos debatidos teriam sigilo absoluto e só seriam usados para a finalidade de pesquisa. Este informe serviu para tranquilizá-los sobre qualquer forma de coação ou ameaça que eles poderiam conceber.

4.3.1. Critérios de inclusão dos sujeitos

Os critérios de inclusão destes sujeitos da pesquisa foram:

- Ser um jovem pichador entre 18 e 29 anos, independente de gênero, cor, raça;
- Ser residente na cidade de Manaus;
- Dar o consentimento para participação na pesquisa.

4.3.2. Critérios de exclusão dos sujeitos

Os critérios de exclusão foram:

- Não ser pichador entre 18 e 29 anos de idade residente em Manaus;
- Não dar o seu consentimento para participar da pesquisa;
- Desejar pela sua própria vontade desistir de participar da pesquisa a qualquer momento.

4.4. Procedimentos de construção dos dados

Por se tratar de uma pesquisa que envolveu a inter-relação pessoa-ambiente utilizamos de um tipo de abordagem bastante antigo, mas que foi proposto nesta relação por Günther, Elali & Pinheiro (2004). Primeiramente esta abordagem é importante, pois várias áreas de estudo como a geografia humana, arquitetura, psicologia estudam esta interface indivíduo-ambiente. Desta forma, partindo destas relações multidisciplinares, a abordagem multimétodos, visa ampliar o conhecimento que se tem de certo fenômeno socioespacial com a utilização de dois ou mais métodos. O uso destes vários métodos tiveram o intuito de integrar este estudo com uma concepção mais abrangente e sólida quanto ao tema. No nosso caso usamos os métodos da categorização fotográfica, da entrevista, das anotações no diário de campo.

A caracterização fotográfica das pichações auxiliou na determinação dos tipos de mensagem da pichação que existem na cidade de Manaus, assim como Ramos (1993) fez em São Paulo. A fotografia é um antigo meio documental utilizado pela ciência para expor evidências do conhecimento científico, sendo um registro poderoso dos acontecimentos da realidade principalmente em um mundo visualmente midiaticizado (BAUER E GASTELL, 2002).

No caso das pichações, devido ser um fenômeno com certa efemeridade, o registro fotográfico é algo importante para o registro em determinado tempo histórico. Portanto neste momento exploratório, as fotografias serviram de contato com o fenômeno, registro e caracterização dos tipos de pichações. As fotografias foram feitas durante os meses de dezembro de 2011 e março de 2012.

As pichações fotografadas estiveram nos mais diversos espaços como muros de propriedades públicas ou privadas, fachadas de edifícios ou pontos comerciais, caixas telefônicas, portões, *outdoors* e placas, igrejas, escolas entre outros, já que a própria cidade e seus elementos são o suporte para a pichação (RAMOS, 1993). A pichação também está ligada ao que Lynch (1999) chama elementos da cidade (vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos). A pichação entra então como elemento presente nas vias da cidade e está mais ligada aos limites (sejam eles muros ou edificações). Assim como elas estão presentes nos bairros e pontos nodais. Estes últimos se tratam de focos estratégicos presentes em um espaço e que são essenciais para a vivência e identificação na cidade.

As fotografias serão feitas com base na divisão geopolítica de Manaus, feita a partir do decreto municipal no 2924/95, onde a cidade é dividida em seis zonas (MANAUS, 1995) e tivemos também auxílio de um mapa oficial. Foram escolhidos pelo menos um bairro de cada zona sendo esta feita pela relevância e quantidade de pichações. Os bairros escolhidos para a caracterização fotográfica foram os seguintes: Centro, Cachoeirinha, Japiim (Zona Sul); Chapada, Adrianópolis, Aleixo, Parque Dez e Nossa Senhora das Graças (Zona Centro-Sul); São José e Novo Aleixo (Zona Leste); Compensa (Zona Oeste); Dom Pedro e seus conjuntos (Zona Centro-Oeste), Cidade Nova e seus conjuntos (Zona Norte).

Em outro momento da coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com o intuito de identificar características específicas deste estudo como a motivação, construção de significados, e forma de apropriação e escolha dos pichadores em relação ao espaço. As entrevistas foram feitas entre abril e setembro de 2012, sendo feito um total de sete (7) entrevistas com pichadores do sexo masculino visto que há, conforme pude constatar, um número restrito de mulheres na pichação na cidade de Manaus. No decorrer dos encontros conseguimos conhecer por volta de 25 pichadores que tiveram reações diferentes quanto a participação na pesquisa. Vários se recusaram a participar (um inclusive preferiria ser filmado pichando a ser entrevistado pois para ele daria mais visibilidade), outros não puderam participar no momento por diversos motivos. Durante estes contatos quase fui assaltado por um pichador, que com o revólver na mão, preferiu roubar um transeunte do outro lado da rua, enquanto pude fugir.

A escolha de entrevistas como método de coleta se deu devido ao entendimento, assim como explicita Bauer e Gaskell (2002), de que este amplia a compreensão das formas de vida dos entrevistados e principalmente suas significações e visões de mundo. A entrevista segundo Szymanski (2010) é uma técnica utilizada amplamente como instrumento em pesquisa qualitativa, sendo um processo recorrente, reflexivo, emotivo e fundamental na interação de seres humanos. Desta forma fica explicitado que os dois participantes da entrevista, o entrevistador e o entrevistado, são seres com seus anseios, interesses e concepções de mundo e que juntos irão produzir a construção de conhecimentos.

Como se trata de um instrumento de coleta de informações que contem significados e posicionamentos existenciais a entrevista é um processo cauteloso que deve ser pautado pela clareza de ideias do entrevistando que deve estar em uma postura reflexiva sobre o conteúdo da entrevista sem que seja influenciado ou coagido pelo pesquisador. Desta forma a entrevista deve primar pelo diálogo onde ambos os sujeitos tem fala e participação no processo (SZYMANSKI, 2010).

Na entrevista foram tomados os cuidados necessários para sua realização, informando com antecedência o tema e a razão da pesquisa, além da utilização do termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1) que foi assinado pelos participantes, deixando claro a

disponibilidade em fazer uma entrevista devolutiva. Estes cuidados estão explicitados no tópico Cuidados éticos (tópico 4.6).

As entrevistas feitas foram do tipo semi-estruturadas e se basearam em um roteiro de perguntas pré-elaboradas (Apêndice 2) que serviu como base para entrevista. Este tipo de entrevista trabalha apenas com um roteiro semi-fixo onde podem ser acrescentadas outras questões bilateralmente conforme decorra a investigação subjetiva (SZYMANSKI, 2010; BAUER E GASKELL, 2002).

O procedimento das entrevistas foi feito conforme a ordem descrita por Minayo (2004): apresentação ou contato inicial; menção do interesse da pesquisa e seus motivos; justificativa da escolha do entrevistado; garantia do sigilo e anonicidade; conversa inicial ou aquecimento.

As entrevistas conforme foi mencionado anteriormente foram feitas em um local escolhido pelo entrevistado. Além disso, durante a entrevista também a fotografia foi utilizada de forma exploratória (questão número 13 do apêndice 2). Foram mostrados os tipos de lugar usados pela pichação encontrados na categorização fotográfica e então foi perguntado em qual destes espaços eles pichariam uma mensagem naquele momento e qual seria o tipo de mensagem que ele escolheria, além da justificativa para a escolha.

Este tipo de técnica exploratória visou trazer uma compreensão mais apurada sobre a forma que o pichador concebe e escolhe o espaço, ou ainda a partir do conceito de *affordances*, qual a característica do espaço que levaria estes jovens a agir. Desta forma buscamos também adentrar no conjunto de valores destes jovens na hora de fazerem suas escolhas e a significação da prática de pichador.

4.5 Procedimentos para análise dos dados

Após a coleta das fotografias com pichações, estas foram separadas conforme a localização e analisadas quanto aos tipos, locais de pichação e das mensagens que elas expressam. Não foi considerado para análise a quantidade de pichação de cada bairro, já que devido a grande extensão dos mesmos e a efemeridade das pichações se tornou complicado

uma total catalogação. Mesmo assim houveram alguns bairros como Dom Pedro, Nossa Senhora das Graças e Centro em que foram registrados fotograficamente as pichações de 85 a 95% do total da área do bairro.

Após a separação das fotografias foram analisados os tipos de pichação mais presentes naquela área, e também em que tipo de espaço (espaços privado, prédios, escolas, etc.) aparecem mais este tipo de pichação. E junto com estes foram considerados os tipos de mensagens que estavam presentes no espaço.

Os resultados mostraram nas produções dos pichadores quais os tipos de mensagens escolhidos para determinados espaços e regiões geográficas e a possível razão para isto. Além disto, foi possível pensar qual o tipo de relação o pichador pretendia ao colocar aquele tipo de mensagem naquele local, e ainda uma possível relação que esta produção teria com o leitor.

Por se tratar de um método engendrado nesta pesquisa, houveram alguns ajustes necessários no decorrer da análise de forma a dar um melhor tratamento aos dados e um resultado melhor definido. Além disso se somaram a estes resultados alguns dados conseguidos na visita a órgãos públicos (departamento de patrimônio histórico, vara ambiental, etc.) sobre a presença das pichações na cidade, e que somaram na compreensão parcial do entendimento que o estado constituído possui pela pichação.

A análise dos dados das entrevistas foi feita a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977) que traz um tipo de análise que busca a ultrapassagem das incertezas e o enriquecimento da leitura a partir de técnicas comunicativas que ampliem o alcance dos dados de uma pesquisa. Este procedimento de análise foi feito após a transcrição das entrevistas e quando o material estava pronto para a análise de dados.

A análise de conteúdo se orienta cronologicamente em três momentos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com a inferência e a interpretação. A pré-análise é a fase de organização dos documentos, formulação de hipóteses e dos objetivos. Os documentos escolhidos passaram primeiramente por uma leitura flutuante, que foi o primeiro contato com o texto se deixando levar por impressões e orientações. Além disto, na

pré-análise a escolha dos documentos e preparação do material foram ser feitas com base em algumas regras estabelecidas e a partir das hipóteses e objetivos formulados, como sugere Bardin (1977)

A fase da exploração do material (ou a análise em si) para Bardin (1977) é algo de simples entendimento, porém bastante laboroso, consistindo apenas na administração das colocações com base nas decisões previamente feitas. O tratamento dos resultados é a parte primordial da análise onde estes serão tratados e explicitados. A partir do momento que a fase de análise foi concluída, buscamos construir inferências, fazer interpretações das categorias.

Estas técnicas de análises também passaram pelo tratamento dos dados a partir da codificação e categorização, que são processos complementares com base em categorias e unidades de sentido.

Como explica Bardin (1977) a codificação é a transformação dos dados brutos visando uma representação do conteúdo trabalhado. Ela é feita primeiramente pela escolha das unidades de registro e contexto. A primeira trabalha com a significação voltada às unidades de bases, em vista da categorização. Ela utiliza tanto recortes no nível dos significados como no caso do tema (ideias constituídas em enunciados do texto), referente (temas eixo onde ocorre a organização do discurso) e o documento, quanto no nível de significante como no caso da palavra. Já a unidade de contexto busca uma maior compreensão e contextualiza os registros sempre em um nível acima. Se o registro que se estivesse trabalhando for a palavra, se buscou entender o contexto dela na frase, que está um nível acima. Logo as unidades de contexto serviram de complemento e verificação dos registros.

Em um segundo momento se enumeraram estas unidades de forma quantitativa e qualitativa. As formas quantitativas se referem a níveis numéricos como a frequência que um elemento aparece; o grau de intensidade, entre outros. E a qualitativa baseia-se em fatores como a presença (ou ausência) de certo elemento; a direção de certo posicionamento como favorável, desfavorável, neutro, etc.

Depois que se baseou nas unidades e formas de enumeração, Bardin (1977) nos mostra a etapa essencial da análise de conteúdos, que é a categorização. Esta é uma classificação dos elementos constitutivos de um conjunto a partir dos critérios definidos e busca fornecer uma representação simplificada dos dados brutos.

Trabalhamos a categorização a partir de dois momentos: o inventário, onde se busca isolar os elementos e a classificação, onde reparte os elementos em categorias, organizando-os. Além disso, seguimos o que Bardin (1977) chama de boas categorias, que tiveram as seguintes qualidades: a exclusão mútua (onde cada elemento pertenceu a só uma divisão), a homogeneidade das categorias (onde cada categoria foi única e teve sua própria organização), a pertinência (a boa adaptação da categoria tanto ao material analisado quanto ao quadro teórico), a objetividade e fidelidade (se teve clareza e impessoalidade na escolha das categorias) e por fim a produtividade (pragmaticamente as categorias foram produtivas e deram férteis resultados). Assim sendo o presente estudo realizou esta ordem de análise proposta por Bardin (1997) em sua análise de conteúdo: escolha das unidades, numeração e categorização.

4.6. Cuidados éticos

A presente pesquisa trabalhou com uma cautela ética já que trata de sujeitos que são considerados pelo Estado como infratores. O primeiro aspecto ético seguido foi o total esclarecimento para os entrevistados do conteúdo e dos objetivos desta pesquisa. Foi exposto claramente que na pesquisa haveria o sigilo das informações e das vivências na entrevista. Outro aspecto que prepusimos e que se trata de um cuidado ético foi o não envolvimento do nome do pichador em qualquer momento da pesquisa, buscando saber apenas sua identidade como pichador.

Outro aspecto ético importante utilizado foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) onde esteve explicitado: informações do pesquisador, instituição e do projeto; o objeto de estudo do projeto, seus objetivos; informação do sigilo da pesquisa, e que os dados coletados e os resultados serão usados somente para os fins de pesquisa.

Além disto, estavam presente no Termo de Consentimento a disponibilidade do pesquisador em fazer a entrevista devolutiva mostrando os resultados da pesquisa. Esta entrevista devolutiva também teve os mesmos cuidados quanto à escolha do local e o horário em que ocorrerá a entrevista, conforme fora discutido previamente.

Por fim, o pesquisador sempre se mostrou disponível a qualquer momento, oferecendo seus contatos para tirar as dúvidas, esclarecimentos e disponibilização os resultados.

5. RESULTADOS

5.1. As diferentes formas da pichação nos espaços da cidade.

Uma das formas de analisar a presença e formas da pichação na cidade de Manaus foi através da categorização e análise de fotografias. Durante os meses de dezembro de 2011 e março de 2012 foram tirados fotos de pichações em diversas partes das cidades sendo estas organizadas por bairros. Após o registro estas pichações foram analisadas quanto sua mensagem e o local onde foi feita a pichação. A pichação em si pode conter mais de um elemento e por isso a análise das fotografias foram feitas cautelosamente. Muitas vezes as pichações contem além do nome do pichador, o grupo a qual ele pertence e pode conter ainda um desenho ou dedicatória. Por exemplo, o escrito “Gato SPM Voltei moçada” é considerado apenas uma pichação feita pelo pichador gato do grupo de pichadores SPM. Conforme exposto anteriormente este registro da pesquisa não incluiu grafite e nem o grapixo, se focando apenas a pichações feitas com tinta spray.

As fotografias foram separadas por bairros com base na divisão geopolítica de Manaus, feita a partir do decreto municipal no 2924/95, onde a cidade é dividida em seis zonas (MANAUS, 1995). Foram escolhidos pelo menos um bairro de cada zona, e esta foi feita pelas características do bairro (ser residencial, comercial, de maior ou menor movimentação). Assim a análise compreendeu os seguintes bairros: Centro, Cachoeirinha, Japiim (Zona Sul); Chapada, Adrianópolis, Aleixo, Parque Dez e Nossa Senhora das Graças

(Zona Centro-Sul); São José e Novo Aleixo (Zona Leste); Compensa (Zona Oeste); Dom Pedro e conjuntos (Zona Centro-Oeste), Cidade Nova e seus conjuntos (Zona Norte).

Ao fim foram analisadas ao todo 2434 pichações que foram categorizadas quanto ao tipo mensagem e quanto ao lugar (Tabela 1).

	Número de Pichações
ZONA CENTRO-OESTE	
Dom Pedro	115
TOTAL:	115
ZONA CENTRO-SUL	
Adrianópolis	81
Aleixo	223
Chapada	268
Nossa Senhora das Graças	115
Parque 10	93
TOTAL:	780
ZONA LESTE	
Novo Aleixo	104
São José	115
TOTAL:	219
ZONA NORTE	
Cidade Nova	216
TOTAL:	216
ZONA SUL	
Cachoeirinha	77
Centro	744
Japiim	75
TOTAL:	896
ZONA OESTE:	
Compensa	208
TOTAL:	208
TOTAL GERAL:	2434

Tabela 1: Quantidade de pichações fotografadas

Quanto o tipo de mensagem das pichações foram encontrados os seguintes tipos dispostos conforme a quantificação na tabela abaixo:

TIPO DE PICHANÇA	REFLEXIVA (ou Denotativa)	COMUNICATIVA (FÁTICA)	RELIGIOSA	OFENSIVAS	PORNOGRAFICAS	TOTAL
ZONA CENTRO-OESTE						
Dom Pedro	5	107	2	0	1	115
TOTAL:	5	107	2	0	1	115
ZONA CENTRO-SUL						
Adrianópolis	5	72	3	0	1	81
Aleixo	8	213	1	0	1	223
Chapada	3	262	1	2	0	268
Nossa Senhora das Graças	2	112	1	0	0	115
Parque 10	2	90	0	1	0	93
TOTAL:	20	749	6	3	2	780
ZONA LESTE						
Novo Aleixo		103	0	1	0	104
São José		114	0	1	0	115
TOTAL:	0	217	0	2	0	219
ZONA NORTE						
Cidade Nova	3	212	1	0	0	216
TOTAL:	3	212	1	0	0	216
TIPO DE PICHANÇA	REFLEXIVA (ou	COMUNICATIVA	RELIGIOSA	OFENSIVAS	PORNOGRAFICAS	TOTAL

	Denotativa)	(FÁTICA)				
ZONA SUL						
Cachoeirinha	1	75	1	0	0	77
Centro	13	729	1	1	0	744
Japiim	4	70	0	1	0	75
TOTAL:	18	874	2	2	0	896
ZONA OESTE:						
Compensa	2	203	0	2	1	208
TOTAL:	2	203	0	2	1	208
TOTAL GERAL:	48	2362	11	9	4	2434
PORCENTAGEM:	1,97%	97,04%	0,45%	0,37%	0,16%	100,00%

Tabela 2: Tipo de pichações fotografadas

As categorias encontradas “tipo de pichação” pode ser descritas e exemplificadas da seguinte maneira:

Reflexiva (Denotativa)



Figura 4- Pichação reflexiva (denotativa)
 FONTE: Pesquisa de campo

Uma pichação do tipo reflexiva tem em sua mensagem a expressão de um texto sobre uma realidade, onde o receptor (leitor) desta mensagem se focará no contexto que ela traz. Conforme a classificação de Jakobson (1970) este tipo de linguagem é orientada ao contexto de uma mensagem e centrada no referente demonstra uma função denotativa. Assim sendo este tipo de mensagem aborda fatos concretos e quando usada em uma pichação busca uma reflexão sobre a condição social concreta. Na pichação esta mensagem é destinada a um entendimento de toda a sociedade sobre algum tema, ou alguma contestação de um grupo. Dentre exemplos de algumas pichações que tem esta característica destaque: “Ajudem o Haiti-Reconstrução já”, “Nosso consumo gera conforto e luxo, mas não significa que nossos bisnetos terão os mesmos”. Nesta categoria também foram centrados mensagens de protesto que busquem em seu contexto uma reflexão a condição social, como por exemplo: “Transporte coletivo-> Tortura Coletiva” “Quem desvia dinheiro público, mata as pessoas.”

A escolha desta categoria provem da nossa percepção de que alguns pichadores preferem ao invés de treplicar a mesma mensagem ou assinaturas, utilizarem os espaços para questionar algo. Para alguns ‘puristas’ estas mensagens não são pichações, no entanto elas são produzidas pelos pichadores utilizando os mesmos tipos de espaços para produzir outros tipos de pichações. Assim considero este tipo de escrita mais crítica como pichação, pois como descrevi anteriormente, ela foi utilizada durante a história como uma das precursoras dos grafismos urbanos nas lutas populares do fim dos anos 60 em todo mundo e como.

Comunicativa (Fática)



Figura 5- Pichação comunicativa (fática)
 FONTE: Pesquisa de campo

A pichação comunicativa visa o contato simples com um receptor sem visar diretamente a comunicação. Assim uma pichação, ou um rabisco busca ser visto dentro do espaço urbano, mesmo que para grande parte das pessoas a mensagem escrita não seja totalmente compreendida devido ao desconhecimento dos alfabetos e códigos dos pichadores. Este tipo de pichação em geral se foca em manter um contato com algum receptor. Na classificação de Jakobson (1970) se refere a uma função fática, onde há entre os que se comunicam uma troca ritualizada de mensagens em um canal para prolongar a comunicação.

No caso dos pichadores, eles usam os muros da cidade para colocar sua de pichador e de sua *crew* para mostrar aos outros sua presença e iniciar a comunicação entre os pichadores. É comum ver nas pichações deste tipo um direcionamento ou dedicatória a outro pichador, em mensagens como “Valeu Fino”, “Salve gato”, “Te amo pequena”, “Para Bismark”. Há ainda referências a própria condição do pichador quanto sua produção: “Vida Loka”, “Na calada da noite”, “enquanto tu dormia”, etc. Percebe-se então que estas mensagens visam uma troca de mensagens buscando muito mais um contato do que a comunicação em sua forma ampla.

Este tipo de pichação é o mais visível socialmente, sendo convencionado como a principal forma de pichação.

Pornográficas



Figura 6- Pichação pornográfica
FONTE: Pesquisa de campo

As pichações deste tipo foram descritas por Ramos (1983) como desenhos ou frases expondo conteúdos ligados às genitálias, ao ato sexual. Assim sendo este tipo de mensagem busca de certa forma uma afronta aos valores morais estabelecidos.

Neste caso elas conflitam com a moral estabelecida que julga impróprio a sexualidade e o corpo, tachando como imoral suas denominações ligadas ao corpo (palavrões) e imagens (usadas nas pichações). Em Manaus existem em números reduzidos.

Ofensivas



Figura 7- Pichação Ofensiva
 FONTE: Pesquisa de campo

A mensagem ofensiva embora seja de certa forma comunicativa tem em seu direcionamento a ofensa em si a alguém ou ainda ter em si algum teor ofensivo implícito (como no caso de uma suástica nazista cujo símbolo por si só se refere-se historicamente a algo ofensivo). É comum nestas mensagens xingamentos e palavras de baixo calão.

Este tipo de pichação ofensiva foi conceituada pois traz em si uma transgressões aos bons costumes ou mostra certa raiva contra algo ou alguém. Gitahy (2002) descreve que este tipo de prática ofensiva, apareceu nos conflitos entre grupos religiosos, que escreviam mensagens ofensivas nos muros de outras instituições. Na pichação, a ofensa pode ser contra um grupo de pichadores, governantes ou a sociedade.

Percebe-se nestes tipos que o fenômeno da pichação não é unívoco e também não é feito com um único interesse por um mesmo grupo, e sim por uma multiplicidade de interesses e crenças.

A análise fotográfica quanto ao tipo de mensagem pichada apontou que do total de 2434 pichações temos 2362 com mensagens comunicativas e não-reflexivas, o que representa mais de 97,04% do total de pichações. Assim vemos que a pichação trata de uma forma de

protesto que não tem um objetivo voltado uma reflexão sendo o interesse dos pichadores é a ocupação do espaço e transmissão de uma mensagem fática.

Isto foi percebido em algumas falas das entrevistas que mostraremos posteriormente, e que tratam deste distanciamento do conteúdo em si da pichação com a transmissão de mensagens. Ouvi de alguns pichadores que a pichação não quer vender nada, e por isso sua mensagem em uma sociedade consumista não ter interesse nenhum. No entanto o mais interessante é fazermos uma leitura disto a partir da teoria de Baudrillard (1996) onde os pichadores usam de sua prática não para se incluir a sociedade, e sim para mostrar o vazio de sua mensagem, que não tem o objetivo e nem o valor que se prega no estado constituído.

Assim ao invés de colocar uma mensagem ortograficamente pragmática, em geral a pichação em sua prática força a sociedade a ver uma mensagem sem objetivos ou sentidos, deslocando assim a percepção das formas já constituídas. Certamente as pichações reflexivas tem uma grande importância no contato democrático com os grupos urbanos, visando uma mudança coletiva, contudo em relação a esta prática foram registrados 48 pichações (1,97%). Por fim foram contabilizados 11 mensagens religiosas (0,45%), 9 ofensivas (0,37%) e 4 pornográficas (0,16%).

Quanto ao local da pichação as fotografias foram divididas da seguinte forma (Tabela 3):

LOCAL DAS PICHACÇÕES	RESI D.	CONDO M.	PRÉDIOS PÚBL.	PATR. PÚBL.	LOCAIS ABAND.	LOJAS	IGREJAS	ESCOLAS	E. USO PÚBLICO	PLACAS	TOTAL
ZONA CENTRO-OESTE											
Dom Pedro	57	0	0	0	2	14	0	12	21	9	115
TOTAL:	57	0	0	0	2	14	0	12	21	9	115
ZONA CENTRO-SUL											
Adrianópolis	48	0	1	0	1	2	0	10	13	6	81
Aleixo	82	23	31	0	5	76	0	1	0	5	223
Chapada	38	2	0	0	16	105	8	0	95	4	268
Nossa Senhora das Graças	52	5	6	0	2	41	0	0	6	3	115
Parque 10	23	4	2	0	3	31	0	5	22	3	93
TOTAL:	243	34	40	0	27	255	8	16	136	21	780
ZONA LESTE											
Novo Aleixo	55	0	0	0	0	9	6	31	2	1	104
São José	30	0	2	0	21	38	0	15	5	4	115
TOTAL:	85	0	2	0	21	47	6	46	7	5	219
ZONA NORTE											
Cidade Nova	84	0	0	0	3	67	0	17	45	0	216
TOTAL:	84	0	0	0	3	67	0	17	45	0	216

LOCAL DAS PICHações	RESID.	COND. OM.	PRÉDIOS PÚBL.	PATR. PÚBL.	LOCAIS ABAND.	LOJA S...	IGREJAS	ESCOLAS	E. USO PÚBLICO	PLACAS	TOTAL
ZONA SUL											
Cachoeirinha	16	0	23	0	0	34	2	0	0	2	77
Centro	125	10	2	62	52	332	18	22	112	9	744
Japiim	23	0	17	0	4	12	2	4	12	1	75
TOTAL:	164	10	42	62	56	378	22	26	124	12	896
ZONA OESTE:											
Compensa	70	4	27	0	3	65	0	0	32	7	208
TOTAL:	70	4	27	0	3	65	0	0	32	7	208
TOTAL:	703	48	111	62	112	826	36	117	365	54	2434
PORCENTAGEM	28,88%	1,97%	4,56%	2,55%	4,60%	33,94%	1,48%	4,81%	15,00%	2,22%	100,00%

Tabela 3: Lugares das Pichações fotografadas

Podemos descrever as categorias escolhidas dentre os locais de pichação da seguinte forma:

Residências e propriedades privadas



Figura 8- Pichação em residência
FONTE: Pesquisa de campo

Definimos como residência a propriedade privada que esteja delimitada (geralmente a pichação está em seus muros) e não mostre sinais de que esteja abandonada ou inabitada, pois assim perderia a função do residir.

Condomínios e prédios residenciais



Figura 9- Pichação em prédio
FONTE: Pesquisa de campo

Espaços de residências (condomínios de casas ou apartamentos) com acesso restrito aos moradores por muros que os separam da via pública.

Locais abandonados



Figura 10- Local Abandonado na Av. Grande Circular, Zona Leste
FONTE: Pesquisa de campo

Nesta categoria estão os terrenos (construídos ou não) em que não se percebe a presença humana, e demonstra sinais físicos de abandono como deterioração da construção, construções tomadas pelo mato, inóspito, etc.

Prédios públicas



Figura 11: Pichação na Sede da Previdência Social no Centro de Manaus
FONTE: Pesquisa de campo

Locais que sediam as atividades de alguma entidade pública, e que portanto pertencem diretamente ao Estado.

Lojas, indústrias e Centros comerciais



Figura 12- Pichação em loja no Bairro da Cachoeirinha, Zona Centro-sul
FONTE: Pesquisa de campo

Inclui as fachadas e/ou dependências de lojas, centros comerciais, fábricas, shoppings centers, e outros espaços comerciais.

Escolas, Faculdades e instituições de ensino



Figura 13- Escola Estadual no bairro da Cidade Nova, Zona Norte de Manaus
FONTE: Pesquisa de campo

Refere-se a todas as instituições de ensino seja ela pública ou particular. Embora possa ser uma instituição pública, a escola está definida separadamente por ser algo de fundamental importância na formação social, seja ou não considerada um aparelho ideológico do Estado.

Igrejas e Locais religiosos



Figura 14- Igreja no bairro Novo Aleixo
FONTE: Pesquisa de campo

Esta categoria é voltada a qualquer espaço cuja finalidade é a prática religiosa, tais como igrejas, centros espíritas, lojas maçônicas, terreiros de umbanda, candomblé, mina, capelas, santuários, etc.

Patrimônio Público



Figura 15- Parede do Prédio da Instalação da Província do Amazonas, Centro
FONTE: Pesquisa de campo

Espaços tombados pelo patrimônio público federal ou estadual conforme resoluções determinantes dos Órgãos de Patrimônio Histórico.

Espaço de uso público



Figura 16- Terminal de ônibus 1 na Av. Constantino Nery, Centro
FONTE: Pesquisa de campo

Refere-se a locais que tem o acesso livre para todos os públicos e cujo o uso e zelo pertencem a coletividade. Estão enquadrados como espaços de uso público praças, paradas de ônibus, áreas de lazer, centros comunitários, passarelas, pontes, etc.

Placas e objetos urbanos



Figura 17- Placa de uma construção, Bairro Dom Pedro, Zona Centro-Oeste
FONTE: Pesquisa de campo

Referem-se a objetos imóveis utilizados para informação como placas (de trânsito), outdoors e outros como blocos “dentes de dragão”. Podem ser também objetos temporários como placas de metal, PVC ou madeira que cercam uma obra e que apesar da imobilidade serão retirados assim que a mesma seja concluída.

Dentre as locais categorizado acima, os que mais tiveram pichações foram as lojas, indústrias e centros comerciais (33,94%), Residências e propriedades privadas (28,88%) e Espaços de uso público (15%). Estes dados mostram que os pichadores escolheram as locais frequentado por trabalhadores, e locais voltados tanto ao espaço pessoal quanto ao uso coletivo. Isto pode ser uma evidência de que os pichadores valorizam mais estes locais, e também creem que sua mensagem será mais vista por lá. Pode ser ainda uma tentativa ainda de aproximação de uma forma de protesto voltada para sociedade.

Quanto aos espaços em que se mostraram menos pichados foram as Igrejas (1,48%), seguida dos Condomínios (1,97%), Placas e objetos urbanos (2,22%) e Patrimônio Público (2,55%). As igrejas talvez estejam pichadas em menor número por questões dos próprios pichadores. Grande pichadores e ex-pichadores que pude ter contato mantêm suas crenças religiosas e comentam ser algo paralelo a pichação. Quanto a baixa presença de pichação nos condomínios e patrimônio público pode estar ligado a uma maior vigilância e também por estes estarem em menor número na paisagem urbana. Ao que se refere ao patrimônio público, há pouco menos do que 50 prédios tombados na cidade em e sua análise foi feita a partir da lista oficial conseguida no órgão responsável no Estado, que foi ampliada nesta pesquisa a partir da publicação no Diário Oficial da União que promoveu o tombamento do Centro Histórico (BRASIL, 2010).

Esta categorização fotográfica deu um panorama mais amplo sobre a presença da pichação pela cidade de Manaus e sua inserção nos mais diversos espaços. Por ser uma parte mais exploratória da pesquisa, o contato com o tema foi feito *in loco*, o que posteriormente auxiliou durante as entrevistas, uma vez que já conhecia muitos nomes pichados pelas paredes.

Além da fotografia buscamos categorizar a presença da pichação no espaço urbano a partir de visitas, no período entre janeiro e março de 2012, aos órgãos públicos onde de certa forma pichação é envolvida (como polícia, departamento de patrimônio histórico, secretaria de meio ambiente, etc.). Lá pudemos solicitar dados e informações além de vivenciar a concepção destes gestores públicos sobre a pichação. Contudo, a impressão que tivemos na maioria dos órgãos foi de que a pichação é considerada um crime brando, de menor valor, e por isso não é algo que incomoda tanto os órgãos públicos. Tanto que poucos deles tem registros de pichação em seus arquivos e dados, grande parte destes não possuem sequer um departamento de estatística com o levantamento deste e de outros problemas socioambientais. E muitos desconhecem o fato da pichação ser um crime ambiental.

Por se tratar de um crime ambiental, o primeiro destes órgãos que contatamos foi a Secretaria Municipal do Meio-Ambiente (SEMMAS) tanto em sua sede quanto em seus anexos (Lagoa do Japiim) onde conversando com alguns responsáveis como Carlos Petrônio descobrimos que não há nenhuma ação direta da secretaria para prevenção da pichação e a mesma não consta nos procedimentos da instituição que também não possui um departamento de estatística.

Dentro dos órgãos jurídicos, contatamos primeiramente a sede da Delegacia Geral da Polícia Civil, onde procuramos o Departamento de Estatística e fomos informados que seria necessário requisitar os dados junto ao DEMA (Divisão Especializada de Meio Ambiente) responsável contra crimes de Meio-ambiente e urbanismo localizado no bairro da Compensa. Lá fomos recebidos por investigadores e pela delegada da divisão. Nos informaram que por se tratar de um crime de menor potencial ofensivo este não chega a divisão, e por este motivo deveria ser averiguado a presença deste tipo de crime ambiental junto as DIPs (Distrito Integrado de Polícia), onde poderia saber mais sobre flagrante destes. Todavia ao tentar buscar informações junto dois destes distritos, percebi que o sistema de busca era um pouco complicado e fui informado que muitas vezes não havia um registro específico. Fui informado que ficaria mais fácil conseguir dados junto ao Ministério Público ou a Vara Especial do Meio Ambiente e Questões Agrárias do Tribunal de Justiça do Estado.

Através de ofícios da Universidade dei entrada nos dois órgãos acima citados em busca de algum dado concreto sobre a pichação em Manaus durante os últimos 3 anos. Na Vara Ambiental, fui recebido pelo secretário do juiz ambiental, Sr. Audrey, que entregou os processos judiciais que envolviam crimes ambientais entre 2005 e 2009 (ANEXO 1). Apesar de a pichação poder estar enquadrada em outras áreas criminais, como explicou o supervisor, há uma categoria específica para Pichar /Grafitar Monumento Urbano onde consta apenas uma ocorrência durante este período. Mesmo que a pichação tenha sido erroneamente colocada em outra categoria (como outros crimes, ou crime contra o patrimônio cultural), percebemos esta prática bastante comum na cidade é de certa forma invisível aos órgãos públicos, assim como soa desinteressante a sociedade em geral.

Na solicitação feita via protocolo ao Ministério Público Estadual pediu-se além dos processos que envolvessem a pichação, o número de TACs (Termo de ajustamento de Conduta) que envolviam o tema. Entretanto o material não foi devolvido para o pesquisador.

Por fim solicitamos alguns dados da Superintendência Estadual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, que embora não tenha nenhum dado sobre este tipo de crime ambiental auxiliaram com a lista dos prédios já tombados pelo órgão , e nos sugeriu visitar o departamento de Patrimônio Urbano do Instituto Municipal de Ordem Social e Planejamento Urbano (IMPLURB). Neste órgão conversamos com a coordenadora Regina Pinto sobre a pichação e os patrimônios históricos de Manaus. Ela nos explicou que seu o trabalho é em conjunto com a Superintendência e que raramente é discutido algum caso envolvendo a pichação em patrimônios históricos e urbanísticos. Pudemos perceber mais uma vez que a pichação não é a preocupação primordial quanto aos crimes ambientais urbanos, visto que não haviam ações diretas voltadas a pichação. Outras infrações como aberturas em fachadas, ou fixar faixas e cartazes se mostravam mais ligados na prática do departamento.

Assim sendo pudemos perceber que a pichação é um fenômeno social que se mostra secundário para os órgãos responsáveis, podendo ser colocado como uma conduta inadequada de baixo grau ofensivo. De certa forma este desinteresse dos órgãos públicos não se mostra muito diferente do desinteresse da sociedade em geral pela prática destes jovens. Assim como colocamos anteriormente muitas vezes os jovens são colocados de lado da produção

econômica-social, e quando a partir desta exclusão, buscam criar uma produção diferente destes valores difundidos socialmente, são rejeitados e menosprezados em sua prática nas mais diversas formas. (ABRAMOVAY, 2010; DAYRELL, 2003,; GAUTHIER 2005; RAMOS, 1993,).

5.2. A pichação a partir das motivações dos pichadores e seus significados

A conversa com os sete jovens pichadores foi muito rica em dados sobre suas experiências como pichadores e como eles significam a pichação. Suas experiências nas ruas do espaço urbano acontecem coletivamente e criam significados tanto individuais quanto no grupo. Desta forma os posicionamentos do pichador em sua prática, suas motivações e seu entendimento da realidade socioambiental auxiliaram em uma ampliação desta pesquisa sobre o tema. Para melhor entendimento textual padronizaremos nome dos pichadores com sublinhado todas as vezes que este aparecer no texto como nos nomes de Tai, Aonde, entre outros.

Para entendermos esta realidade criada pelo pichador devemos saber primeiro como ele concebe sua prática, ou o que ele entende por pichação. Como já discutimos anteriormente e como percebemos nos resultados fotográficos a pichação é bastante complexa em sua pluralidade não sendo unívoca.

A pichação é considerada por muitos baseados nas normas de boa conduta como um ato de vandalismo. Abaixo vemos no discurso de alguns pichadores que esta é realmente uma das diversas vertentes do pixo:

“Por que pichação é vandalismo, todo mundo sabe, e hoje em dia se os policiais pegar a gente, eles levam e pintam o cara e faz maior onda, o que eles quiserem com o cara por que o cara tá pichando.” (ZETA)

“As vezes tem que ser vandalista se não ninguém presta atenção na comunidade pobre, mas muitas vezes tem que mostrar a real da pobreza.” (TAI)

Percebe na fala do pichador Tai uma justificativa da pichação como vandalismo como se fosse uma reação ou consequência às desigualdades sociais como também explicitou

Ramos (1993). Como já debatemos, esta concepção da pichação foi tratada na teoria por Millie (2008) que entende a prática como antissocial ambiental, uma vez que o pichador está fora das normas aceitas agredindo o ambiente e deturpando sua prática social. Por sua vez Fischer (S/D) entende a pichação como uma apropriação selvagem que ocorre através do vandalismo e depredação de espaços (sejam estes públicos ou privados). A violência das gangues e a pichação como vandalismo são tratados ainda nos filmes *Fúria Dos Pixadores* (2002) com direção de Adam Bhala Lough e *As Cores da Violência* (1988) do diretor americano Dennis Hopper. Nestes dois filmes percebemos que a pichação é exposta como um caso policial que perturba as comunidades e está ligada diretamente ao vandalismo e crime organizado. A fala de Zeta mostra a dura repressão policial que existe aos pichadores assim como a parte pobre da população. Inclusive é notável dizer que temos uma organização policial militar que é comprovadamente nefasta a população nas mais diversas situações, tendo inclusive sido solicitado pela Organização das Nações Unidas sua extinção. Desta forma a pichação acaba sendo associada muitas vezes erroneamente com a violência, com a criminalidade, com a transgressão.

Esta concepção da pichação como vandalismo acompanha ainda a noção da lei, mais especificamente a de crimes ambientais, que vê a pichação como um ato de conspiração ambiental que merece punição penal. Este entendimento da pichação é bastante válido uma vez que fisicamente há causa um dano patrimonial e cria um novo uso subjetivo do espaço seja pelos transeuntes, seja pelos proprietários.

Não obstante o conceito de pichação não pode se restringir a este único entendimento da pichação, onde o ato de pichar é sempre negativo e que portanto deve ser marginalizado. Devemos entender que vivemos em um mundo produzido sobre um sistema de valores e sistema econômico altamente reacionário (que reage a produção do novo) e excludente. Este sistema não produz e nem aceita nenhuma produção nova que não esteja incluída em sua forma já constituída.

Há também uma concepção onde a pichação é uma forma de ganhar status, fama, reconhecimento entre as crews ou gangues de pichadores e outros grupos da rua.

“Hoje ela [pichação] foi pra outro lado que veio satisfazer o ego do pichador de ser conhecido em outro bairro, pela galera e tudo mais.” (LIU)

“Eu expesso nos pixos e no bomb, na minha tag, que eu vou deixar estampada, mas também eu gosto de deixar uma autoria minha, tá ligado? Pra quem vê sabe quem fez foi o Tai, CRZ, mano das antigonas que começou só no pixo, cresceu no bomb.” (TAI)

“ A pichação é importante pra mim por que sinto vontade de fazer minha parada e eu passar lá pra ver de novo, falar foi eu que fiz. Quem gosta de fazer o pixo é conhecido pelo pessoal, se conhecem. Acho que outra coisa é que nós temos que falar, o cara tem que trocar ideia.” (ZETA)

“Não existe pichador que faz seu pixo sem compromisso nenhum, por causa de uma fama, não existe.” (PIRATA)

Percebe-se nestas falas algumas diferentes formas de se entender este reconhecimento do pichador. Na fala de Liu entende este reconhecimento como algo que envolve muito mais uma necessidade de autoestima que supere sua exclusão social como expôs Ramos (1993). Fica claro que como disse Tai é um sistema diferente de status, não para ser exacerbado dentro de uma cultura de ostentação que compreende os valores do sistema capitalista. Este reconhecimento do pichador é algo bastante diferente pois ele não envolve a questão financeira e nem o pensamento de “se dar bem na vida a qualquer custo”. O pichador é reconhecido por sua constante presença na rua, pelo tempo de pichação e pela própria relação dos grupos de pichador, que como disse Zeta, todos se conhecem seja fisicamente, seja no estilo, seja nos relatos orais das histórias da pichação.

Assim a pichação é uma forma de reconhecer alguém que foi marginalizado por sua condição social para que este possa ser admirado como o pichador Liu falou. De certa forma já havíamos discutido esta necessidade do reconhecimento anteriormente com Abramovay (2010) onde ele não é feito pela sociedade capitalista e sim envolve em uma pertença a um grupo de pichadores . Logo o reconhecimento envolve um sistema de valores dos grupos próprios da pichação.

A fala do pichador Pirata talvez queira mostrar que a pichação não pode ser entendida apenas por este viés de ganhar fama pois o que existe é uma necessidade do pichador em se envolver com um grupo de jovens, e como disse Zeta são pessoas que querem falar, trocar ideias e serem ouvidas e vistas. Assim este reconhecimento que ocorre na sociabilidade é importante para o pichador e para o jovem como um todo conforme afirmou Gauthier (2005). Percebemos ainda na Zeta o reconhecimento desta individualidade produzida a partir de uma história de vida com as vivências do pichador. Neste sentido o pichador se faz singular em sua assinatura ao mesmo tempo em que se coletiviza na assinatura do grupo e neste sentido a partir das histórias individuais no coletivo que se produz a cena da pichação que trataremos posteriormente.

Além do reconhecimento que ocorre nestas relações entre os pichadores devemos entender a pichação como um grupo de pessoas (crews ou gangs) que junto com outros pichadores criam um espaço intersubjetivo: a cena urbana da pichação. Assim a pichação é o movimento de construção contínua desta cena, sendo uma responsabilidade de todos pichadores.

“A pichação traz adrenalina, mas é mais um compromisso de ser um dos moleques que levante a cultura. Tem moleque que diz que é por adrenalina, fama, mas pra mim não, é mais compromisso, uma coisa minha mesmo, uma coisa vital pra mim, eu dou a vida pela pichação. Não é apenas para difundir o meu nome, minha tagging, é mais pra levantar os outros da cena, pra fazer os que ficaram se sentir como eu me sinto.” (AONDE)

“Eu busco sempre levantar a gangue, mas também mostrar meu talento pro que são envolvidos e mostrar pra sociedade que a gente está lá e a gente faz parte da população que é acanhada, que é menos favorecida, mas a gente tá lá.” (AONDE)

“Alguns moleques que eram pichador já viraram bandido, já morreram, outro estão aí tranquilos, e tem a moçada da geração nova e sempre está aí.” (GODO)

“Sempre que eu posso ajudar a levantar a cena da cidade, eu faço. Eu converso com a moçada, e saio pro pixo ” (PARADISE)

“Os moleques estão sempre presente, os manos estão sempre na consciência de um e outros brothers, sempre na atualidade do pixo e do grafite, nas comunidades mesmo.” (TAI)

Percebe nestas falas que a pichação é um compromisso que envolve um grupo de jovens que se reúnem com outros para criar um movimento de pichadores de Manaus. Podemos ver claramente a pichação como uma cena produzida esteticamente e como um movimento social no filme *Wild Style* (1983) de Charlie Ahearn e no documentário *Style Wars* (1983) de Henry Chalfant e Tony Silver, que mostram a produção do grafite e pichação na cidade de Nova York. Compreende-se na primeira e na terceira fala a ideia de que pichar não é apenas um ato individual para o reconhecimento, pela simples difusão da assinatura, mas também se picha para que coletivamente possa existir a pichação. Na fala de Godó vemos que esta cena é uma produção e por isto está em constante mudança e renovação. Veremos adiante que a cena da pichação em Manaus também teve suas mudanças com o tempo.

A segunda fala mostra que, além disso, há um direcionamento deste jovem para a sociedade, pra mostrar que os menos favorecidos, como os pichadores, lutam e conseguem seu espaço mesmo que ilegalmente. O pichador Tai fala que a presença dos pichadores reflete não só quando os grupos estão presentes, mas também no cotidiano de cada pichador pelas comunidades e na leitura das pessoas. Assim a cena é formada por pessoas que carregam em si parte desta subjetividade dos pichadores e a utilizam em suas práticas sociais como cidadão.

Neste sentido a pichação é entendida como uma mensagem que utiliza do canal cidade para chegar na população em geral. Por vezes esta mensagem pode ser direcionada para alguma classe social. Assim há esta maneira de entender a pichação como uma literatura social que se utiliza de muros (conhecidos como telas pelos pichadores) em certos espaços para chamar sua atenção. Por ser uma literatura se apropria de uma linguagem própria a pichação se forma apenas quando o espectador nota sua presença e compõe com este corpo que é a pichação.

“O lance da pichação que é mais o que eu trabalho, o tema que você traz em pauta, é uma escrita urbana, mesmo uns querendo ignorar isto. Que para muitos pode ser apenas um ato de vandalismo, sem responsabilidade nenhuma social. Mas para

outros a raiz da pichação, não só em Manaus, mas no mundo todo envolve conceitos que vem para mudar a sociedade." (PIRATA)

“A pichação é importante pra mim por que sinto vontade de fazer minha parada e eu passar lá pra ver de novo, falar foi eu que fiz. Quem gosta de fazer o pixo é conhecido pelo pessoal, se conhecem no pixo. Acho que outra coisa é que nós temos que falar, o cara tem que trocar ideia.”(ZETA)

“Cara, muitas pessoas falam e sai notícias nos jornais que a galera picha e suja, mas tem muita gente que quer saber o contexto da pichação e todos aqueles que querem saber sobre a pichação vão ter que estudar, por que a pichação é um estudo como qualquer um outro.” (LIU)

“A pichação não é uma mensagem pras pessoas entender na maioria das vezes. A pichação não está aí pra vender um produto como fazem os políticos, e sim para lançar a sua ideia.”(PARADISE)

“[...] tem uma passagem na bíblia que fala de uma escrita na parede em que uma mão surgiu do nada no banquete do Nabucodonosor, e escreveu uma escrita que ninguém entendeu. [...] Isto é uma pichação. Então isto tem na bíblia, tem em livros antigos, pois o homem precisa se comunicar, precisa de seus meios pra passar uma mensagem.” (LIU)

Desta forma a pichação é concebida como uma forma de comunicação urbana através dos muros da cidade. Nas falas de Pirata e na primeira fala de Liu vemos a pichação como uma conhecimento pautados em conceitos, valores que devem ser estudados/analísados pelos praticantes e pela sociedade para que através de sua mensagem a pichação possa ser uma forma de mudança. A pichação por si só já é um signo urbano e sua presença cria uma realidade socio-espacial diferente de outra cidade sem pichação. A experiência de estar do centro de uma cidade, pegar de ônibus e andar pelas ruas que conectam este coração da cidade com os bairros lhe faz ver muitas pichações e através dela fazer uma leitura da imagem urbana. Nas falas de Paradise e Liu vemos a concepção de que a pichação também deve conter elementos que não são entendíveis pela maior parte da população onde apenas quem é do pixo se conhece como falou Zeta.

Mesmo assim percebemos na análise fotográfica outros tipos de pichação que utilizam a língua portuguesa para enviar sua mensagem com motivos religiosos, ofensivos, reflexivos, etc. Chegamos enfim em um tipo de pichação que utiliza sua mensagem para protestar e existe como um meio crítico de análise desta sociedade ao invés de só existir como sujeira, vandalismo e destruição.

“A pichação antes era mais pela transgressão. Hoje ela está mais um lance de protesto, já foi aquele lance de gangue, mas foi deixado pra lá.” (GODO)

“O pixo hoje em dia está muito distante do que era antigamente. Hoje em dia a moçada está protestando mais, fazendo vandalismo e tal, mas é o que rola.” (TAI)

“A pichação é isso, veio dos movimentos estudantis, e todo mundo que passou por sua fase escolar pichou, uma cadeira, alguma coisa. Ela foi muito mais forte na época da ditadura quando reivindicavam mesmo [...] Eu acho a pichação um instrumento forte de protesto e reivindicação que é válido, tem que continuar e tem que ser visto como arte, por que é uma letra que ninguém consegue ler, e a arte é isto, não precisa ser bom pra você nem bonita pra mim. Ela precisa instigar o cidadão, e fazer com que um cidadão comum, pense e tente uma nova perspectiva pra vida dele.” (LIU)

“Hoje as pessoas são muito passivas... aumenta a passagem [de ônibus] para 2,75 e fica por isso mesmo. Eu acho que está errado, a galera tinha que jogar pedra, quebrar banco, pichar muro e buscar uma melhoria ” (LIU)

“Agora o lance da pichação que eu tento passar fora a adrenalina, fora o lance da poluição visual, é o lance crítico também, embora muitas vezes eu não escrevo não, mas eu tenho um conceito e se a pessoa for trocar ideia comigo vai ver que não é só isto [...] Era pra rolar mais protestos na pichação, só que as vezes muitos caras estão na adre e não consegue expressar isto aí na hora, é um lance ilegal, e sabe que se for preso tem lei pra isto; outros tem um picho doido, sem conceito nenhum, mas normal quando ele quiser aprender o que é pichação, vai procurar as raízes, os valores realmente da pichação, que não é só depredar prédio, depredar muros, estabelecimentos comerciais como muitos falam, defendem esta bandeira. Não é só isto não. Os conscientes não querem só isto não, eles querem mudança.” (PIRATA)

“[...] se tiver alguma coisa que está desagradando a cidade, como as questões dos ônibus por exemplo, rola um protesto. Nossa arma é a lata, através da lata a gente

joga os protestos na rua e tenta dar uma outra visão que possa mostrar algo. Hoje eu uso mais o pixo como protesto, pensando na mensagem. As vezes a pichação não é um lance meio vandal, e sim uma mensagem muito positiva que a gente procura um lugar estratégico e mandar esta mensagem. O pichador não pensa só em destruir o patrimônio público ou um órgão qualquer, ele bota estas frases para que o olhar das pessoas toquem e que o pobre não pode falar num microfone mas pode falar através do muro. " (GODO)

“Pichação é atitude pois a gente vai na loja de tinta, compra a tinta num valor elevado, vamos pra rua correndo perigo de vida, de pegar tiro, e efetuamos a nossa marca, reivindicação." (LIU)

Este tipo de pichação vem de sua raiz nos anos 60 e 70 no Brasil (na luta contra a ditadura), na França (no levante dos trabalhadores e estudantes) e nos Estados Unidos (nos movimentos dos *ghettos*) como discutimos anteriormente com Carmo (2001), Ramos (1993), Gitahy (1992). Percebemos diversas falas que concebem a pichação como protesto, reivindicação e todos estes pichadores que colocaram estas falas estão há bastante tempo na cena, o que sugere uma mudança de entendimento que como veremos posteriormente passa do vandalismo para o protesto ou para o grafite. Esta ação como crítica libertária dos valores impostos no sistema capitalista foi expressa em cinemas como *1,99* dirigido por Marcelo Masagão (2003), os documentários *Pixo* (2009) dirigido João Wainer, Roberto T. Oliveira; *Marca das ruas* (2011) de Djan Cripta e Luz..*Câmera..Pichação* (2011) dirigido por Marcelo Guerra e Gustavo Coelho entre tantos outros que tiveram lançamento independente. O cinema *Sympathy for the Devil* (1968) do diretor Jean-Luc Godard coloca a pichação como um instrumento de luta junto a guerrilha contra as imposições dos estados autoritários.

De qualquer forma vemos que a pichação pode servir como um meio de reivindicação social, ser também algo que faça a população refletir como falou Liu e auxiliar em uma mudança social como vemos na fala do Pirata. Portanto a pichação além de algo ilegal, inconveniente pode ser entendida como um instrumento de transformação. Quase todos os entrevistados mencionaram na entrevista que a pichação é uma expressão “dos nosso próprio povo do gueto não tem voz” como falou o pichador Godó. Assim não se pode entender que o jovem faz a pichação somente por possuir um sentimento de não-pertença ao espaço urbano e

por isso ele não efetua um cuidado ambiental (FISCHER, S/D). Há um entendimento social e uma busca por uma melhoria na concepção do pichador.

Assim a pichação através de suas mensagens pode ter diferentes fins e pode refletir na realidade urbana. Durante as entrevistas percebemos que alguns pichadores falaram em diferentes tipos de mensagens transmitidas pela pichação.

“Na mensagem que eu picho eu gosto de falar as coisas que estou passando. Tipo no rap, o cara mostra a realidade dele sem querer dar conselho. Mostrar pros outros que mesmo tendo um monte de motivos pra ser triste eu sou firmão, troco ideias com os moleques aqui que gostam de mim mesmo eu não tendo dinheiro no bolso, por que eles gostam é do meu jeito. Eu sou assim por causa da pichação por que se não fosse a pichação estava vendendo droga, tipo aqueles moleques querendo fazer o mal pros outros ” (AONDE)

“As vezes deixo uma crítica, por que todo pichador, todo moleque do bomb ele sempre quer justificar, sempre quer um manifesto de alguma coisa sobre água, telefone, luz, computador, urbanização, etc.” (TAI)

“Eu tenho conversado com muitos pichadores da cena manauara que eu sinto falta da pichação de protesto, de reivindicação. Hoje a galera tá pichando muito por questão de estética, de ego mesmo, ser conhecido em outro bairro, ser falado, ser famoso num meio” (LIU)

O pichador Aonde coloca a pichação como uma forma de desabafo existencial do jovem que tem poucas condições e ainda como uma rede de apoio psicossocial que o auxiliou a não ser alguém antissocial. Como discutiu Gauthier (2005) esta participação coletiva com o grupo de pichadores é algo que envolve elementos positivo embora seja ilegal. Percebe-se nesta fala que a pichação é também uma necessidade de expressão, ou ainda uma tentativa de construção subjetiva. Assim vemos que a pichação sai da expressão do individual para o coletivo, do espaço do eu para o nós-coletivo (FISCHER, S/D).

Nas outras duas falas vemos uma mensagem que protesta contra o estado constituído das coisas e reivindica junto aos representantes e a sociedade civil melhorias. Quando Tai fala

em manifesto demonstra que mesmo ilegal a pichação pode ser uma forma de cidadania que auxilia a uma reflexão dos leitores.

Por ser considerado ilegal a pichação é uma prática bastante discriminada fazendo com que muitas vezes os pichadores sejam agredidos e até tachados de ladrões ou traficantes. Como pudemos ver os pichadores estão ciente da ilegalidade e aquilo que pode acontecer.

“O pixo tem que ser proibido, se for legal não tem graça por que o certo é ter uma emoção, tem que ter um perigo, é vida loca. Quando eu vou pichar pela rua estou vendo que posso ser preso posso pegar uns tapas, mas tou ciente de tudo que pode rolar. Você está lá sabendo o que está acontecendo mas com consciência limpa. Eu estou aqui, sei que pode rolar alguma coisa, se eu no caso cair, tenho consciência limpa. Não vou em julgar. Sei que estou errado e vou arcar com a minha consequência.” (GODO)

“Eu acho que é crime sim e sei que não justifica, mas é pra mim um jeito de jogar minha arma em outra direção, não querer matar os manos, os caras que poderiam ser meus amigos.[...] A minha ideologia não é a melhor do mundo, a melhor ideologia do mundo é quando o cara entra na igreja, tá ligado?” (AONDE)

“O pixo é uma forma de se expressar. Se fosse crime, os caras iam preso[...] Os moleques do pixo e do bomb não tem nada a ver com a violência não, a violência em toda cidade tem.” (ZETA)

“O que mais me influenciou na pichação foi o fato de ser ilegal, por que quanto mais você proibe um lance ilegal na sociedade, mais ela se torna forte, não sei por que isto. ” (LIU)

“Acho normal, beleza, tem que rolar a lei mesmo. Mas se tem que rolar a lei também tem que rolar apoio pra que a pessoa que você poderia conversar e transformar a vida dela não seja martirizada por alguém que não fez nada pra mudar este conceito. [...]O que vai mudar é investir na educação das crianças e dos jovens, por que esta juventude já se perdeu, não adianta” (PIRATA)

Vemos na fala destes pichadores que há uma concordância com a existência da lei mas diferentes posicionamentos frente as consequências dela. O único que não concorda com a criminalização é o pichador Zeta, pois entende que devido a impunidade e a eufemização

pelas autoridades a pichação não é um crime. A fala do pichador Pirata deixa claro a necessidade de incentivo para os jovens no sentido de dar melhores condições para que este possa por si só ser transformador. Esta ideia de que os cidadãos devem ter seus deveres (por lei) e seus direitos (benefícios garantidos) é algo bem propalado pelo estado constituído, no entanto muitas vezes os direitos da população são lesados e caso não sejam reinvidicados serão esquecidos como vemos em nossa cidade. Desta forma a fala comentada mostra um esclarecimento que vai além de ser proibido ou permitido, mas que muitas vezes mostra que o jovem não vê outra escolha ou opção.

O conteúdo da fala de Liu diz que existe o interesse pela pichação pois há uma proibição. Este foi esboçado em outras falas de pichadores no Brasil como nos estudos de Abramovay (2010), Andreoli (2004), Barchi (2006), Ramos (1993). Como expôs o pichador Godó os pichadores sabem que é proibido, sabem dos riscos mas a vontade, adrenalina e “o cheiro de tinta na madrugada” são mais atrativos. A fala de Aonde explica que a pichação ao “jogar sua arma em outra direção” não é tão danosa a sociedade quanto outras práticas. As visitas a polícia, os policiais nos falaram a pichação é um crime brando e para os pichadores talvez seja uma forma de se sentir um contraventor ou um transgressor sem correr tantos riscos. Além disto o pichador também concebe outra forma de sociabilidade que ele acha bom, como fazer parte da igreja, o que mostra outros entendimentos além da pichação.

Vemos portanto que há uma consciência do pichador quanto a ilegalidade da pichação mas que esta não envolve qualquer forma de culpa ou julgamento moral de sua atividade, o que mostra que a ação do pichador não é feita aleatoriamente sem que ele saiba o que está fazendo. A prática da pichação é feita intencionalmente com a participação do pichador em gangues ou *crews* que compõe a cena da cidade.

Esta cena, assim como as pessoas que a compõe, é bastante volátil, tendo suas transformações conforme as concepções dos grupos ou mudanças na composições sociais. Em determinados períodos de tempo a pichação sente mais propícia a acontecer mais ou menos e pode ter períodos de ostracismo em sua produção. Vemos nas falas abaixo indicadores deste movimento constituinte da cena manauara.

“Pichação em Manaus começou em 1999 e quando começou a galera toda embalada pra pichar, era muita gang, muita rivalidade. De 1999 até 2004 foi o alto da pichação, ai deu uma caída. Hoje ainda tem pichação mas se sustenta devagarzinho, não era como antigamente que era ativação total. Hoje quem domina a cena é o bomb e o grafite, a pichação está meio balanceada. O grafite inverteu um pouco a situação, que invés de muitos pegar a lata e pichar, é melhor fazer a arte.” (GODO)

“Na cena de Manaus o pessoal está espocando no Bomb, pode ver que está colorido a cidade e que os caras estão se dedicando ao bomb, o pixo quase não se vê mais em Manaus.[...] Tem uns [pichadores] que chegam queimando o cara e o pessoal não gosta não. Eu não sou de gang não, sou gangster” (ZETA)

“Agora a cena de Manaus é mais bomb que pixo, mas não é pra qualquer um.” (AONDE)

“Aqui em Manaus a pichação em 2011/2012 em termos de impacto visual a pichação destacou bem, faltou mais uns protestos que tem que rolar.” (PIRATA)

“Eu estava parado por um tempo sem pichar. Em 2010, a galera tava espocando no pixo e eu senti a cena me chamar pra participar e fui nessa. Depois deu uma parada e estou sem pichar, só trabalhando, mas se eu sentir que a pichação está fervilhando eu volto também”(PARADISE)

“Aqui em Manaus é o lugar mais dinâmico, imperativo pra se efetuar este trabalho, todo mundo se conhece, todo mundo convida os outros pra pintar no seu bairro e lançar uma ideia. Aqui a cena é muito boa e muito forte, todo mundo se conhece, compartilha da ideia e todo mundo tá indo na mesma vibe, graças a Deus.” (LIU)

Nestas falas percebemos bastante elementos desta dinâmica da pichação em Manaus e vemos principalmente que ela está em constante mudança. Primeiramente vemos na fala de Godó (que pertence a antiga *crew* Van) que a pichação no começo dos anos 90 envolvia muita rivalidade entre as gangues. Hoje em dia continua existindo muitas *crews* de pichadores como MS, SPM, MD, FNC, GF, TMS e tantas outras mas não há uma guerra entre elas como existem em outras cidades como Brasília conforme mostrou o estudo Abramovay (2010) que mostrou inclusive rígidos códigos de conduta seguido pelos participantes das gangues prezando pela fidelidade ao grupo.

Como vemos na fala de Liu (que pertenceu a VC_Voyage Crew) que há uma vivência coletiva e não competitiva da cena, onde os pichadores são amigos, tem uma humildade e respeito pelos outros, inclusive convidando-os para pichar em seu bairro. Esta atitude é parecida com a que acontece em São Paulo, onde Pereira (2010) estudou o itinerário dos jovens que se reúnem no centro da cidade e se envolvem para pichar, e convidam para conhecer outros bairros. Desta forma a cena envolve diversas formas de sociabilidade que se modificam com o passar do tempo. Há na fala de Zeta um certo desinteresse em participar de uma gangue e um aborrecimento que é queimar a pichação de alguém, ou seja, estragar o trabalho do outro riscando ou fazendo outro por cima. Desta forma mesmo como não há uma guerra entre pichadores ou gangues há alguns conflitos e qualquer desrespeito a esta ética da cena é vista com maus olhos.

Em várias falas como a de Aonde (da MS_Mundo Sombrio) vemos a afirmação que a pichação esteve mais devagar neste ano de 2012 e que o bomb, híbrido da pichação e grafite está mais forte. Realmente percebemos na cidade uma presença de diversos bombs, inclusive vemos vários sendo feitos a luz do dia pois por ser mais colorido, muitos logo o associam ao grafite. O bomb é um estilo que atualmente domina a cena europeia, e as gangues são consideradas inimigos públicos sendo procuradas pela polícia. Em Manaus esta transição temporária do pixo para o bomb é bastante perceptível, mas que não impede que haja uma cena paralela de pichação ou a criação de uma nova cena separada.

A fala de Paradise (da crew Van) mostra muito bem os movimentos transitórios da cena da pichação que como um elemento vivo em dinâmico compõe e é composta pelos pichadores. Na verdade é uma subjetividade engendrada socioespacialmente que mostra que não são somente *affordances* ou apropriações que move os pichadores, mas a cena subjetiva produzida coletivamente na quais os indivíduos se entremeiam com o grupo em uma construção dialética. Estas fases da pichação ocorrem de acordo com o quadro subjetivo composto pelos pichadores junto com a cidade. O estudo de Gitahy (2002) mostra que a pichação em São Paulo passou ao menos por cinco fases.

Sabemos também da presença da pichação no Brasil desde a década de 60 e na cidade de Manaus (através de um relato de um ex-pichador) no fim dos anos 70, quando já haviam

pichadores e algumas gangues como a T-onda compondo a cena manauara. O que é interessante assim como tratou Abramovay (2010) é que estes movimentos acontecem invisivelmente na sociedade em geral, não devido a pichação ser predominantemente noturna, ou desinteressante, mas pela própria prática ser feita fora do estipulado socialmente.

Por fim vemos nas falas abaixo a humildade que acontece na cena manauara, assim como outros locais, onde esta se renova e os mais velhos acolhem os novatos sem buscar uma superioridade já que o reconhecimento da importância dos mais antigos em geral é consensual.

“Hoje quando começa um moleque novo, eu não tiro não, sabe por que? Por que eu não gostei quando me tiraram, e quando chega um moleque novato eu falo: “E ai mano, firmeza total?” (AONDE)

“Já topei com pichadores mais jovens na rua que pediram pra assinar o caderno deles, por que estavam com pensamento daqui a alguns anos fazer um registro da pichação em Manaus, então eu acho que isto é um estilo de vida por que eles não estão aí só pra riscar, pra sujar, pra poluir, eles estão numa perspectiva de conhecimento, de história mesmo. Isto é fantástico.” (LIU)

Percebe-se na fala de Aonde que há um entendimento quanto o respeito a todas as pessoas da cena inclusive as mais novas. Isto se dá por um entendimento que ele teve a partir de sua situação desagradável que ele vivenciou e que hoje possui uma concepção diferente dos veteranos de seu tempo. Já Liu se entusiasma com a renovação e interesse dos mais jovens que buscam conhecer a história da cena, e que valoriza também o antigo. Mesmo assim não notamos nenhuma superioridade em sua fala, ainda mais por ele achar fantástico a iniciativa dos mais jovens.

Este tipo de humildade foi descrito na cena paulista por Pereira (2010) que enfatizou que o pichador demonstra no cotidiano sua humildade focado não partindo da condição social, mas que este comportamento com não pichadores pode gerar alguns benefícios como entrar no ônibus de graça, ou conseguir um dinheiro. Além disso o Pereira (ibid) ainda explicita que é comum em São Paulo todos os pichadores andar com uma folha de papel onde eles trocam assinaturas e que os pichadores mais antigos da cena demonstram interesse e humildade em

conhecer e assinar as folhas do mais novo. Neste contexto vemos uma união que é positiva dentro dos grupos de jovens pichadores e como explicitou Gauthier (2005) mesmo sendo uma situação ilegal pode criar algo positivo, onde todos estejam “na mesma vibe” como explicitou Liu.

Constatamos então que a pichação possui diversos significados a partir da prática dos jovens. Agora veremos um pouco sobre quem é o pichador, suas motivações, relação entre sua prática e a juventude. Desta forma trataremos a partir de então do sujeito que pratica o ato da pichação.

Primeiramente devemos discutir quem são estes jovens pichadores que arriscam suas vidas na ilegalidade para deixar suas mensagens e modificar a dinâmica espacial nas cidades. Os encontros que tive com eles propiciou conhecê um pouco, sobre seus costumes e suas concepções que foram ampliadas durante a entrevista. Primeiro os pichadores que entendem sua prática como uma transformação, um ativismo, um conceito diferente.

“As pessoas pensam que o pichador está lá por que não tem nada o que fazer na vida, que não trabalha, só dorme e de noite sai para pichar, tem que se entender mais o contexto para falar disto” (AONDE)

“O pichador é um cidadão comum como qualquer outro, mas é diferente pois é um cidadão instigado, que não aceita determinadas leis, ou regras impostas pelo sistema, e com uma lata de spray busca uma melhoria [...]A gente é ativista, a gente é pichador, tem orgulho disso, não abaixa nossa cabeça e o que pudermos pra transformar a cidade vamos fazer ” (LIU)

“A gente está na rua, a gente não quer ser reconhecido pela mídia, não quer dinheiro, a gente quer lançar a nossa ideia . A gente não abaixa nossa cabeça e o que a gente puder pra abrir a cabeça da sociedade a gente vai fazer. ” (PARADISE)

“Como pichador eu sinto parte da mudança, mas em certo ponto não. A gente deveria se organizar mais a classe e fazer alguns protestos, nas Assembleias, na prefeitura, nas câmaras, ou com o apoio de alguém, pois se não tivermos esta possibilidade física sempre tem alguém que pode nos ajudar, por que todo mundo unido vence. E está rolando um pouco esta falta de união. ” (PIRATA)

Vemos nestes posicionamentos destes pichadores antigos na cena manauara que colocam a pichação como uma ação de interesse social e que podem auxiliar na transformação social. A primeira fala mostra um fato verdadeiro que o pichador não é um desocupado e vândalo. Pelo contato que tive com pichadores, inclusive com os que não entrevistei percebi que estes “cidadãos comuns” tem sua ocupação, vencimentos e pagam imposto como todo mundo, a diferença é que usam seu tempo livre na pichação. Dentre os pichadores há estagiários, motoboys, comerciários e inclusive vigilantes. Ao menos três dos jovens que conheci exerciam esta função. Por mais contraditório que possa parecer esta combinação de contraventor e vigilante entendemos que isto não se diferencia no sistema capitalismo da necessidade de troca entre trabalho e salário ao invés de uma vontade de fazer aquela função. Daí é necessário “entender este contexto da pichação” onde independente da área de atuação ou rendimento, o pichador escolheu esta forma de atuação e como veremos há diferentes visões sobre isto.

Na fala de Liu vemos que este cidadão comum que escolhe a pichação é também um ativista que usa a pichação de protesto como reação ao constituído e como uma tentativa de mudança através da conscientização. O que Paradise disse complementa este pensamento e coloca o pichador como alguém que não busca fama na mídia e que pretende auxiliar a sociedade se posicionar e fazer com que haja uma união para realizar a mudança como diz Pirata. Vemos que esta concepção mais social da pichação prevê através do uso da mensagem de protesto alcançar a sociedade e auxiliar na mudança diversos valores estabelecidos que não beneficiam a população. Desta maneira notamos que a pichação podem ser expressa como vandalismo, forma de reconhecimento, envolvimento coletivo na cena dos pichadores, de literatura social, protesto, prática ilegal.

Mas qual outro significado e concepções estes jovens possuem como pichador além de alguém interessado na transformação social? Neste próximo item comentaremos a relação do pichador e a imagem que ele possui do ambiente urbano como expõe Lynch (1999) e Fischer (S/D). Vemos algumas colocações que trazem outras noções sobre quem é este pichador.

“Acho que o pixo está no sangue, o cara pode dar um tempo, mas não para. Sentir o cheiro da tinta na madrugada, na calada da noite, sente que vai dominar a cidade, por

que nada pro pichador é proibido, nada podem nos impedir de fazer com a lata " (TAI)

“Os moleques da pichação estão aqui aí chega um cara de Hilux, não dá nem boi. Mas quando chega o Plink com uma caixa de bombom, andando de Havaianas, a moçada: Moleque aquele ali é o Plink, tu é doido? É outro pensamento. Enquanto a maioria pensa em status, eu não, vou mais pela minha ideologia, tá ligado? Que é fazer mal na casa dos outros.” (ZETA)

“Pichador tem que ser um louco consciente. Eu estou aqui, sei que pode rolar alguma coisa, se eu no caso cair, tenho consciência limpa. Não vou em julgar. Sei que estou errado e vou arcar com a minha consequência. Não é ir pela cidade fazendo loucuras que depois você vai pagar. Tem que saber o que está fazendo, o porque está pichando. Sabendo que vai rolar coisa que não se espera.” (GODO)

“Por que pichador é muito criticado, não só pichador, mas grafiteiro, qualquer artista de rua é muito marginalizado diante dos olhos dos que deveriam levantar a cultura, tem um lance cultural em todas cidades, mas aqui em Manaus, os caras tem a mente muito fechada pro lance da cultura. Se fecharam e é por isso que você vê diversos resultados em vários bairros, adolescente querendo subir na vida de maneira errada entendeu? Eu não culpo ele não. Culpo o poder que tem a possibilidade física para mudar o conceito deste jovem e não faz, acaba que todo mundo fica sofrendo por este abandono social-cultural.” (PIRATA)

Vemos algumas ideias diferentes daquelas expostas anteriormente. Na fala de Tai vemos o pichador como um desbravador das noites que é atraído não só pela adrenalina do ato em si mas também pela proibição deste. O fato de a pichação ser feita a noite e de transgredir os limites espaciais visíveis e invisíveis dá ao pichador uma diferenciação ao resto da população dando uma ideia que a noite ele é quem domina a cidade e este controle ficará claro no dia seguinte quando a pichação mostra que alguém burlou a ordem e este onde não era permitido estar como explicou Nandrea (1999). Isto fortalece a ideia de Ramos (1993) em que a pichação é uma reação a exclusão social e como veremos em uma fala adiante pode ser entendido como “bateu, levou”.

O entrevistado Pirata mostrou que o pichador é um incompreendido e cujo a prática pelos jovens ocorre devido a outras alternativas de eles produzirem e exporem seus talentos.

Há uma forte crítica aos representantes que esquecem o povo e não procuram um desenvolvimento social e cultural pela população. Esta concepção busca mostrar que a prática ilegal destes jovens também tem um reflexo da desigualdade social que eles sofrem e os deixam muitas vezes sem opções nem saídas. Assim como ele já havia dito tem que haver a lei, mas também incentivo. Isto tem certa coerência pois percebe-se em países que passaram por um desenvolvimento social e deram oportunidades para os jovens houve uma grande participação e avanço social, diminuindo indicadores negativos e incômodos como na experiência relatada por Gauthier (2005).

O pichador Zeta glosa que o pichador é uma pessoa que possui um sistema de valores diferentes da maioria onde no pixo que interessa não é o dinheiro, o consumo, o status, mas a simplicidade e ato transgressor. O estudo de Pereira (2010) mostra bem esta construção da história dos jovens pichadores a partir de sua escolha em participar de um grupo e que não julgam errado muitas vezes o que fazem pois tem esta concepção diferente de valores. Percebemos que os pichadores acreditam que a cena da pichação é um sistema diferente e único, sendo que nunca ouvimos termos já constituídos como “nós somos uma família”, ou uma escola ou uma seita. Ser pichador implica em se envolver em uma subjetividade composta de diversos valores deste grupo.

Na última fala o pichador Godó mostra que o pichador deve carregar dentro destes valores a consciência do que está fazendo. Já vimos que a maior parte dos pichadores entrevistados concebem a ilegalidade do que fazem e se sentem atraído por ela. De certa forma há nos pichadores mais antigos uma racionalidade como disse Godó de saber o que está fazendo e não buscar fazer loucuras de qualquer jeito apenas pela adrenalina. Falaremos posteriormente desta maturação do pichador.

Os significados de cada pichador carrega uma história de vida na pichação e esta é importante para entendermos melhor as motivações do pichador, uma vez que mostra escolha por se tornar um jovem pichador e os interesses. Portanto abaixo vemos como estes pichadores começaram e o que os atraiu pela pichação.

"Comecei com 17 anos com os amigos, a gente sempre rabiscava os cadernos, dava uns pixo no banheiro do colégio, na sala, aí fui me

interessando e percebi que tava gostando disto [...] comecei dando um role pelas ruas deixando minha marca registrada pelas paredes onde achava que meu pixo ia dar um visual, todo mundo ia ver, e que desse um impacto diferente na cidade. Eu via os pixos do pessoal das antigas e queria que eles vissem que eu também estou na ativa e que tem mais um moleque novo nas paradas." (GODO)

“Começou por que eu via meu irmão fazendo, e ele era mais velho que eu, era da onda, e desde pequenininho eu queria ser aquele cara que andasse na rua e todo mundo “ E aí...” Só que não dá pô. O cara nasce na favela, não é boqueiro, não é playboy, então não tem como ter aquela moçada assim admirando ele. Aí eu via o PET, que era muita onda. Ele chegava de longe e a moçada chegava “Ei PET, e aí”. Quando eu vi isto eu pensei: quero ser que nem este moleque aí. Aí meu irmão começou a fazer e quando eu vi pela primeira vez eu passei mal: Moleque é isto que eu vou ser.2001... passou quantos anos? 11 anos depois eu consegui moleque. " (AONDE)

“Eu andava de skate e uma vez ele me chamou pra fazer. Eu sabia que ele fazia e nós começamos a fazer e até hoje eu fiquei, por que estes moleques que começaram comigo até pararam já, e eu fiquei por que eu gosto, por que se o cara não gostasse de fazer o vandalismo(...)Quando eu comecei a pichar eu pichava de dia na tora mesmo, eu era molequezinho já ia pra rua, mandava a pichação depois eu comecei a pichar de noite e comecei a vir pro Centro, pra aqui, aí já foi outra visão de sistema " (ZETA)

“A pichação no começo foi por um acaso, mas depois ela foi criando conceitos, revendo certos valores e foi indo. Eu comecei o lance da pichação como um protesto, tinha uns caras que protestavam e eu comecei a ter outro olhar pra esta causa, um lance da escrita urbana. Ai eu acabei tendo que ir pra rua também e começar a expressar um pouco do meu cotidiano, do que eu quero como mudança, não é só pra mim não, por que sempre tem gente querendo apoio para também adquirir esta mudança. Sempre o que me influenciou foi a oportunidade de protestar.Primeiro que quando eu era adolescente eu trabalhei na Assembleia e via o lance dos deputados darem rasteira no povo. E este barato acaba chateando a gente. Cadê a humanização com o povo? " (PIRATA)

“Quando eu cheguei tinha 13 ou 14 anos pra meter a cara, meter um pixo,

que começou com um desenho, um risco no caderno. Nesta época que comecei a meter o desenho e o skate também no pé e aos 15, 16 anos era o Tai da FU [Facção Urbana], o Tai CRS [Criativos] quando fui aparecendo na mídia popular da molecada do pixo e do grafite, do carrinho, do desenho, de caderno, dos moleques das escolas..." (TAI)

"Eu comecei nesta década de 2000, eu estudava na 4ª série em 2001 mais ou menos e tinham alguns alunos que estudavam aqui no centro na minha classe que traziam algumas letras pichadas, uns rabiscos no caderno da Zona Leste. Eu sempre gostei muito de desenhar, eu vi e achava o maior barato. " (LIU)

Nestas diversas falas vemos diversos elementos que motivaram estes jovens a se tornarem pichadores. Há também a influência dos amigos que também desenhavam na época da escola e passaram para a pichação. Esta forma de agrupamentos é bastante comum na sociabilidade juvenil e criando um sentimento de pertencimento bastante positivo mesmo que seja na ilegalidade conforme mostraram os estudos de Gauthier (2005) e nos trabalhos sobre pichação de Andreolli (2004); Barchi (2006); Correia (2005); Kessler (2008); Pereira (2010;). Desta forma a pichação se dá em um espaço escolar ou da rua como uma forma de descoberta na relação o espaço a partir do envolvimento com o grupo de jovens.

Na fala de Godó vemos a necessidade de ser visto pelo grupo, mostrá-los que ele está ativo. E também uma necessidade de dar no espaço urbano uma modificação, mesmo que esta ainda não tivesse um conceito mais elaborado. Isto está ligado a uma pichação como forma de literatura social, que usa os muros para uma comunicação. Além de querer que outros vejam sua pichação é interessante notar que já se pensa em um elemento visual, uma forma de expressão onde o espaço é levado em conta e estudado antes de fazer a pichação. O pichador Aonde demonstra uma grande vontade, que aparece através de sua identificação, se ser reconhecido e respeitado porém devido a sua condição social um dos poucos meios que sobram é pela pichação. Esta condição presente hoje lhe alega pois foi uma forma de realizar um sonho antigo e batalhar para ser reconhecido e respeitado dentro de um grupo. Isto também ocorre devido a grande ausência de atividades onde os jovens possam se sentir produtivos socialmente. Como já discutimos há um grande desinteresse do governo e até da sociedade civil em criar formas de participação social . Como glosou Gauthier (2005) os

jovens ainda ficam mais excluídos da participação uma vez que são considerados improdutivos para o sistema capitalista já que nãoque não podem gerar renda e nem poder escolher os representantes políticos.

Como falou anteriormente o pichador Pirata não adianta condenar o pichador pois não é criado outras oportunidades de o fazer cidadão e lhe mostrar que sua importância dentro da sociedade vai além da pichação. Nesta fala Pirata mostra que ele já começou buscando um protesto contra a desumanidade dos representantes do povo e da situação difícil que este passa em seu cotidiano. Assim a pichação é uma forma de reação, mas também pode ser uma leitura e oportunidade de “fazer a diferença”.

As falas de Tai, Liu e Zeta mostram o fascínio que esta atividade tem em uma produção sempre inconstante como a juventude. Este interesse pelo desenho, pelo grupo que se transforma em uma prática social é uma das motivações dos pichadores. O pichador Zeta explicitou em diversas vezes que o pichador passa a gostar cada vez mais e por isso persevera nesta prática; e comentou também sobre a mudança que teve ao passar a pichar de noite que ocorreu provavelmente por já ser mais velho. Esta escolha pela noite conforme falou Pereira (2010) existe pra tornar o pichador ainda mais com uma aura da invisibilidade pela sociedade, mas que deixa uma marca. O pichador também passa a se sentir diferente dos outros que dormem enquanto eles ocupam a rua e sentem que a dominam.

Todavia mesmo com toda esta vontade e disposição muitas vezes os pichadores sentem medo de sua prática pois sabem dos diversos riscos que correm.

O cara pichador as vezes fica cabreiro, quando a gente vai pichar a gente não vai drogado, a gente vai com mente limpa, toma uma biritazinha pra ficar tranquilo, mas quando vê a altura, na madrugada, na noite é fogo.“ (GODO)

“Quando eu estou pichando eu fico com medo sempre, mas não tem como explicar. Já rolou muita treta... em todo lugar rola isto e é assim que é ser pichador. "(AONDE)

Percebemos que a própria situação que o pichador se envolve trás uma possibilidade de falhar, podendo inclusive causar um acidente fatal como já ocorreu com diversos pichadores em Manaus. Assim há necessidade uma grande atenção na contradosagem da adrenalina, e como Godo explicou tem que ser “um louco consciente” para que não se crie ainda mais problemas para aqueles que já são considerados um problema social para a legislação.

E ainda que haja estes riscos, medos, possibilidade de acidentes, de sofre violência policial, de ser extorquido, o pichador está na rua por diversos motivos. Então percebemos uma série de motivações nestes jovens que praticam a pichação.

“Eu faço isto aqui por que é o que me faz mover, tá ligado? Eu sei que o cara precisa de dinheiro, mas andando com os vagabundos que eu conheço com Tai, com Cat, tá ligado? Eu sou da Zona Sul, e tem moleque de lá que não pode sair do bairro, mas eu ando Manaus todinha, Zona Leste, Zona Oeste.”(PARADISE)

“Busco também mostrar meu talento pro que são envolvidos e mostrar pra sociedade que a gente está lá e a gente faz parte da população que é acanhada, que é menos favorecida, mas a gente tá lá. A gente apanha falando, não fica calado. Eu sei que tem cara que gasta assim 100 paus na tinta dele, mas não é pra fazer mal, é tipo uma reação, tipo um reflexo quando alguém dá um soco, bateu levou.”(AONDE)

“O pixo é ter uma emoção, tem que ter um perigo, é vida loka. Se for legal [por lei] não rola isto, não tem graça, é apelação; o pichador não se agrada com isto, pois o pichador mesmo é o que atrai pela madrugada, é o perigo.” (GODO)

“O que me atrai é eu mesmo me desafiar. Num primeiro momento posso achar impossível, mas depois olha e pensa: “Se eu conseguir através do meu esforço vai ser uma superação sobre as minhas dificuldades” (PIRATA)

“E eu me sinto um ativista e o que puder fazer pra mudar alguma coisa e dar força pra galera continuar e buscar uma mudança também, por que isto é valido e influencia bastante na nossa sociedade por que está aí, o caos, a poluição, não se investe em saúde e educação e a gente está aí pra cobrar isto da sociedade mesmo” (LIU)

“Eu faço meu picho quando dá, quando tenho dinheiro quando dá vontade e as vezes tu tá com vontade de fazer num dia, e no outro tu acorda sem disposição pra fazer. As vezes o cara fica dormindo... ao menos estou na rua fazendo alguma coisa.” (ZETA)

“Eu me sinto mais um cidadão, morando na cidade manauara que precisa de várias mudanças e nós também precisamos evoluir e mudar junto com a cidade. Mas fora isto pichação é nosso divertimento, nossa adrenalina, escalada, pixo embaixo de bonde, pixo em carros” (TAI)

Entendemos que nestas falas o que os levam a pichar e percebemos que há diversas motivações que compõe a singularidade de cada pichador. O pichador Paradise demonstra um espírito de liberdade ou aventureiro de poder andar e conhecer pessoas e lugares em toda cidade. Além disso fala que é isto que lhe “faz mover”, o que demonstra que a pichação é algo que lhe faz sentir produtivo, que lhe fornece forças. Nesta perspectiva Barchi (2006) diz que a pichação toma um grande aspecto da vida destes jovens e que muitas vezes os fazem diferentes de outras pessoas. Já Pereira (2010) comenta desta motilidade dos pichadores pela cidade que se encontram no centro e andam por todos os bairros para pichar. Percebemos então que esta atividade é algo que é tomada como importante na vida do pichador que encontra na cultura de rua sua forma de colocá-lo em atividade, algo em geral não é possível devido a passividade social (como falou anteriormente o pichador Liu) e exclusão dos jovens da produções coletivas.

Já para o pichador Aonde a pichação é uma oportunidade de expor e mostrar a todos que uma pessoa menos favorecida está presente expondo esta exclusão, ou ainda como em uma fala anterior deste, fazer com que alguém que não tem condições, “nasce na favela” possa ter visibilidade e ser reconhecido. Desta forma que Nandrea (1999) e Ramos (1993) mostram que ele age em um espaço em que é excluída a sua participação e é tida geralmente como uma invasão do espaço urbano (principalmente nas áreas mais “nobres”) ou como expõe Fischer (S/D) uma apropriação selvagem dos espaços. Todavia Aonde coloca algo mais profundo quando concebe que um dos motivos que o levam a pichar é a reação a sua exclusão social. Desta forma tem-se a pichação como uma resposta ao estímulo da exclusão social onde o pichador acha sua voz nos muros e de certa forma se vinga de quem eles creem ser

responsável desta desigualdade. Há uma oportunidade também de crescer dentro da pichação ao mostrar o “talento” e ser reconhecido pelos outros do meio.

Por sua vez Godó mostra que sua motivação é pela adrenalina e pelo proibido. Ele utiliza uma palavra muito usada no rap e na cultura de rua, "vida loca" que reflete os 'submundos' das diversões proibidas, da falta de oportunidade, das aventuras urbanas, dos valores da cultura e expressões da periferia. Percebemos ainda a atração pelo perigo que a madrugada traz e que mescla a ideia da cultura suburbana, em lugares onde "não há lei" e onde se produz suas próprias regras. O pichador se agrada com o proibido e isto fortalece a noção de que há uma força de sua ação sobre o descontrole da ordem social. Assim compensa para estes jovens, que muitas vezes morrem pichando, o risco que correm nesta transgressão. E este conhecimento dos riscos e das dificuldades que levam a esta superação que Pirata comenta, onde o pichador busca a “eternidade” de seu pixo e de si nos locais menos propícios, fazendo com que ele se supere.

Liu já mostra que o que lhe motiva é uma necessidade de transformar o caos produzido nas grandes cidades a partir do crescimento desordenado na hiperurbanização (CASTELLS, 1983). O pichador como Liu concebe é um ativista que se motiva em transformar a realidade através da pichação, assim ele expõe o entendimento que a pichação possui uma forte influência na sociedade. Sabemos que ele está falando do pixo de protesto, ou como colocamos na categorização fotográfica um tipo de pichação reflexiva (denotativa). Mais uma vez vemos a pichação como uma forma de exposição e cobrança das autoridades constituídas a partir dos diversos indícios de desigualdade, e que este pichador ativista expôs durante a entrevista seu descontentamento com a saúde, educação, falta de saneamento, falta de acesso a educação, cultura, acesso a internet e a bibliotecas, etc.

Zeta mostra que o pichador tem duas motivações básicas para que sua pichação seja realizada: o dinheiro para comprar o spray e a disposição para sair de casa e pichar. A questão financeira realmente existe e sabemos que estes pichadores são assalariados e cujo os rendimentos criam uma forma de vida bastante difícil. E obviamente em uma sociedade regida pelo modo de produção capitalista é necessário para boa parte das ações a existência do capital para que haja cada vez mais o consumo. Já o segundo quesito envolve a volição de se

aventurar nas noites da cidade, e como qualquer outra atividade exige disposição. O estudo de Pereira (2010) discute esta disposição do pichador que muitas vezes preferem ir para rua seguindo seu desejo de produzir. Percebemos também que na cena manauara, muitas vezes algum pichadores que "faltaram os encontros no Centro" falarem que não estavam dispostos, ou tiveram um compromisso como um encontro com alguma garota.

Esta disposição também é mostrada na fala de Tai que mostra que pichar é uma diversão e exige certa disposição física para o mesmo. Além disso vemos uma motivação de transformação da cidade e de si através da pichação, onde este jovem se envolve em um grupo e pretende ter experiências diferentes das que tem em casa e outros ambientes como discutiu Abramovay (2010) e Gauthier (2005). Esta evolução ocorre dentro da pichação, onde a partir das experiências se adquire novas experiências, conceitos e se espera uma evolução e reconhecimento dentro da cultura de rua. Assim como demonstrou Andreoli (2004); Gitahy (2002); Pereira (2010); Ramos (1993); Sales (2007) a pichação é tida pelos pichadores como algo temporário da juventude e que tende a evoluir para outras formas existenciais ou para a arte do grafite. Muitos pichadores que pude conversar ou entrevistar esperam adquirir seu reconhecimento na pichação e posteriormente entrar no grafite, buscar outra área para se destacar, ou ainda as responsabilidades que se impõe. Vemos esta mudança dos pichadores a partir de algumas partes da entrevista.

"No tempo de moleque, de garotão não queria saber de nada, o cara vai na onda. Hoje não, é outra cabeça, outra visão, tou mais tranquilo. Hoje minha mente está mais aberta, se eu tiver com uma lata na mão e ver que dá pra eu dar um pixo, eu dou, pra registrar, não estou como antigamente que eu que tinha que dar o pixo mesmo, era como uma febre. Agora tem a família, a coisa fica mais séria, tem que pensar em um futuro mais pra frente, a pichação fica mais um hobby diferente de antigamente que se tinha que levantar a gangue, hoje eu faço por mim, se der pra eu fazer eu faço."(GODO)

"Hoje eu pixo, mas não piro muito em pichação não, por que já morreram se eu não me engano cinco moleques por causa de pichação aqui em Manaus, os caras matam mesmo[...]A tendência do cara é evoluir, se você for começar bacana e for diminuir não vai" (ZETA)

"Eu comecei no pixo, e hoje em dia pixo mas eu já meto um bomb art, que é a evolução do pixo e daqui uns dias quem sabe um grafiteção e tal." (TAI)

"Eu sou pichador, sou grafiteiro e espero amanhã ser artista plástico" (LIU)

Há uma certa mudança de atitudes e concepções na fala de Godó durante o tempo em que foi pichador. No tempo da escola sempre estava disposto a correr riscos mas atualmente por estar passando por outra fase na qual já possui uma esposa e vislumbra outras coisas para sua vida. Percebe-se que há interesses e motivações diferentes nestes dois períodos, onde no início a pichação era algo essencial na sociabilidade com o *crew* e era motivado a pichar pela adrenalina, pela fascinação em ser pichador, pela relação com o grupo, mas que atualmente aquela "febre" que é a pichação diminuiu e já há outros pensamentos, interesses e responsabilidades. Esta mudança se dá tanto pela mudança na vida pessoal quanto em outros entendimentos da relação do pichador com espaço. Para que se perceba este entendimento dinâmico da pichação para o jovem é necessário que se compreenda a vida e suas vivências de uma forma mais ampla, sem que esta seja dividida em etapas pré-estabelecidas e seja vista de maneira contínua como expôs Dayrell (2003,2004).

Na fala de Tai fica claro que estas vivências criam constantemente outras formas de produção e pensamento. Quando ele fala em evolução esta só ocorre a partir de novas concepções adquiridas socialmente. Como explicou Dayrell (2004) é possível desenvolver certas potencialidades e não outras de acordo com as relações intersubjetivas que ocorrem entre o sujeito, as relações sociais e o meio físico em que se insere e que produz o que a teoria de Kurt Lewin chama de espaço vital (LEWIN, 1936 APUD BLEGER, 1976). As mudanças neste espaço vital modificam os conceitos e comportamentos, como por exemplo as mortes que ocorreram na pichação e que proporcionaram uma mudança de ação e de valores. Isto ainda revela o aumento da violência da cidade e a intolerância contra os jovens que pratica pichação.

A ideia desta evolução também aparece nas falas de Zeta e Liu mostrando que a pichação como expressão por si só se (re)organiza e faz com que se transforme a partir das vivências. Por isso não temos um entendimento da juventude como uma crise de identidade tal qual desenvolveu Erikson (1972), pois mesmo que esta seja temporária, não engloba uma

análise mais ampla. A pichação não provém de uma crise onde o jovem busca apenas a auto-descoberta para depois poder agir socialmente. A pichação é uma ação social que posteriormente pode evoluir para o grafite ou não. Daí percebemos a importância de conceber a vida como estática ou ainda com uma divisão preestabelecida. Isto mantém equívocos teóricos que se tem em relação a vivência dos jovens, que como explicou Dayrell (2003) é concebida erroneamente como um tempo de liberdade, irresponsabilidade, hedonismo e desinteresse social. Vimos em diversas falas destes jovens preocupações e entendimentos sobre os mais diversos problemas sociais e que a pichação pode ser, caso o pichador a direcione assim, uma forma de protesto e contestação.

Vemos também nestes jovens sentimentos de alacridade em suas práticas como pichador que o fazem ter grande afinidade com este uso socioespacial do ambiente.

“Quando se picha o cara tem que colocar sua tag, é a assinatura do cara. O cara tem que se expressar a nossa parada na tela. Tem uns que fazem um personagem, mas a minha é letra, eu gosto de fazer letra, mas tem um estilo wild style, o bomb, o bombardeio, embolado, 3D também, tem vários estilos.” (ZETA)

“A gente cresce, tem o conhecimento do pai e mãe, mas quer uma identidade própria, e não ser reconhecido pelo nome de sua família, mas pelo que a gente faz, que sabe fazer ” (LIU)

“Uns queriam ser mais doidos queriam riscar em cima, outro riscavam em baixo, outro já metiam esticado. E cada pixador busca isso, quanto mais forte ele deixar seu risco mais ele cria um estilo.” (PARADISE)

“Pra mim, que sou pichador e grafiteiro, hoje prefiro valorizar mais o meu nome no grafite, dou mais valor pro lance de grafite, que também está mais ligado no lance do hip-hop do que o pixo. Então pra mim hoje é um lance mais artístico. Pra mim eu jogo o pixo como uma mensagem e não com o meu nome, por que ele eu faço no grafite.” (GODO)

Uma forma de individualidade é expressa a partir do nome que o pichador adota e que gera uma tag, ou assinatura que ele deixa nos muros com ou sem outros dizeres. Com isto se cria algo bastante comum na virtualidade: um *alter ego* que auxilia na produção de experiências diferentes do cotidiano. Percebe-se também que cada pichador além produzir sua

tag ou desenho (em alguns casos em que a tag é um desenho ao invés da escrita do nome) tem uma forma de expressão que é o estilo e que na pichação fica evidente da escolha que este faz como expuseram Paradise e Zeta. Isto também demonstra que mesmo muitas vezes utilizando uma forma de vandalismo, o pichador está difundindo uma parte de sua criação como jovem, que talvez não ocorreria se fosse utilizado outros meios. A escolha de continuar sendo pichador é algo que Liu coloca como uma identidade que vai além daquela passada pelas vivências familiares já que depende apenas da volição e ação. Contudo como discutimos, com o tempo esta identidade podem se modificar, como vemos na fala de Godó, e fazer com que se busque outras formas de expressão como o grafite.

Entendendo a pichação como uma produção versátil dentro de um tempo e espaço os pichadores produzem a cena de Manaus com suas experiências e histórias. Pedimos então para enriquecer ainda mais o entendimento sobre pichador e pichação que eles contassem uma experiência que foi marcante em suas ações como pichadores na qual reproduzimos abaixo.

“Uma vez a gente foi pichar, vindo lá do centro de uma festa, eu e uns colegas meu. Fomos dar um pixo, éramos cinco, aí um passava o pano e o outro ia pichar. Aí o dono da casa viu, e ficou puto. Ele era um policial mano. “Mermão, por que picharam minha casa”. E o cara correu atrás da gente, e nós corremos uns 5 kilometros. E o cara ia chamando todo mundo “É pichador, pega pichador”. Aí nós cansamos, fomos dar uma descansada e tomar um refrigerante. Foi só abrir e colocar no copo e lá vem o cara no carro dele até o bico de arma, dando tiro na gente. A gente se desviando, correndo, pra sair mais rápido. Cada um correu pra um lado. Eu pulei num quintal, o outro entrou numa oficina, outro já deu a volta. Ele acabou pegando um parceiro nosso, e ele pegou umas sabacadas, uma porrada legal aí o cara ficou muito puto. Desde aí eu fiquei mais atento nesta parada, isto me marcou muito. Este meu brother que pegou um tapa até hoje não quis fazer mais disto, não quis mais nem saber. Mais é isto mesmo, o cara não vai bater palma pra ti, se você picha na casa dele. Ele vai gostar?” (GODO)

“A tela mais doída que eu peguei foi eu e o Plink lá na bola do produtor , na garagem da PM, e olhando de cima eu nunca imaginei estar lá, não. A altura era grau e era pra passar mal e eu me taquei do Alvorada pra lá pro Jorge Teixeira. E fazendo lá feião, vendo os motoboys bem ali, os taxistas aqui, passando as putas e a gente lá em cima” (AONDE)

“Uma vez fui pichar um prédio, mas a marquise só dava pra um pixo de corda. Só que eu tinha um pouco de noção de rapel e de raciocínio lógico. A corda era lisa então tinha que fazer obstáculo para o dedo não correr. Os dois manos que estavam comigo estavam segurando ela, mas teve uma hora que eles não aguentaram a pressão e largaram a corda com tudo. A corda correu e travou nos nós que eu dei. Se eu não tivesse feito o nó e tivesse só ido no lance do dedo, tinha corrido, quebrado meu dedo e caído lá em baixo, num prédio de quase 15 andares. Fiquei com medo, na hora. Pensa num cara que fica gelado... o cara estatala, congela o espírito tudo".
(PIRATA)

Vemos na primeira história uma fuga de um policial que poderia terminar em morte. Como o próprio Godó disse isto foi muito marcante e modificou seus entendimentos e sua prática. Percebe como já expusemos os diversos riscos que o pichador assume ter nesta prática ilegal. E no final percebemos ainda uma concordância com a atitude violenta que embora atingisse diretamente o policial foi equivocada legalmente. No entanto por se tratar de um pichador antigo e que hoje possui outras formas de entendimento não há um grande risco desta situação se repetir.

Na segunda história há um relato de um fato onde o pichador se superou ao pichar em um local perigoso e distante que ele nunca imaginaria estar. Este sentimento como discutimos antes faz o pichador sentir-se diferente das outras pessoas que estão em suas atividades “lá em baixo”. O outro pichador cujo o nome/tag era Plink faleceu ao cair de um outro prédio. A última história mostra um momento bastante tenso em uma experiência que poderia ser fatal e que causou um grande medo no pichador. Este relato mostra que muitas vezes o risco é muito grande e que este pichador dão suas vidas para deixar sua tag ou alguma mensagem lá.

5.3. O Espaço urbano e os lugares de pichação

A pichação possui um forte ligação com o espaço urbano e para algumas pessoas é uma das formas de registro das grandes cidades. Desta forma como explicitou Ramos (1993) a pichação usa também a cidade como suporte já que seu espaço é tomado por um todo com mensagens dos indivíduos e grupos de pichadores que percorrem todo seu perímetro. Veremos como os pichadores atuam nos diversos âmbitos que englobam o espaço urbano e como escolhem os lugares para atuar neste espaço.

“Pra mim uma cidade sem pixo teve um avanço cultural muito forte, um apoio muito forte cultural. Rolando desde local pra se encontrar, pra expor a arte, pra expor música, tudo. Mesmo assim ainda ia rolar o pixo, mas ia rolar mais consciente.” (PIRATA)

“A cidade está um caos e a gente não conseguiu vencê-lo, a gente está sem poder, mas a gente é ativista e a gente reivindica, vai pra rua, picha, e busca uma melhoria pra cidade, tá ligado? Eu acho que a galera tem que expandir o conhecimento, ter acesso a internet, acesso a livros pra ter conhecimento, por que se manipulam os menos favorecidos.. A galera ainda é muito leiga, a nossa biblioteca está fechada a anos e ninguém quer saber disto. E se usa muito a internet, lan house, rede sociais, mas pesquisar mesmo, ninguém quer saber. E não é interesse do poder público que se tenha reconhecimento do que está acontecendo que realmente se passa. [...]Qualquer cidade que você vá existe pichação, então não tem como você fugir disto, acabar isto. Vai criar um projeto, mas vão nascer outros que vão fazer isto também?” (LIU)

“As vezes a gente anda nos interiores e vê cidades sem pichação. Uma cidade limpa, onde tem preocupação da população comprar tinta, pintar sua casa, ou algo público, sente uma coisa mais seguro. Não é como cidade grande que tem muito pixo, onde dominam qualquer área.” (GODO)

A fala de Pirata mostra que a pichação ocorre atualmente como em uma cidade que deixa os jovens desamparado sem opções de lazer, sem acesso as artes a cidade, sem espaços que produzam outras formas de encontros. Não que esta cidade seja uma causa da pichação mas sua existência dentro desta forma faz com que as pessoas componham dentro dos possíveis desta realidade. Como mostrou Castells (1983) o espaço urbano é organizado conforme os valores presentes no sistema capitalista.

Sendo assim podemos entender a pichação como expõe Baudrillard (1996) em uma tentativa de desvirtuação destes valores como a individualidade e a propriedade privada desterritorializando um espaço urbano codificado e o devolvendo-o ao território coletivo. Por isto Pirata mostra que uma cidade sem pichação, ou com uma pichação mais consciente, já conseguiu se tornar uma produção coletiva onde os espaços são utilizados para o benefício de todos. Daí podemos conceber que a pichação ocorre também devido a falta de espaços de vivências e produções de interesses dos jovens e por isso eles se apropriam do existente para

suas práticas. Por isso aquilo que Fischer (S/D) chama de apropriação selvagem não é válido, pois quem se apropria dos espaços públicos, produz serviços ineficientes e cria a segregação do espaço urbano e suas consequências são os governos a partir dos valores do modo de produção vigente. Esta forma de apropriação capitalística faz com que grande parte das pessoas vivam situações degradantes, entretanto ao mesmo tempo expõe seus signos por diversas vias, inclusive espacialmente, para que as pessoas se alienem de sua condição e se individualizem fechadas em seus ghettos e crie uma sociedade da invisibilidade. No entanto sabemos que há diversas formas de movimentar resistências para que estas formas de organização seja esvaziada e a pichação auxilia neste processo de esvaziamento dos signos presentes no espaço da cidade (BAUDRILLARD, 1996).

Esta forma de resistência contra a ensignação destes valores no espaço é confirmada na fala de Liu que coloca a pichação como uma alternativa ao "caos urbano". Percebe em seu discurso uma prática atuante onde se coloca como um ativista pichador buscando uma transformação da situação da cidade. Ele mostra ainda que a pichação é parte do espaço urbano mas também uma reação a forma constituída que impulsiona a passividade. Desta forma a pichação envolve pessoas com diversos interesses e como Liu falou ela não pode ser resolvida com um projeto pois a pichação não são apenas as pessoas que compõe a cena, mas uma subjetividade que fará novas pessoas aparecer se não com a pichação com outra atividade. Vemos também um entendimento sobre a singularidade do pichador que age não apenas por causa das limitações do espaço e imposições dos valores mas por escolher agir diferente.

Certamente não são todos pichadores que concebem este mesmo entendimento, mas mesmo assim percebemos que por mais "vandal" que seja a pichação ela sempre é uma subjetividade que envolve os pichadores que compõe a cena da cidade e que se modifica como já discutimos anteriormente.

Outro ponto importante na fala de Liu é que percebemos um interesse político (no sentido de habitante ativo da polis) de que a cidade produza novas formas de pensamento através da educação e por isso ele faz uma leitura da falta de acesso e interesse a arte e educação por via do mal uso de ferramentas como a internet, e as bibliotecas públicas e

acervos históricos que fecham sua porta ao povo e se tornam fonte de interesses privados. Esta análise espacial da cidade, do ciberespaço e de seus usos demonstram que o pichador não é alheio a realidade ou apenas um destruidor dos espaços, mas é alguém que acredita, age e se posiciona como um cidadão comum e parte da sociedade civil organizada. Neste sentido que vemos que a pichação pode ocorrer através de protestos e ativismo e aparecendo como uma das formas de impedir o aniquilamento das relações sociais urbanas. Como ainda mostra Santos (1996) a desigualdade social e a pobreza não decorrem apenas da imposição de um modelo econômico excludente mas da produção de um espaço urbano baseado neste. Isto não quer dizer que a pichação é algo socialmente benéfico e que deve ser aceita socialmente como uma prática benéfica. É apenas uma demonstração de que estes jovens que atualmente são pichadores tem uma leitura social crítica e que posteriormente podem auxiliar na transformação da realidade de suas comunidades com práticas mais aceitáveis.

Godó explicita também a ideia do cuidado e do pertencimento ambiental que existe em zonas mais distantes dos centros urbanos. Pode-se fazer uma leitura de que no interior as pessoas possuem um centro maior de pertença social e produzam conseqüentemente um maior cuidado ambiental (FISCHER, S/D). Não obstante é importante descobrir o por que existe esta discrepância entre o cuidado ambiental das cidades grandes/pequenas e esta relação com a pichação.

Conforme versa Lefebvre (2008) os valores presentes espaço físico é diretamente influenciado pelos valores econômicos presentes naquele tempo e espaço e que com a maior complexidade da construção dos sistemas econômicos maior é deixado de lado os espaços sociais da cidade. Assim a partir do surgimento do capitalismo entramos em uma zona crítica que produz o controle e passividade social do espaço urbano (LEFEBVRE, IBID). Esta ideia complementa com a discutida com Baudrillard (1996) onde além do espaço físico, a subjetividade da cidade é modificada a partir de uma ensinação das relações socioambientais.

Portanto esta diferença da cidade e do interior se dá a partir desta ótica da complexidade econômica-espacial que é menor nos municípios menores. E como a pichação é uma prática contrária a estes valores impostos significamente nas relações ela estará presente

quanto mais explícito forem estes e mais consequências eles tiverem sobre os habitantes. Este sistema de valores são difundidos através dos aparelhos ideológicos do estado que amplificam a subjetividade deste sistema (ALTHUSSER, 1980 *APUD* SOUZA,2005). Obviamente os locais mais distantes dos grandes centros também sofrem influência desta subjetividade mas devido as práticas coletivas serem bastante forte e superarem a individualidade, entendemos que existe um impacto menor no cotidiano das pessoas e estas se mostram mais autônomas.

Assim vemos que o espaço e as práticas que nele ocorre são bastante ricas e cheia de significados complexos que Fischer (S/D) chama de teia semiótica. Gibson (1977) *apud* Oliveira e Rodrigues (2006) concebe a relação do homem com o meio a partir de sua teoria das *affordances* onde o ambiente possuem elementos que influenciam diretamente a ação do homem e que pode ocorrer também a partir do quadro funcional (FISCHER,S/D) onde a o espaço é organizado a partir da função de seus componentes que a partir de seus arranjos influenciam a ação do homem. Além disso, Lynch (1999) entende que o espaço produz representações mentais que moldam a nossa ação, pois com elas criamos uma imagem do ambiente que entra em constante mudança a partir de novas relações do homem com espaço.

Como debatemos anteriormente, o espaço possui influência nas relações e é composto por signos constituídos e pela relação dialética com os seres humanos. Por isso não podemos limitar o entendimento apenas na teoria das *affordances* onde o espaço age diretamente sobre o homem. Desta forma veremos como os diversos lugares presentes no espaço urbano são relacionados com a pichação, mas primeiramente trataremos sobre os fatores de atração.

“Me atrai é um lugar meio inusitado, que ninguém chegou a riscar... vou ser o primeiro e todo mundo vai ver. Tem que ser algum lugar que dê um impacto na cidade, que pensem: O cara deu um picho ali. Como ele conseguiu fazer lá? Aí fica na memória.”(GODO)

“Me chama atenção um lugar que eu saiba que não vai prejudicar ninguém, como uma placa de publicidade da prefeitura, beira do esgoto, pois eu sei que minha pichação vai durar mais tempo. Não é nem por que eu quero poupar os outros não, poupar os caras que tem dinheiro. É mais sabendo que vai demorar mais(...)Quando eu vejo que o muro é bonito, argamassa, tá lisinho, tinta de gelo, a casa tem arame

farpado, fio elétrico deste que dá choque, já sei que vai durar pouco a pichação."
(AONDE)

“O que me atrai num lugar é um muro mal acabado, cheio de musgos, um muro em uma avenida principal, onde a galera vai passar de ônibus, vai ver e refletir sobre a minha ideia e vai compartilhar dela. Este muro me interessa muito e onde eu puder buscar ele eu vou correr atrás sim.” (LIU)

Godo mostra que a partir de suas percepções se sente atraído por lugares onde sabe que será visto por muitos e concebe que isto dará um impacto na cidade. É comum que os pichadores escolham lugares onde terão destaque temporário, pois serão o único a pichar lá. Ele coloca também a questão da memória que pode soar um pouco estranho devido a efemeridade da pichação, mesmo sabendo que os pichadores escolhem também lugares onde a pichação tenha uma grande duração como vemos na fala de Aonde. Desta forma conversando com diversas pessoas mais velhas e não pichadores percebemos que se lembram de algumas pichações que traziam algumas mensagens. Desta maneira uma ou outra mensagem da pichação pode ficar na memória de algumas pessoas, além de ficar presente temporariamente na composição de partes da cidade. No caso dos pichadores a pichação representa uma matrícula simbólica nos lugares que recusa o discurso organizado e se forma na troca coletiva dos grupos (BAUDRILLARD, 1996). Assim por mais que as pichações sejam apagadas a relação entre os grupos de pichador criam uma memória e também uma forma de linguagem que expressa as relações destes grupos.

A fala de Aonde mostra que um dos atrativos do lugar é a possibilidade de permanência da pichação nele. Ele ainda explica que não tem intenção de prejudicar ninguém, mas deseja que sua pichação persevere. Ele explica que sua escolha não visa poupar os mais abastados e ao continuar Aonde mostra uma concepção no espaço quanto a um tipo de residência em específico. Isto mostra que ele obteve através de suas experiências e também interesses esta concepção sobre este tipo de espaço. Todavia sua concepção foi engendrada a partir dos lugares deste tipo que podem demonstrar uma recusa e reclusão maior que outros e por isso não dures tanto. Logo há uma interação dialética com o espaço que cria uma atração ou desinteresse por aquele tipo de local.

O pichador Liu demonstra que tem um interesse de transformar um muro decrepito e desvalorizado em uma forma de informação. Assim nota-se um interesse em apropriar-se deste espaço para devolvê-lo a população através de sua produção no espaço que trará um conteúdo. Percebemos um grande interesse do pichador nesta interação com a cidade para que esta saia de sua constituição habitual, ensinada, imobilizante para novas possibilidades. Não se trata aí de uma pichação "vandal", mas de algo que carrega em si parte de uma coletividade.

Esta atração pelos lugares como já explicamos nasce da composição do corpo-pichador com o corpo-lugar urbano constituidor/constituído dos diversos valores sociais que atravessam os espaços e pessoas e produzem formas de comportamentos e condutas como discutido por diversos autores.

Esta atração é atualizada na prática com a escolha do lugar e atuação do pichador. Mas esta escolha do lugar não é banal ou aleatória como muitas vezes as pessoas podem pensar. O pichador escolhe os lugares conforme esta relação dialética com o espaço e em sua interação a partir da singularidade/coletividade.

“Eu procuro um lugar onde vejo que meu pixo vai rolar, procuro passar de ônibus e ver, estudar o lugar. Onde eu achar que meu pixo tem que estar eu faço, não é em qualquer espaço. Sempre busco o lugar onde quero deixar um pixo, não é na doida, e sim onde eu vejo que meu pixo tem que estar lá. E vou nesta missão para fazer.”
(GODO)

“Chego em um lugar onde está mais limpo, ai chega, vê a tela e pensa: “Esta tela vai ficar bacana se eu der um pixo.” Ai tu vai ver como vai fazer o teu pixo, tu vai ficar olhando pra ela “vai ficar bacana assim” faz a parada mesmo. Eu prefiro pintar um muro do que um prédio.”(ZETA)

“O local mais visto pelo pichador é o centro, e a (av.) Constantino Nery. As vezes escolher um lugar é meio difícil pois já está tudo pichado, onde tiver um espacinho dá pra meter algum pixo. Em segundo plano pra mim vem estão estes bairros onde moram estes burgueses, os caras ricos. Sempre a gente da uma olhada onde mora estas pessoas mais chiques, andam com nariz empinado pra cima. Nestes lugares

também são um alvo onde a gente bota uma frase mais de humildade para eles" (GODO)

"Eu prefiro pichar a Zona Leste por que todo mundo que mora em Manaus vai pro Centro, mas nem todo mundo que mora aqui vai pra Zona Leste, e o barato de pichador é tocar longe do seu bairro. E quanto mais longe é mais difícil, mais perigoso, tem um monte de barato que faz ser um lugar bom para o pixo" (AONDE)

"Eu não picho perto de casa, no DP, mandar frase para policial gaiato, eu não faço isto não, por que pode pegar pra nós, não pra mim, mas pra algum colega meu. Agora eu picharia um lugar como o Teatro Amazonas, é mais difícil, mas não ia fazer feio não".(AONDE)

"Não exista um local que eu gosto mais de pichar. Não existe uma hora certa, algo programado. O que me atrai em um lugar é a superação, tem que ter um desafio, tem que valer a pena pra mim mesmo." (PARADISE)

"Acho que minha pichação fica melhor em uma via pública onde tem uma grande movimentação de ônibus, de carros pois esta via é relevante pra sociedade passar e ver. O Centro é bom para o pixo pois tem todo um contexto histórico, ele conta muito a história de qualquer cidade. O centro é visto por todo mundo."(LIU)

O fato da escolha não ser aleatória fica bastante claro em quase todas assertivas acima. Godó e Zeta explicam que há um estudo ambiental que é feito para que a pichação esteja bem situada em um lugar conforme o estilo do pichador. Vemos que esta inscrição urbana não é feita em qualquer lugar e sim aonde se vê a necessidade daquela mensagem. A disposição para fazer, a adrenalina, os posicionamentos, as preferências e outras variáveis passam por esta escolha. Todos comentam os bairros ou tipos de lugares que gostam mais e escolhem pichar. Como já discutiram Gitahy (2002) e Pereira (2010) o local de encontro e mais pichado é o centro da cidade, o que se confirma com Godó e Liu.

Há inclusive a fala de Liu e Aonde há percepções diferentes sobre a escolha do lugar: enquanto Liu pensa que o centro é bom pois todos o visitam, Aonde coloca que bom é ir longe de seu bairro e do centro pois no centro todos vão, então quanto mais distante do centro melhor por que existe uma emoção maior. Mas isto não é uma contradição já que a escolha envolve um sujeito ativo em suas vivências e escolhas.

Há ainda como afirmou Godo um direcionamento da pichação aos mais abastados estes que contribuem dentro dos valores capitalistas como excludores. Mais uma vez é colocado a humildade como um valor para o pichador que força os "burgueses" a sair de sua passividade patronal para ao menos sentir-se um pouco incomodados.

Vemos que alguns nestas colocações e veremos em outras a frente que há lugares os pichadores excluem de sua possibilidade como pichador como um Distrito policial, onde pode acontecer algum conflito propiciando a violência policial, ou ainda espaços públicos. Todavia Paradise exclui uma forma de escolha no lugar, deixando claro que para ele as coisas acontecem a partir da relação momentânea com o espaço que o desafia, posição que de alguma forma se mostra oposta aos outros que em geral escolhem as vezes até com antecedência. Contudo isto não mostra algo negativo, pois pode mostrar outras formas de uso social do ambiente nesta relação repentina com os lugares.

Estas escolhas prévias ou não do espaço se junta com os valores e vivências de cada pichador e nos faz compreender as formas da pichação atuar na cidade. Dentro destas escolhas, no entanto, podem haver diferenças como vimos entre as práticas e estilos de pichadores inclusive do mesmo grupo. No caso da escolha dos espaços além dos espaços que eles preferem pichar conversamos com eles sobre como eles entendem a diferença da pichação de um espaço público para um privado.

“Certamente pichar algo público eu não picho. Um lugar que eu vejo que foi feito agora e vou logo fazer um pixo? Eu não picho assim não, prefiro pichar em um lugar meio sujo, não um patrimônio novo. Eu já falei com vários pichadores pararem com esta onda aí. Inauguram uns locais legais como o Parque dos Bilhares, e o cara espocar no picho, sujar aquilo lá, vai estar errado pra caramba” (GODO)

“Um lugar público não gosto de pichar. Sei lá, me sinto mal. Tanta tela doida pra você, mas onde rola visita de criança, local público e igreja eu não gosto. Nem escola... eu respeito muito. Tem muitos que fazem, mas meu conceito é outro. Eu me sinto mal pra caramba se eu pichar um colégio, por que é um lance que vai servir o público. Não vou dizer que não rolou vontade, mas os conceitos foram maiores” (PIRATA)

“Pra mim não tem diferença pichar algo publico ou particular, por que mesmo eu não querendo admitir é Ibope, e o cara ta na onda, e eu gosto de rabiscar não tem desta, não importa onde seja... tem este vício, esta dependência. Se na cidade não tivesse pichação eu ia fazer, um incentiva o outro.”(AONDE)

“Eu gosto de pichar viaduto, tipo um lugar que a prefeitura fez, aí fica bacana. Mas tem lugar que o cara pede pra fazer também, então é beleza lugar público”(ZETA)

“A pichação independente do local onde ela for feita ser privado ou ser público, ela sempre tem este foco de ilegal, mas mesmo ilegal a gente vai fazer o trabalho, eu onde der de fazer eu faço. O que eu puder fazer pro meu irmão que tá na rua ver, e ter o pensamento sobre determinada coisa que está acontecendo no nosso estado, na capital, no nosso Brasil, eu faço. ”(LIU)

Existem aqui duas posições entre os pichadores: a primeira entende que há uma diferença entre os espaços público e privado enquanto que a outra vê que. Os dois pichadores, Godo e Pirata, que abominam a pichação dos lugares públicos possuem muito mais tempo na cena, pichando há pelo menos 10 anos ao contrário dos outros que se mostram mais jovens. Além disso, os dois se conhecem há bastante tempo, tiveram muitas vivências junto e participam da mesma gangue.

Portanto o importante é perceber a razão por esta escolha já que eles entendem que um espaço onde já é possível fazer um uso social pela juventude não deveria ser pichado pois seria uma forma de vandalismo de lugares que beneficiam a população. Além disso, fica claro que este tipo de espaço pertence a todos então já é possível ter uma relação coletiva com ele.

Existe então um outro conceito como explicou Pirata baseado em uma eticidade. Há um entendimento levantado de não pichar lugares onde tenha visita de crianças. Talvez com um entendimento de má influência, mas também por criar um valor naquele espaço que interpelará todas as pessoas que por ali passar.

Já os outros pichadores mostram que há uma indiferença ou até preferência por lugares públicos. Aonde mostra que quando o pichador está na rua, na adrenalina risca em qualquer lugar, pois ele está fissurado por pichar como se fosse um vício e como já colocamos anteriormente esta febre do pixo envolve toda a cena que potencializa sua produção. Liu já

tem um entendimento que o tipo espaço onde ela será feita (público ou privado) não importa para ele, pois há um entendimento que é o que é mais importante é a mensagem reflexiva que alcançará as pessoas. Ramos (1993) mostra que em São Paulo alguns pontos estratégicos (em geral públicos) como os viadutos são utilizados para colocar certas mensagens reflexivas que serão lidas ao fim do dia quando todos saem do trabalho explorador pegam o seu transporte (público ou privado) e na falta de trânsito pelas ruas serão forçados a ler estas mensagens. Estes viadutos também atraem Zeta que entende mais a questão da visibilidade do que com o protesto. Além disso, ele expressa que há certos lugares que “pedem pra fazer [a pichação]” que de certa forma demonstra as *affordances* presentes em certos espaços e influenciam o pichador (GIBSON, 1977 APUD OLIVEIRA E RODRIGUES, 2006).

Por ser uma cultura de rua percebemos na conversa com os pichadores algumas falas que tocavam diretamente sua presença no espaço das ruas, algo que pode ser considerado um espaço de deslocamento que durante o dia abrange sua função de ligar as distâncias espaciais nos bairros e na cidade e que na madrugada perde um pouco suas funções. Para o grupo de pichadores a rua é um espaço de errância (FISCHER, S/D) pois é para os pichadores um espaço essencial para suas experiências a partir de uma ruptura com os espaços já constituídos (familiar, do trabalho) regido por uma subjetividade rígida e onde as relações são em geral sistematizadas. Entretanto não entendemos que para o pichador a rua é um espaço de desenraizamento com a sociedade como coloca Fischer (ibid) pois como mostramos anteriormente o pichador pode ser alguém que está no mundo e pretende produzir turbulências em sua estaticidade. Vemos na falas abaixo o que os pichadores colocam em sua relação com o espaço e a cultura de rua.

“O que me fascina também é este negócio de estar na rua, de conhecer a galera, de trocar ideia, de falar opinião, de saber qual é o conceito deles. ” (PIRATA)

“A pichação é uma raiz sempre deixando sua marca, nunca deixa a rua morrer.”(GODO)

“Por que tem vários artistas na rua fazendo malabares, fazendo bloco, pichação, grafite, street art. É uma alternativa por que você quer ir na rua, não tá conformado com o que está rolando na cena e na alternativa você pega o conhecimento que tem, estuda e você vai fazendo seu protesto.” (LIU)

Vemos nestes comentários que a pichação produz faz parte de uma produção constituinte que vai além dos valores ensinados como válidos e que são impostos. Os jovens em geral utilizam da rua como um espaço coletivo, sendo comum ao andarmos pela madrugada pelos bairros (principalmente os periféricos) e pelo centro, vemos os jovens fazendo um uso social daquele ambiente de maneira diferente daquelas que a manhã vem desvelar, mas que há muito tempo já estão expostas.

A rua é um espaço coletivo de troca para os pichadores que colocam em evidência suas experiências e concepções de sua singularidade para construir sempre outros entendimentos como expôs Pirata. Tomada por diversos grupos que estão insatisfeitos com as formas de produção sociais do espaço e que com isto tomam as ruas e busca fazer neste uma imersão de uma cartografia voltados para a coletividade (GUATTARI,2003). A noção de cartografia exposta aqui se refere a uma produção coletiva feita através da inteligência e desejos presentes na singularidade de cada um e que desta forma criem novas formas de saberes e dizeres que tenham um maior interesse para o coletivo. Neste sentido que Godó diz que há uma raiz na pichação e outras atividades que não pode deixar esta produção morrer e se tornar algo que imobilize as relações.

Por fim, durante a entrevista mostramos as fotos de alguns lugares fotografados durante a categorização fotográfica e pedimos para que escolhessem algum daqueles lugares para fazer uma pichação e justificassem sua escolha. Vejamos o que eles expuseram.

“Eu escolho o local abandonado, pois lá o picho vai durar um bom tempo, por que o lugar já esta parado faz tempo. Pra mim é o ideal por que vai ficar mais tempo, fica eterno.” (GODO)

“Eu escolho o local abandonado. Mesmo que o local abandonado seja um patrimônio público, o governo não valorizou ele. Eu chego lá, e eles acham que minha pichação poluiu, mas poluir mais do que um local abandonado tá poluído. A pichação aqui chama atenção por um lado, mas deixa de chamar por outro, por que se não for na forma de um protesto ela é apenas mais uma pichação” (PIRATA)

“O que mais chama atenção é o local abandonado por que ele por si só já tem uma visão de algo que foi excluído da sociedade e dá visão pra sociedade ver o trabalho de alguém e reivindicar o que poderia ser este local, um espaço comunitário.” (LIU)

“O local abandonado é o melhor por que dá um contexto diferente a pichação e também por que ele faz com que a pichação dure mais.” (TAI)

“Prédio de condomínio onde mora os caras, estragar a tinta dos cara.” (AONDE)

“Patrimônio Público por que é mais gaiato, mais vandalismo.” (ZETA)

Percebemos que a maior parte dos pichadores escolheu o local abandonado por diversas razões. Primeiro este tipo de espaço já foi excluído e é inútil para o modo de produção vigente. Esta possibilidade de utilizar, protestar e de certa forma devolver o espaço para o coletivo como coloca Baudrillard (1996) está presente neste tipo de lugar. Com uma produção marginal como a pichação o espaço abandonado fica ainda mais desinteressante e abandonado para aqueles que o abandonaram além de tentar reforçar para a sociedade civil organizada o abandono deste lugar que poderia ser usado como espaço coletivo como demonstrou Liu. Há diversos exemplos de pichadores e grafiteiros que usam espaços abandonados para protestar como no caso de Buiu em Manaus e das artes no esgoto feita por Zezão ou a pichação limpa de Orion ambos os casos de São Paulo. O último fator de interesse pelo local abandonado é a duração maior da pichação já que grande parte das vezes o local permanece abandonado por muito tempo. É comum vermos pichações inclusive em casas que há muito tempo foram abandonada ou em terrenos baldios.

Nas falas dos pichadores mais jovens, e que não diferenciam uma pichação num espaço público de uma em um privado, vemos que existe um entendimento diferente dos outros. Eles estão muito mais ligados na agitação, adrenalina e no vandalismo e por isso usam argumentos que mostram uma concepção que na linguagem dos outros pichadores carece de conceitos sobre a pichação. Eles buscam mais estragar e não transformar, algo que vai em direção contrária do que um pichador disse anteriormente que nem sempre o pichador quer danificar, conspurcar ou se apropriar indevidamente de um espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se dedicou à investigação do complexo fenômeno da pichação que ocorre em espaços urbanos de Manaus e de todo o mundo. Neste caso me limitei aos aspectos sócioambientais da pichação. A pichação é uma prática que tem raízes profundas na história humana. Mesmo assim ela não é unívoca tendo diversas formas de expressões, significados e motivações que dependem da vivência e singularidade de cada pichador. Desta maneira, a pichação não pode ser tomada apenas na visão de um crime ambiental como propõe as leis ou como uma forma de vandalismo e apropriação selvagem, pois os pichadores possuem outros entendimentos, tecendo em seu contato nas noites da cidade relações significativas de sociabilidade. Estes jovens que possuem uma leitura dos valores sociais presente no espaço urbano e utilizam da pichação como forma de expressão e/ou protesto. Desta forma não concebi a pichação apenas como uma consequência apenas da exclusão social, mas como uma escolha dos jovens em serem protagonistas em suas escolhas como cidadão e como pichador.

Os grafismos urbanos tem em sua prática uma ferramenta de transformação do espaço urbano. Percebemos em nossas entrevistas que estes jovens conceberam a pichação como uma forma de vandalismo, reconhecimento, envolvimento coletivo na cena, literatura social, protesto, prática ilegal. Para os mais diversos fins eles utilizam o espaço urbano, e fazem as madrugadas da cidade serem ocupadas criando diferentes usos sociais dos ambientes além de fazer com que estes jovens tenham vivências em grupo lhes possibilitem criar uma interação social com valores diferentes do constituído, sem busca pela individualidade e da propriedade em uma complexa relações com sua juventude nos espaços mais variados da cidade. Além disto, existem algumas características presentes nestes pichadores atuantes que possuem vontade de se destacar, se sentem incompreendidos, marginalizados, diferentes, conscientes

ao mesmo tempo em que acreditam que o que os diferencia dos outros seja sua motivação para discutir, enfraquecer os valores que tornam as pessoas passivas e individualizadas.

Pude nesta pesquisa apreender muito sobre a forma de atuação do pesquisador no campo, ainda mais por se aproximar de jovens que se mostraram por diversas vezes desconfiados da minha presença. Tive diversas tentativas até conseguir me encontrar com os pichadores. A categorização fotográfica foi bastante importante e válida como método, pois a partir dela, pude ter contato com diversas formas de expressão e conhecer também alguns estilos e nomes de pichadores que auxiliaram no primeiro contato com os mesmos. Uma atitude desinibida me auxiliou neste contato quebrando um pouco a desconfiança, mostrando que de forma nenhuma teria como prejudica-los. A pesquisa ocorreu sem deixar qualquer. Neste encontro inicial apenas conversei bastante e me inteirei para ganhar a simpatia e confiança deles e isto foi bastante importante. Após isto alguns se mostraram solícitos em participar e pude enfim fazer as entrevistas. Achei bastante importante me mostrar como pesquisador e também como um jovem que existe como sujeito/objeto e que assim como eles busca fazer trabalhos diferentes daquilo que é constituído pelas concepções das instituições cerceadoras. O mestrado foi uma oportunidade de ampliar muitos entendimentos e em aprimorar a presença existencial como pesquisador. Houve diversas dificuldades de todas as ordens e falhas como estudante, todavia nunca me senti incapaz da produção desta dissertação, embora muitas vezes desconfiei se que estava no caminho certo. A partir destas experiências, vejo que o tema que envolve os pichadores é bastante amplo, por isto em próximas pesquisas pode ser estudado a sociabilidade dos grupos de pichadores de forma mais ampla, a pichação feitas por estudantes escolares, a dinâmica dos pichadores na ocupação noturna dos espaços urbanos, pichação e territorialidade.

Como forma de suplementar concepções sobre a pichação na cidade visitei órgãos alguns públicos. Percebi que assim como parte da sociedade, nestes órgãos há um certo descaso com os pichadores onde além de não dar valor, não veem os pichadores como pessoas que possuem desejos, que participam da sociedade, e que fazem de sua prática uma atuação no mundo. É comum ver pessoas, a mídia e o próprio governo criticando estes jovens, mas não temos nenhuma política pública de amplo alcance nos bairros de Manaus. A “cidade” possui a maioria dos bairros sem opção de lazer, sem projetos sociais, sem contato com as

artes, sem acesso a livros, sem políticas públicas para áreas essenciais como a educação, saúde pública e comunitária, centros comunitários e grupos de jovens, etc. Governada há mais de 30 anos pela mesma concepção governamental Manaus não propicia um espaço saudável para a maior parte de seus jovens fazendo com que haja uma reação “bateu, levou” que cria as práticas ilegais, pois não “rola apoio” como disse um pichador.

Desta forma este trabalho constatou que o jovem pichador possui entendimentos e condições de ser protagonista de sua realidade com sua presença social contanto que haja condições necessárias para que estes se percebam como parte da produção. Assim este trabalho buscou demonstrar que em uma prática excluída pela lei e pela sociedade existem diversas possibilidades de amadurecimento e participação social.

REFERÊNCIAS

1,99: Um Supermercado Que Vende Palavras. Direção: Marcelo Masagão. São Paulo: California Filmes, 2003. 1 DVD (70 min.), son., color.

ABRAMOVAY, Miriam (org). **Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de rocha e Sujeitos Cabulosos**. Brasília: Secretaria dos Direitos Humanos, 2010. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/biblioteca/livro_gangues_sem_a_marca.pdf. Acesso em 25/06/2012.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ANDREOLI, Giovani Souza. **Grafismos Urbanos: composições, olhares, conversações**. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

BARCHI, Rodrigo. **As pichações na escola: uma análise sob a perspectiva da educação ambiental libertária**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Sorocaba-UNISO.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **Kool Killer ou a Insurreição pelos signos**. In: A troca simbólica e a morte. São. Paulo: Ed. Loyola, 1996.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BLEGER, José. **Psicologia de La conducta**. Buenos Aires: Paidós, 1976.

BOMB the system. Direção: Adam Bhalal Lough. New York City: Palm Pictures/Umvd, 2002. 1 DVD importado (131 min.), son., color. sem legendas.

BRASIL. Lei n. 8069, 16 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 set. 1990. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso 08/09/2011

BRASIL. Lei n. 9.605, 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 fev. 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso 08/09/2011.

BRASIL. Lei n. 10.406, 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm. Acesso 08/09/2011.

BRASIL. Edital do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN com notificação a respeito do Tombamento do Centro Históricos do Manaus, Estado do Amazonas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, no 222, Brasília, DF, 22 de novembro de 2010, pp. 18-19.

BRASIL. Lei n. 12.408, 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 mai. 2011. Acesso 08/09/2011

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia: A juventude em questão**. São Paulo: SENAC, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

CASTRO, Lucia Rabelo de Castro; CORREIA, Jane (orgs.). **Juventudes contemporâneas: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

COLORS- as cores da violência. Direção: Denis Hopper. São Paulo: Flashstar Filmes, 1988. 1 DVD (120 min.), son., color., legendado.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nau, 2009.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Set./ Dez. 2003

ERIKSON, Eric. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FISCHER, Gustave N. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, S/D, Col. Perspectivas Ecológicas.

FOUCAULT, Michel. Dois ensaios sobre sujeito e poder In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

FOUCAULT, Michel. **As Verdades e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2003, 3ª Ed.

GAUTHIER, Madeleine. A participação dos jovens na vida cívica. In: CASTRO, Lucia Rabelo de Castro; CORREIA, Jane (orgs.). **Juventudes contemporâneas: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: Nau, 2005.

GIBSON, James. **The theory of affordance**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates. 1977

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, São Paulo: Atlas, 1999, 5ª Ed.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 2002, Col. Primeiros Passos.

GUATTARI, Felix. **As três Ecologias**. Campinas: Papirus, 2003, 14ª edição.

GÜNHTER, Harmut; ELALI, Gleice, A; PINHEIRO, José Q. **A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: Características, definições e implicações**. Série Textos de Psicologia Ambiental, Nº 23. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2004.

HAROUEL, Jean- Louis, **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 2004, 4ª Ed.

KESSLER, Lucenira L. **Diálogos de traços: Etnografia dos praticantes de apropriações visuais do espaço urbano de Porto Alegre**. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

JAEGER, Werner Wilhelm, **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 4ª Ed.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. São Paulo: UNESP, 1998.

LEWIN, Kurt. **Principles of topological psychology**. Nova York: McGraw Hill, 1936.

LUZ..Câmera..Pichação. Direção: Marcelo Guerra e Gustavo Coelho. Rio de Janeiro: Independente, 2011. Não lançado comercialmente (102 min.), son., color

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, Coleção A.

MANAUS. Decreto n. 2.924, de 07 de agosto de 1995. Institui a divisão geográfica da cidade de Manaus e dá outras providências. Disponível em [http://www.ipaam.br/legislacao/MUNICIPAL/decreto%20municipal%20n.%C2%BA%202.924,%20de%2007.05.95%20\(institui%20a%20divis%C3%A3o%20geogr%C3%A1fica%20da%20cidade%20de%20manaus%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias\).do](http://www.ipaam.br/legislacao/MUNICIPAL/decreto%20municipal%20n.%C2%BA%202.924,%20de%2007.05.95%20(institui%20a%20divis%C3%A3o%20geogr%C3%A1fica%20da%20cidade%20de%20manaus%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias).do) c. Acesso 25/09/2011

MANCUSO, Rodolfo de Camargo. Aspectos jurídicos da chamada “pichação” e sobre a utilização da ação civil pública para tutela do interesse difuso à proteção da estética Urbana. **Revista dos Tribunais**, São Paulo, Maio de 1992.

MARCA das ruas, Direção: Djan Cripta. São Paulo: Fundão Z/O produções, 2011. 1 DVD (60 min.), son., color

MILLIE, Andrew. Anti-Social Behavior, Behavioral expectation and an urban aesthetic. **Brit. J. Criminol.**, Oxford, 48: 379-394, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade. **Cad. Saúde Publ.**, Rio de Janeiro, 9 (3), pp. 239-262, jul /set 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004, 8ª Ed.

MEDEIROS, Marcelo Mateus de. **O que dizem os muros da cidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

NANDREA, Lorri. “Graffiti taught me everything I know about space”: urban fronts and borders. **Antipode**, Oxford, 31:1, pp. 110-116, 1999.

OLIVEIRA, Flávio Ismael da Silva; RODRIGUES, Sérgio Tosi. Affordances: a relação entre agente e ambiente. **Ciência e Cognição**, São Paulo, v. 09, pp. 120-130, 2006.

OLIVEIRA, Gustavo Rebelo Coelho de. **PiXação**: Arte e pedagogia como crime. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade- A dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova**, São Paulo, 79:143-162, 2010.

PIXO. Direção: João Wainer, Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Não lançado comercialmente (61 min.), son., color.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Grafite pichação & Cia**. 1993. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica- PUC, São Paulo.

SALES, Ana Célia Garcia de. **Pichadores e grafiteiros**: Manifestações artísticas e políticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Campinas – SP. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade de Campinas (Unicamp).

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996, 3ª Ed.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, 2ª Ed.

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrew. **Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2003.

STYLE wars. Direção: Charlie Ahearn. Warren, New Jersey: Passion river films,1983. 1 DVD importado(70 min.), son., color., sem legendas.

SYMPATHY for the devil, Direção: Jean-Luc Godard. São Paulo: Magnus Opus Collection,1968. 1 DVD (100 min.), son., color., legendado.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro, 2010, 3ª Ed.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

WILD style. Direção: Charlie Ahearn. São Paulo: Magnus Opus Collection,1983. 1 DVD (82 min.), son., color., legendado.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e esclarecido

TERMO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS JOVENS PICHADORES

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Título do projeto: A pichação como fenômeno socioambiental na cidade de Manaus.

Pesquisador: Vinicius Padilla

Convidamos você para participar desta pesquisa que trata sobre a pichação em Manaus. Caso você não entenda alguma parte deste documento, pode perguntar que te explicaremos. O objetivo geral desta pesquisa é investigar os aspectos sócioambientais presentes na prática da pichação no espaço urbano. Além disso esta pesquisa tem três objetivos específicos que são: caracterizar as diferentes formas da pichação, que ocorrem em diversos lugares da cidade; analisar as formas de escolha dos espaços e as formas de apropriação pela pichação; verificar as motivações e significados dados pelos jovens que praticam a pichação.

A pesquisa não tem uma finalidade financeira e os riscos para os pichadores são inexistentes ou baixos, sendo que esta pesquisa não lhe causará nenhum risco legal ou judicial para os participantes. Esta pesquisa vai trabalhar com fotografia das pichações e também com entrevistas individuais com os pichadores e poderá ter uma conversa em uma caminhada. Você está sendo convidado por que sentimos que sua prática como pichador faz parte de nossa realidade social. Sua participação desta pesquisa é voluntária, e você pode decidir se quer ou não participar.

Esta pesquisa vai trabalhar com algumas práticas. A primeira com as fotografias de pichações (presente nos muros, construções, placas entre outros lugares) que serão analisadas além de ilustrar o trabalho. Outra prática será a das entrevistas onde pedimos a sua participação para que responda algumas perguntas em um local que seja confortável e seguro pra você e com isso nos ajude na pesquisa. Ninguém estará presente além de você e do pesquisador ao menos que você queira que alguém esteja junto. Na entrevista gravaremos a sua fala para ajudar a não perdermos nada da entrevista, pois todas suas palavras são importante pra nós. Toda informação registrada com o gravador de voz e este termo assinado por você é confidencial e

ninguém exceto o pesquisador Vinicius Padilla e sua orientadora Profa. Iolete Ribeiro da Silva, terá acesso à informação documentada durante sua entrevista. Sendo assim será preservado o sigilo e anonimato .

Não haverá nenhum benefício direto ou ressarcimento para você, mas você estará ajudando a entendermos como você se sente em relação a cidade e como um jovem que atua na cidade. Antes da apresentação você receberá um resumo com os resultados da pesquisa, e estamos disponíveis para um encontro que traga a devolutiva destes resultados.

As informações registradas serão usadas somente para a pesquisa, não haverá identificação das pessoas que participarem. Estarão disponíveis aos participantes os telefones de contato do pesquisador e da orientadora da pesquisa, caso seja necessário. Pesquisador – Vinicius Padilla, Endereço: Av. Buriti s/n, Res. Eliza Miranda, 4ª etapa, R. 1, Bl B, no 302, Telefone (92) 9631-6845. E-mail: viniciuspadilla@gmail.com. Orientadora Profª Drª Iolete Ribeiro da Silva. Endereço: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Setor Sul, Coroadó I – (92) 9602-4557 e (92) 3305-4127. E-mail: ioletesilva@hotmail.com.

Esta proposta foi aprovada e revisada pelo Conselho de ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP / UFAM) que é um comitê cuja tarefa é ter certeza que aqueles participantes de pesquisa serão protegidos de qualquer dano. Se você desejar saber mais sobre o CEP / UFAM contate (92) 3305-5130, e-mail: cep@ufam.edu.br.

Este termo, em duas vias, é para certificar que eu, _____ após ter lido e entendido as explicações sobre a pesquisa e depois de ter conversado com a equipe responsável pelo trabalho, coordenado pela Profª Drª Iolete Ribeiro da Silva, e tirado minhas dúvidas, CONCORDO VOLUNTARIAMENTE em participar deste trabalho. Estou ciente, também, de que a qualquer momento da pesquisa posso tomar a decisão de não querer participar mais da pesquisa, e que a qualquer momento posso entrar em contato sobre qualquer dúvida.

Assinatura do participante: _____

Testemunha (Se possível): _____

Assinatura do pesquisador: _____

Local: _____

Assinatura

Espaço destinado para impressão dactiloscópica do sujeito (caso necessite)



APÊNDICE B- Roteiro de Entrevista semi-estruturada

1. Fale um pouco de seus primeiros contatos com a pichação.
2. O que mais te influenciou para ser pichador?
3. Como você se sente como pichador?
4. Por que a pichação é algo importante pra você?
5. O que você pretende expressar na pichação?
6. Qual tipo de mensagens você usa em suas pichações?
7. Como você vê a proibição e criminalização da pichação?
8. O que te atrai ou chama atenção nos lugares e que te leva a pichar?
9. Existe algum tipo de local que você prefere pichar? Alguma região da cidade? Por quê?
10. Como você sente ao pichar um espaço privado? E um espaço público?
11. O que representa pra você uma cidade sem pichações?
12. Como você vê a pichação em Manaus?
13. Se você tivesse que escolher um local para pichar agora dentre estes (presentes nas fotografias) qual seria sua escolha e por quê? Qual o tipo de mensagem você picharia?
14. Fale um pouco de uma experiência que você passou como pichador.

ANEXOS

ANEXO A: Estatísticas de processos de crime ambientais da Vara Especial do Meio Ambiente e Questões Agrárias do Tribunal de Justiça do Amazonas.

Estatísticas de Processos em Andamento

Page 1 of 2

Fórum Ministro Henoch Reis - Vara Esp. do Meio Ambiente e Questões Agrárias - Em Dezembro de 2009

Estatística: Processos em andamento

Classe	Processo mais antigo	Tempo médio de tramitação	Distribuídos					Total
			até 2005	em 2006	em 2007	em 2008	em 2009	
Área Cível								
Ação Civil Pública	-	0 dias	89	29	33	31	36	218
Ação Ordinária	-	0 dias	6	1	2	13	15	37
Ação Popular	-	0 dias	0	1	1	1	2	5
Agravo de Instrumento (Recurso)	-	0 dias	0	0	1	0	0	1
ALTERACAO DE LIMITES	-	0 dias	1	0	0	0	0	1
Anulatória	-	0 dias	3	1	1	7	4	16
Apelação (Recurso)	-	0 dias	0	0	0	1	0	1
Carta Precatória	-	0 dias	1	0	0	0	0	1
Cautelar Inominada / Atípica	-	0 dias	6	0	0	4	7	17
DANO	-	0 dias	2	0	0	0	0	2
DANO EM FLORESTA	-	0 dias	1	0	0	0	0	1
Declaratória	-	0 dias	1	0	1	0	0	2
Declaratória de Nulidade de Ato Jurídico	-	0 dias	0	0	0	1	0	1
DENUNCIA	-	0 dias	9	0	0	0	0	9
Embargos a Execução	-	0 dias	0	0	0	1	2	3
Embargos de Terceiro	-	0 dias	0	0	0	0	1	1
Exceção de Incompetência (Incidente processual)	-	0 dias	2	0	0	0	0	2
Exceção de Suspeição (Incidente processual)	-	0 dias	0	0	0	0	1	1
Execução	-	0 dias	0	0	0	0	4	4
Execução de Título Extrajudicial	-	0 dias	0	1	2	9	2	14
Execução Especial	-	0 dias	1	0	0	0	0	1
EXECUCAO DE TITULO JUDICIAL	-	0 dias	1	0	0	0	0	1
Impugnação ao Pedido de Assistência Judiciária (Incidente processual)	-	0 dias	0	0	2	0	0	2
Impugnação ao valor da Causa (Incidente processual)	-	0 dias	0	1	3	0	2	6
Incidentes Diversos (Incidente processual)	-	0 dias	0	0	0	0	2	2
Invasão de Área Verde	-	0 dias	14	0	0	0	0	14
Mandado de Segurança	-	0 dias	6	4	11	14	25	60
Obrigação de Fazer	-	0 dias	0	0	0	0	1	1
Outros - Conversão	-	0 dias	2	0	0	0	0	2
Subtotal		1.573 dias	145	38	57	82	104	426
Área Criminal								
Carta Precatória	-	0 dias	1	3	0	0	0	4
Construção em Solo Não Edificável	-	0 dias	0	2	2	3	0	7
Corte/Poda de Árvore	-	0 dias	0	1	0	0	0	1
Crime Contra a Administração Ambiental	-	0 dias	2	17	11	91	370	491
Crime Contra a Flora	-	0 dias	28	53	53	82	100	316
Crime Contra Ordenamento Urbano	-	0 dias	1	1	0	1	2	5
Crime Contra Patrimônio Cultural	-	0 dias	38	0	0	2	0	40
Crime de Usurpação, Ebulho Posse e Dano(arts.161 a 166,CP)	-	0 dias	0	0	0	1	0	1
Crimes Contra a Fauna	-	0 dias	30	54	38	64	86	272
Destruir/Danificar Área Legalmente Protegida	-	0 dias	4	30	3	3	6	46
Incidentes Diversos (Incidente processual)	-	0 dias	0	0	0	3	6	9
Instalação/Operação Sem Licença Ambiental	-	0 dias	0	2	1	20	1	24
Invasão de Área Verde	-	0 dias	37	4	1	3	3	48
Maus Tratos em Animais	-	0 dias	2	0	0	2	1	5
Outros - Criminal	-	0 dias	17	13	24	10	81	145
Pesca Proibida	-	0 dias	31	10	8	5	14	68
Pichar/Grafitar Monumento Urbano	-	0 dias	0	0	0	1	0	1
Poluição Atmosférica	-	0 dias	6	17	8	7	2	40
Poluição Hídrica	-	0 dias	22	6	2	3	5	38
Poluição por Resíduos Sólidos	-	0 dias	2	8	4	6	4	24
Poluição Sonora	-	0 dias	20	38	47	100	62	267
Representação Criminal	-	0 dias	3	0	0	2	2	7
Subtotal		1.116 dias	244	259	202	409	745	1.859
Total		1.327 dias	389	297	259	491	849	2.285

<http://10.47.60.137:8280/ecp/consultaEstatisticasAndamento.do?tpConsulta=C&mostreVoltar=true>

21/03/2012

FONTE:SAC/ VEMAQA / SAJ: Estatístico (Sistema de automação Judicial)

ANEXO B- Parecer de aprovação do projeto no Conselho de Ética em Pesquisa (CEP/UFAM)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UFAM



PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0491.0.115.000-11, intitulado: **A PICHÃO COMO FENÔMENO SOCIOAMBIENTAL NA CIDADE DE MANAUS**, tendo como Pesquisador Responsável Vinícius Padilha.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 14 de dezembro 2011.

Prof. MSc. Plínio José Cavalcante Monteiro
Coordenador CEP/UFAM

Escola de Enfermagem de Manaus – EEM/UFAM

Rua Teresina, 4950 – Adrianópolis – CEP: 69057-070 – Manaus-AM – Fone: (92) 3305-5130 – E-mail: cep@ufam.edu.br